UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

INVESTIGAÇÃO DAS CRENÇAS DE ESTUDANTES SOBRE A EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NO ENSINO INTEGRADO DO IFMG-SJE

ERIKA EUZÉBIO OLIVEIRA

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

INVESTIGAÇÃO DAS CRENÇAS DE ESTUDANTES SOBRE A EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NO ENSINO INTEGRADO DO IFMG-SJE

ERIKA EUZÉBIO OLIVEIRA

Sob orientação da Professora
Dra. Ana Cláudia Peixoto

e Co-orientação da Professora
Dra. Ana Amélia de Souza

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ
Dezembro de 2019

DEDICATÓRIA

A Deus, porque sem ele não sou nada.

Aos meus queridos Anderson e Samuel que dão sentido a minha vida e me faz muito mais feliz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por me carregar no colo em todos os momentos e mostrar que sempre é possível tentar outra vez.

À minha orientadora Ana Cláudia Peixoto por compartilhar conhecimento e experiência com tanto carinho, e entender todas as dificuldades que surgiram durante a execução do projeto. Muito obrigada por seu apoio e compreensão.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ por conceder a oportunidade de participar dele. Agradeço a todos os servidores dessa instituição pelo apoio e dedicação.

Ao IFMG-SJE por proporcionar a oportunidade de participar desse Programa de Pós Graduação, além da concessão de licença para finalizar esse trabalho.

À equipe do ambulatório médico do IFMG-SJE por entender e suprir todas as ausências para participar das aulas e finalizar a pesquisa. Em especial, à Coorientadora Ana Amélia de Souza pelo incentivo e por acolher várias dúvidas com atenção. Obrigada por sua amizade e companheirismo.

Aos Professores e às professoras do IFMG-SJE, Celminha, Verenice, Elias e Marcus Tesser por concederem um tempo das suas aulas para conversar com os estudantes sobre o projeto.

Aos colegas do IFMG-SJE e IFMG-GV pela oportunidade de conhecê-los melhor, em especial ao Damião pelo apoio na diagramação do trabalho. Muito obrigada por sua disponibilidade.

Aos estudantes que participaram da pesquisa por compartilhar suas experiências e engrandecer o trabalho.

À Aneta Barroso pelo incentivo e apoio, e por ter sido a percursora desse tema em minha vida.

A minha família por me apoiar em todos os momentos, em especial minha mãe, avó e meus irmãos. Vocês têm minha admiração. Amo intensamente cada um de vocês.

Ao meu marido, amigo e companheiro Anderson e meu filho Samuel, pinguinho de gente cheio de sorrisos e beijinhos por compreender o tempo quando fiquei ausente. Vocês são a melhor parte de mim.

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

“Sou feito de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... que me tornam mais pessoa, mais humano, mais completo. E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigado a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de ‘nós’.”

Cris Pizziment.

RESUMO

OLIVEIRA, Erika Euzébio. **Investigação das crenças de estudantes sobre a Educação em sexualidade no Ensino Integrado do IFMG-SJE**. 2019. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2019.

A educação em sexualidade objetiva desenvolver uma visão segura e positiva da sexualidade de jovens e crianças para apoiar a tomada de decisão desse público. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais *Campus* São João Evangelista possui em torno de 612 adolescentes com faixa etária de 14 a 21 anos, fase essa do desenvolvimento humano que pode gerar vulnerabilidades por mudanças físicas, psicológicas e/ou sociais. Por causa dessa peculiaridade da adolescência, o objetivo desse estudo foi o de investigar as crenças dos estudantes das terceiras séries dos cursos técnicos integrados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais *Campus* São João Evangelista em relação à Educação em Sexualidade que receberam durante o tempo de formação nessa instituição. Esse trabalho pautou-se na contribuição teórica de autores como: Altman (2007,2013), Figueiró (2006,2014), Furlani (2008,2011) entre outros. Para a pesquisa, realizaram-se dois estudos: o Estudo I e o Estudo II. O método de pesquisa utilizado para os dois estudos foi o qualitativo. O Estudo I tratou de uma Revisão Integrativa da literatura, e o Estudo II descreveu as crenças dos estudantes das terceiras séries dos cursos técnicos integrado sobre a educação em sexualidade no ensino integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais *Campus* São João Evangelista. O resultado do Estudo I apresentou que os adolescentes compreendem a sexualidade limitada às práticas sexuais e apresentam pouco conhecimento sobre os assuntos abordados. Identificou-se a prevalência da abordagem biológico-higienista nas intervenções, sendo que os assuntos predominantes nas publicações foram os relacionados às IST/AIDS/HIV, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos. Os dados do Estudo I apontaram a necessidade de investir na formação dos docentes e profissionais da saúde para trabalhar a sexualidade de forma abrangente. Vários projetos de extensão vêm sendo realizados em escolas públicas sobre sexualidade, demonstrando uma parceria entre o Ensino de Graduação e Fundamental. Para a coleta de dados do Estudo II, utilizou-se o método de roda de conversa. Participaram das rodas de conversa 30 estudantes, sendo que, o máximo de participantes nas rodas de conversas foi de 9 e o mínimo de participantes foi 3 ; o tempo de duração foi o mínimo de 1 h e máximo de 1h e 22 min. Para análise do Estudo II, utilizou-se a pesquisa narrativa temática. Sobre os temas discutidos com os estudantes do Estudo II, eles apresentaram crenças que estão de acordo com publicações em relação ao assunto e que as discussões na instituição sobre Educação em sexualidade acontecem com pouca frequência, portanto procuram informações sobre o assunto com os colegas e outras fontes. Foi identificada a prevalência da abordagem biológico-higienista na instituição, assim como em outras escolas públicas brasileiras. Portanto considera-se necessária a formação dos profissionais da instituição para trabalhar educação em sexualidade com os estudantes. Sugere-se que aconteçam discussões sobre esse assunto nessa instituição e em outras instituições de ensino para uma compreensão biopsicossocial da sexualidade e mudança de atitude dos adolescentes e profissionais das instituições, para que possamos construir uma educação cidadã, transformadora e respeitosa.

Palavras chave: Educação; Sexualidade; Adolescência; Gênero; Diversidade Sexual.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Erika Euzébio. **Investigation of beliefs about sexuality education in IFMG-SJE Integrated Education.** 2019. 102p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2019.

Sexuality education aims to develop a safe and positive view of the sexuality of youth and children to support the decision of this audience. The Federal Institute of Education, Science and Technology of Minas Gerais Campus São João Evangelista has around 612 adolescents with age between 14 to 21 years, a phase of human development that can generate vulnerabilities due to physical, psychological and / or social changes. Because of this peculiarity of adolescence, the aim of this study was to investigate the beliefs of third grade students of integrated technical courses in relation to sexuality education after joining the Federal Institute of Education, Science and Technology of Minas Gerais Campus São João Evangelista. For this work was based on the theoretical contribution of authors such as: Altman (2007,2013), Figueiró (2006,2014), Furlani (2008,2011) among others. For the research two studies were carried out: Study I and Study II. The research method used for both studies was qualitative. Since Study I was an Integrative Literature Review and Study II described the beliefs of third grade students of the integrated technical courses on sexuality education in the integrated teaching of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Minas Gerais Campus São João Evangelista. The results of Study I showed that adolescents understand sexuality limited to sexual practices and had little knowledge about the topics addressed. The prevalence of the biological-hygienist approach in the interventions was identified, and the predominant subjects in the publications were those related to STIs. / AIDS / HIV, teenage pregnancy and contraceptive methods. The data from Study I pointed to the need to invest in the training of teachers and health professionals to work on sexuality comprehensively. Several extension projects are being carried out in public schools about sexuality, demonstrating a partnership between undergraduate and elementary school. For the collection of data from Study II, the chatting circle method was used. Thirty students participated in the chatting circle, with the maximum number of participants in the circle being 9 and the minimum number of participants being 3, the duration time being the minimum of 1 h and maximum of 1h and 22 min. For analysis of Study II, thematic narrative research was used. On the topics discussed with Study II students, they presented beliefs that are in agreement with publications on the subject and that discussions at the institution about sexuality education take place infrequently, so they seek information on the subject from their peers and others sources. We identified the prevalence of the biological-hygienist approach in the institution, as well as in other Brazilian public schools. Therefore, it is considered necessary to train the institution's professionals to work on sexuality education with the students. It is suggested that there be discussion on this subject in this institution and in other educational institutions for a biopsychosocial understanding of sexuality and attitude change of adolescents and professionals of the institutions, so that we can build a transformative and respectful citizen education.

Keywords: Education, Sexuality and Adolescence, Gender, Sexual Diversity.

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SÍMBOLOS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CONECTA	Sistema de Administração Educacional do IFMG
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
ES	Educação em Sexualidade
FEBRASGO	Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
HIV	Infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana
HPV	Papiloma Vírus Humano
IFMG-SJE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais *Campus* São João Evangelista
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEAS	Programa Educação Afetivo Sexual
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
SBRASH	Associação Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conceitos –chave e tópicos proposto pela UNESCO para trabalhar educação em sexualidade 12
Quadro 2: Organização da educação sexual contemporânea no Brasil..... 14
Quadro 3: Quadro de publicações do Estudo I 28

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Faixa etária dos participantes do Estudo II 48
Figura 2: Gênero dos Participantes do Estudo II 48
Figura 3: Tipo de residência dos participantes do Estudo II 49
Figura 4: Religião dos participantes do Estudo II 49
Figura 5: Curso frequentado pelos participantes do Estudo II 50
Figura 6: Assuntos discutidos em sala de aula do Estudo II 74
Figura 7: Sugestão de assuntos para trabalhar na escola do Estudo II 74
Figura 8: Assuntos discutidos fora da sala de aula do Estudo II 75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 1
2 OBJETIVOS 4
2.1 Objetivo Geral 4
2.2 Objetivos Específicos 4
3 REFERENCIAL TEÓRICO 5
3.1 Adolescência 5
3.2 A Sexualidade e a Adolescência 7
3.3 Educação em Sexualidade 11
3.3.1 Contextualização da Educação em Sexualidade 11
3.3.2 Educação em Sexualidade na Família 15
3.3.3 Educação em Sexualidade no ambiente Escolar 16
3.3.4 Educação em Sexualidade e a Integração entre Educação e Saúde 22
3.4 O Programa PEAS no IFMG-SJE 23
4 METODOLOGIA 26
4.1 Tipo de Pesquisa 26
4.2 Estudo I – Revisão Integrativa da Literatura 26
4.3 Estudo II- Crenças dos Estudantes das Terceiras Séries dos Cursos Técnicos Integrados em Relação à Educação em Sexualidade Após o Ingresso no IFMG-SJE 26
5 ESTUDO I 28
5.1 Procedimentos do Estudo I 28
5.2 Resultados e discussão do Estudo I 28
5.2.1 Definição do conceito de sexualidade na visão dos adolescentes 33
5.2.2 Conhecimento dos adolescentes sobre vários assuntos relacionados à sexualidade 35
5.2.3 Educação em sexualidade 39
6 ESTUDO II 45
6.1 Sobre as rodas de conversa 45
6.1.1 Local da pesquisa 45
6.1.2 Participantes 45
6.1.3 Instrumentos 45
6.1.4 Procedimentos Estudo II 46
6.2 Análise dos dados do Estudo II 47
6.3 Resultados e Discussão do Estudo II 47
6.3.1 Os sujeitos do estudo 47
6.3.2 O que é sexualidade para os adolescentes do IFMG-SJE? 50
6.3.3 A importância de falar sobre Preconceito e Intolerância na Escola na visão dos estudantes do IFMG-SJE 51
6.3.4 Considerações dos estudantes do IFMG-SJE sobre violência de gênero e sexual 55
6.3.5 O motivo do aumento de IST entre os adolescentes na visão dos estudantes do IFMG-SJE 62
6.3.6 O que os estudantes do IFMG-SJE entendem por comportamento sexual e habilidade de comunicação 66
6.3.7 Educação em sexualidade na Escola, entre Pares e na Família na visão dos Estudantes do IFMG-SJE 70
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 81
8 REFERÊNCIAS 84
9 APÊNDICES 92
Apêndice A - Termo de assentimento 93
Apêndice C - Roteiro para conduzir as rodas de conversas 97
Apêndice D - Questionário 98
Apêndice E - Termo de anuência da instituição[1] 99
10 ANEXOS 100
Anexo A - Parecer comitê de ética da UFRRJ 101
Anexo B - Termo de anuência da instituição assinado 102

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado por modificações no desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social que levarão a esforços do indivíduo para alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que está inserido. A adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e a construção de sua identidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social (EISENSTEIN, 2005).

De uma forma geral, os adolescentes encontram-se em uma situação de vulnerabilidade por vários motivos inerentes à própria idade, pelo desenvolvimento do autoconhecimento, pela deficiência de informação sobre prevenção de doenças, pelo processo de amadurecimento biológico, psíquico e social apresentados nessa fase. Essa vulnerabilidade pode comprometer tanto a sua saúde física como a psicológica, o que exige conhecimento, compreensão e atitudes adequadas dos pais, professores e profissionais da saúde (FURLANI, 2011).

Além dessas vulnerabilidades, é durante o momento da adolescência que a vivência da sexualidade é apontada como uma das vivências mais conflituosas, porque é nesse momento que o adolescente adquire uma maior relação com seu próprio corpo, vivencia várias experiências que envolvem o afeto, desejos, sentidos e comunicação (LIPP, 2010). Porém a sexualidade é um tema pouco trabalhado na adolescência. A falta de exploração desse tema pode favorecer algumas situações de risco aos adolescentes (COSTA, 2014).

Portanto, com intuito de minimizar essa vulnerabilidade referente à sexualidade, a UNESCO (2010) apoia que adolescentes recebam orientação sobre sexualidade e aponta a escola como um ótimo espaço para abordar sobre esse assunto. Porém, é preciso rever o modo como essas informações são tratadas no ambiente escolar, porque apesar da recomendação de abordar a sexualidade como tema transversal, as escolas vêm tratando esse assunto como conteúdo de Biologia ou Ciências, fazendo com que a sexualidade seja reduzida "ao mecanismo reprodutivo e esvaziá-la de afeto" (CONTINI; KOLLER & BARROS, 2002, p. 48).

No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais *Campus* São João Evangelista (IFMG-SJE), o tema sexualidade foi abordado do período de 2005 a 2011 através do Programa Educação Afetivo Sexual (PEAS), cuja proposta era que todos os professores discutissem sobre a sexualidade em sala de aula. Durante esse período, aconteceram gincanas, circuitos com várias oficinas e palestras com essa temática.

Na pesquisa "A importância do programa de Educação Afetivo-sexual para os estudantes do IFMG-SJE", os participantes da mesma entenderam que o PEAS é importante para promover discussões sobre sexualidade e que deveria continuar fazendo parte do currículo do IFMG-SJE (OLIVEIRA, 2010). O programa foi reiniciado em 2017 devido à necessidade de conscientização da comunidade discente e também dos servidores, corroborando com a importância do aprofundamento sobre o assunto, porém o projeto não foi executado até o momento porque ainda não obteve adesão da comunidade escolar ao programa.

Durante a minha participação no PEAS, emergiu o interesse em conhecer mais sobre sexualidade, momento em que me senti despreparada em relação ao assunto, tendo em vista que durante a minha formação como técnico em enfermagem o assunto não foi abordado, o mesmo ocorrendo durante a Graduação de Enfermagem. Além da necessidade de aprofundar

mais sobre o assunto, encontram-se as atividades de promoção da saúde que estão relacionadas às atividades do ambulatório médico do IFMG-SJE, que reforçam a necessidade de conhecimento sobre o assunto.

Várias experiências vividas durante o período de formação dos estudantes do IFMG-SJE são trazidas por eles durante os atendimentos realizados no ambulatório médico do IFMG-SJE. Dentre esses questionamentos, encontram-se vários relacionados às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), métodos contraceptivos, orientação sexual, experiências vividas no *Campus*, gravidez, dificuldade em lidar com relações afetivas, sendo que, em algumas situações, os estudantes apresentam um processo de adoecimento psíquico.

A ausência de informação sobre esses questionamentos e outros que surgem durante essa fase da vida, pode favorecer a coação, o abuso, a exploração, gravidez e IST (BRASIL, 2008; 2013). Associada a essas questões, o adolescente pode apresentar uma falta de preparo para as mudanças que acontecem durante esse período, sofrendo influência do meio em que vive em busca da afirmação da sua identidade (CARIDADE, 1997) e pela possiblidade de adoção de comportamento de risco por causa das mudanças neurobiológicas que acontecem com adolescente. A faixa etária entre 14 e 17 anos é apontada como o período de alta vulnerabilidade ao comportamento de risco (SANTOS, ANDRADE e BUENO, 2015). Por causa dessas transformações e riscos inerentes à adolescência, nota-se que esse público necessita de cuidados, atenções e intervenções para garantir que seja capaz de fazer a transição para vida adulta atendendo às expectativas sociais (ALTMAN, 2007).

Portanto, esse estudo justifica-se por causa das diversas situações de risco inerentes à fase da adolescência e pela vulnerabilidade observada no ambulatório que os estudantes do Ensino Técnico Integrado do IFMG-SJE manifestam e pela necessidade de mudança atitudinal e comportamental em relação a esses estudantes adolescentes, com a qual o IFMG pode e deveria contribuir. Esse deveria ser um compromisso da Instituição, especialmente devido a algumas peculiaridades observadas, pois os estudantes que ali estudam, em sua maioria, residem distante de suas famílias, estabelecendo-se em repúblicas (cerca de 180) e também em alojamentos (cerca de 166) ofertados pela instituição, sendo essencial que encontrem no IFMG apoio e referência para seu desenvolvimento.

Justifica-se ainda pela necessidade da garantia de direitos de adolescente e crianças presentes nos seguintes artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

> Art.4. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Art. 18 É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. Art. 70 É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente (BRASIL,1990).

Além da necessidade de assegurar aos adolescentes os seus direitos presentes no ECA e das vulnerabilidades presentes no período da adolescência percebe-se que o governo brasileiro criou alguns programas e orientações em relação à educação em sexualidade no Brasil com intuito de que esse assunto seja abordado no ambiente escolar, como a inclusão da orientação sexual como tema transversal nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais); o Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (PSE), o Programa Brasil sem Homofobia e o Gênero e Diversidade na Escola (UNESCO, 2014).

Para realizar atividades de promoção de saúde no IFMG-SJE, os profissionais do ambulatório, do atendimento ao educando e pedagógico, procuram fazer, em alguns momentos, um trabalho educativo, porém não ocorre com uma frequência desejável tanto para os estudantes, quanto para os servidores envolvidos. Diante das dificuldades enfrentadas pelos

estudantes e da importância que a educação em sexualidade pode assumir na mudança de comportamentos dos adolescentes, questionamentos foram levantados em relação à abordagem do tema no *Campus*, como: qual seria a melhor forma de abordá-lo na Instituição para que aconteça uma transformação efetiva em suas vidas? Como acontece a educação em sexualidade no *Campus*? Como esses estudantes gostariam que fosse trabalhado esse assunto?

Valendo-se desses apontamentos, o presente estudo possui o objetivo geral de investigar as crenças dos estudantes das terceiras séries dos cursos técnicos integrados do IFMG-SJE em relação à Educação em Sexualidade que receberam durante o tempo de formação nessa instituição.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Investigar as crenças dos estudantes das terceiras séries dos cursos técnicos integrados do IFMG-SJE em relação à Educação em Sexualidade que receberam durante o tempo de formação nessa instituição.

2.2 Objetivos Específicos

a) Realizar um estudo de Revisão Integrativa da Literatura sobre o aprendizado efetivo de estudantes sobre a temática sexualidade;
b) Avaliar a educação em sexualidade que os estudantes têm recebido no âmbito do IFMG-SJE;
c) Identificar os temas de preferência dos estudantes relacionados à educação em sexualidade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Adolescência

A adolescência é caracterizada pela transição da infância para a vida adulta, período em que o adolescente passa por várias transformações biopsicossociais. No mundo são 1,2 bilhão de adolescentes que se encontram nesse momento (UNICEF, 2011). No Brasil, de acordo com os dados do IBGE (2015), em 2014 crianças e adolescentes de até 14 anos compreendiam cerca de 21,6%, e jovens de 15 a 29 anos, correspondiam cerca de 24,1% da população brasileira.

Nos últimos anos, tem ocorrido um maior investimento voltado para a redução da taxa de mortalidade infantil, porém o mesmo não ocorre com o público adolescente. No Brasil, de 1998 a 2008, com os investimentos destinados para preservação da vida de crianças, foi possível preservar a vida de 26 mil crianças; porém no mesmo período, 81 mil adolescentes de 15 a 19 anos foram assassinados. Diante dessa realidade, Antony Lake, o diretor executivo da Unicef, reforça que " não queremos salvar crianças em sua primeira década de vida apenas para perdê-las na década seguinte". Portanto a adolescência não pode ser considerada apenas como um período de vulnerabilidade, ela é também uma fase de oportunidades. Diante do exposto, é fundamental o investimento na adolescência, porque ao realizar investimento nessa fase da vida, estamos dando o suporte necessário para que esse adolescente seja capaz de melhorar sua condição de vida e o meio em que vive (UNICEF, 2011).

A faixa etária que compreende o período da adolescência difere de acordo com várias instituições. Para Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS), a adolescência acontece entre 10 e 19 anos e a juventude como o período dos 15 aos 24 anos. O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) delimita a adolescência como período dos 12 aos 18 anos. Já o estatuto da Juventude, criado com a Lei n. 12.852 de 05/08/2013, delimita a faixa etária de jovens para as pessoas entre 15 e 29 anos de idade. Várias são as razões que fazem com que ocorra dificuldade de definição clara desse período, como: início da puberdade acontecer em momentos diferentes entre meninos e meninas; variação de leis que estabelecem limites mínimos de idade para participação em atividades consideradas exclusivas de adultos; a existência de um grande número de crianças e adolescentes envolvidos em atividades de adultos (UNICEF, 2011; BRASIL, 2006, 2013).

Os autores Sawyer, Azzophari, Wickremarathnee e Patton(2018) no artigo "The age of adolescent", citam sobre essa mudança ao longo dos anos em relação à faixa etária que compreende o período da adolescência. Para os autores, são vários fatores que interferem na definição da faixa etária nesse período, como o início precoce da puberdade, compreensão do crescimento contínuo da idade final da adolescência; simultaneamente a esses fatores ocorrem atrasos na transição de funções, conclusão dos estudos, casamento e paternidade, o que favorece uma mudança da percepção popular de quando se inicia a idade adulta. Além desses fatores, o adolescente recebe influência do marketing e mídia digital que interferem na sua saúde e bem-estar. Portanto, os autores reforçam a necessidade de uma definição mais ampla e inclusiva da adolescência para que seja possível o desenvolvimento de leis, políticas sociais e serviços de atendimento voltados para esse público (SAWYER e AZZOPHARI e WICKREMARATHNEE e PATTON, 2018).

Brilhante e Catrib (2011) definem a adolescência como uma fase da vida humana que compreende a passagem da infância à idade adulta, porém é comum associarem que a adolescência está relacionada apenas à puberdade. Herculano (2005) explica que a puberdade é o momento em que os meninos e meninas apresentam alterações hormonais características da idade e atingem a sua capacidade reprodutiva. Já a adolescência é a fase que se inicia na

puberdade e vai até a idade adulta, ou seja, período de transição nas capacidades cognitivas, emocionais e sociais do cérebro; o desenvolvimento dessas capacidades é que permitem que o adolescente se torne adulto (HERCULANO, 2005).

Outro fator que marca essa fase da vida diz respeito ao início do processo de construção da identidade. Essa busca de identidade é contraditória, porque ao mesmo tempo em que finaliza a ideia de permanência, inicia a ideia de transformação. A identidade é construída ao longo do processo de desenvolvimento, que ocorre inicialmente no âmbito das relações familiares, ampliando-se gradativamente para outros espaços sociais. Na adolescência, ocorre o abandono da identidade infantil, gerando uma busca por uma identidade com características adultas (GONÇALVES, 2008).

Portanto, a adolescência é o segundo grande salto para a vida, é um período em que ocorre um nascimento em todas as dimensões: física, espiritual, emocional, intelectual e existencial (CARIDADE, 1997). Caracteriza-se por várias mudanças, ocorridas nas transformações do corpo, pelas novas sensações ao vivenciar os primeiros namoros e novas sociabilidades, "época da afirmação social da identidade e da consolidação da orientação sexual" (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002, p. 47).

Caridade (1997) fala que, na adolescência, o adolescente encontra-se em estágio de busca de identidade, por isso "persegue sua própria face nos múltiplos espelhos que se postam diante de seus olhos: os pais, os amigos, os ídolos, os personagens. [...]" (CARIDADE, 1997, p.48). Como apresentado, o adolescente busca identificação durante o período do seu desenvolvimento sendo influenciado pelos amigos, pelas escolas e pelo meio social em que vive (SANTROCK, 2003).

Essa influência foi percebida no estudo realizado por Davim et al. (2009), que realizou uma revisão teórica acerca da adolescência, através de um resgate histórico de como as questões relativas a essa fase vêm sendo construídas na sociedade. Para o autor, as várias influências que o adolescente sofre, seja da família e companheiros, fazem com que se torne um dos grupos mais sensíveis a problemas como fome, desnutrição, violência, abandono, prostituição, analfabetismo, desintegração familiar. Diante dessas questões, o autor conclui que o adolescente requer uma atenção cuidadosa e, sobretudo, afetiva por parte dos adultos com os quais convivem, considerando a vulnerabilidade de sua conduta e a necessidade de afirmação (DAVIM et al., 2009).

Em relação ao conceito de vulnerabilidade, Brêtas (2010) fala que a vulnerabilidade pode apresentar três componentes interligados: o individual, o social e o programático ou institucional. Para o autor deve considerar as dimensões individual, social e programática, para identificar questões que podem aumentar o grau de vulnerabilidade dos adolescentes frente aos riscos, tais como: relações de gênero, cruzadas com raça/etnia e classe social; condições de vida; condições de saúde; acesso ou não a informações; insuficiência de políticas públicas em saúde e educação e outros (BRÊTAS, 2010). Para o autor o componente individual que está relacionado à vulnerabilidade presente na adolescência, muitas vezes atribuído à:

> à baixa autoestima, relacionando-se ao fato de que o indivíduo deixa de perceber motivos para cuidar de si. Em outro aspecto, a maior vulnerabilidade pode estar relacionada com a autoestima elevada, com uma sensação de onipotência. Se o adolescente sente-se invulnerável e onipotente, ele poderá adotar certas atitudes que criarão situações de exposição e risco, por exemplo, como o uso indiscriminado de bebidas alcoólicas (situação associada também à baixa autoestima), consumo de drogas ilícitas e displicência nas práticas sexuais (BRETAS, 2010, pag. 93).

Algumas vulnerabilidades presentes na adolescência e na infância foram também apresentadas por Fonseca et al. (2013) como : o alcoolismo ; conflitos entre os pais que faz

com que os filhos testemunhem vários tipos de agressões e violências; precariedade na oferta de moradia; indisponibilidade de espaços voltados para o lazer e de relações de vizinhança; proximidade a pontos de vendas controlados pelo tráfico de drogas (FONSECA et al,2013).

Davim et al. (2009) mencionou que além das vulnerabilidades presentes na adolescência, os adolescentes apresentam ainda uma carência de esclarecimentos sobre sexo por causa do constrangimento provocado pelo tema, que pode levá-los a iniciarem a atividade sexual em um momento em que ainda não estão preparados, além de fazer com que enfrentem situações como uso de drogas, infecção pelas IST/AIDS, gravidez entre outras (DAVIM et al, 2009). O Ministério da Saúde (MS) também cita sobre os riscos que podem acometer esse público, como a ocorrência de uma gravidez precoce, infecção por HIV, uso de drogas ilícitas e morte por violência. Essas situações podem acontecer por causa da pouca capacidade que eles possuem em decidir sobre sua situação de risco, reforçando a vulnerabilidade inerente a esse público (BRASIL, 2008).

Herculano (2005) discorre que um dos motivos dessa vulnerabilidade seria por causa das mudanças que ocorrem no sistema de recompensa do cérebro do adolescente, sistema que transmite a sensação de prazer. Por causa dessas mudanças, o adolescente abandona os velhos hábitos que nesse momento são insatisfatórios, em busca de novos prazeres. Ocorre uma busca por mais estimulação com o intuito de compensar a diminuição de resposta desse sistema. Porém todas essas alterações são necessárias para permitir que o adolescente se torne um adulto independente. Mas essa busca por prazeres decorrente das mudanças ocorridas no sistema de recompensa, também se estende às drogas psicotrópicas, que são capazes de ativar diretamente esse sistema e oferecer prazer imediato. Além das drogas, qualquer estímulo forte favorece a ativação do sistema de recompensa, aumentando assim a chance de adoção de comportamentos de risco (HERCULANO, 2005).

A faixa etária entre 14 e 17 anos parece ser uma fase de alta vulnerabilidade ao comportamento de risco, por causa de mudanças neurobiológicas que proporcionam uma busca por sensações intensas e de uma autorregulação imatura. Esses fatores podem propiciar aos adolescentes uma maior exposição a situações de risco social, sexo desprotegido, tentativas de suicídio e acidentes automobilísticos (SANTOS, ANDRADE e BUENO, 2015).

Niederauer (2014) realizou um estudo de revisão bibliográfica com o objetivo de descrever as transformações que ocorrem no cérebro do adolescente e relacioná-las com o seu comportamento. Baseado nessa revisão, a autora observou que as mudanças físicas, cognitivas e sociopsicológicas dos adolescentes são resultado de um encéfalo adolescente. Esse encéfalo adolescente não conta com as mesmas habilidades de um encéfalo amadurecido e estável. Um encéfalo amadurecido é capaz de comandar funções complexas, como interpretar dados, planejar ações, inibir impulsos, tomar decisões mais acertadas, imaginar realidades possíveis entre outras. Assim como o corpo e o comportamento do adolescente estão em transformação, o encéfalo também passa por grandes mudanças. As mudanças que acontecem na adolescência são impulsionadas e coordenadas pelo cérebro, ou seja, o comportamento do adolescente é resultado de um cérebro adolescente. Essa informação pode justificar muito o comportamento ainda imaturo do adolescente (NIEDERAUER, 2014).

3.2 A Sexualidade e a Adolescência

A sexualidade humana está presente em todas as etapas da vida desde o nascimento até a morte. Ela não se refere apenas aos aspectos biológicos, envolve também os sentimentos, a história de vida, costumes, as relações afetivas e a cultura, portanto abrange os aspectos físicos, psicoemocionais e socioculturais (BRASIL, 2013). Diante do exposto, percebe-se que a sexualidade não está relacionada apenas aos aspectos biológicos do ser humano, a sexualidade vai muito além do sexo e da reprodução humana.

Baleeiro et al (1999) falam da mudança da percepção da sexualidade humana nas últimas décadas; afirma que, ao longo dos anos, adquirimos a consciência de que a sexualidade está além do potencial biológico, ela faz parte de uma construção simbólica, individual e coletiva. Porém a compreensão da sexualidade ao longo dos anos tem "sido reprimida e controlada pela Igreja, pela Medicina, pelo Estado, pela escola e também pela família", fazendo com que essa repressão seja internalizada sem termos consciência disso (FIGUEIRÓ, 2014).

Ainda que a compreensão da sexualidade tenha sido reprimida ao longo dos anos, ela está presente em todo ser humano e é reproduzida de forma variada, de acordo com a cultura e o momento histórico. Vários componentes fazem parte da sexualidade humana como os biológicos, psicológicos e sociais e manifesta-se em cada ser humano de maneira individual e durante a socialização do ser humano que é assimilada (MAIA, RIBEIRO, 2011). Maia (2014) nos apresenta a sexualidade como conceito amplo considerando as transformações que ela sofre ao longo das várias fases do desenvolvimento humano:

> A sexualidade está presente em todos nós! Todo ser humano vive e cresce desenvolvendo sua sexualidade a partir das mudanças ocorridas ao longo do desenvolvimento: o crescimento e amadurecimento do corpo físico, as práticas sexuais e reprodutivas, a orientação sexual e o erotismo, os vínculos amorosos, entre outras mudanças. Certamente, o que somos hoje, em relação à expressão da nossa sexualidade, é bem diferente do que fomos quando crianças e do que seremos no final da vida (MAIA, 2014, p 1).

Apesar de a sexualidade envolver outros aspectos além do biológico, como os sentimentos, a história de vida, os costumes, as relações afetivas e a cultura, para o adolescente a sexualidade está mais relacionada ao sexo propriamente dito (RIBEIRO, 2006; BRILHANTE, 2011). Porém os aspectos biológicos e culturais da sexualidade estão inter-relacionados e interdependentes (AQUINO, 1997, p 91).

A interação do adolescente com os vários aspectos presentes na sexualidade contribuem para a formação da identidade geral e da identidade sexual. A identidade sexual é constituída por 3 (três) componentes: identidade de gênero, papel de gênero e orientação sexual (COSTA,2001). A orientação sexual refere-se à capacidade de cada pessoa de ter uma atração emocional, afetiva ou sexual por pessoas de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. A identidade de gênero refere-se à experiência de uma pessoa com o seu próprio gênero, ou seja, pessoas trans possuem uma identidade de gênero que é diferente do sexo designado no momento de seu nascimento, podem ter qualquer orientação sexual, incluindo heterossexual, homossexual, bissexual e assexual (UNESCO, 2014). O papel de gênero refere-se ao conjunto de condutas esperadas e exigidas do indivíduo, de acordo com o seu gênero, ou seja, o indivíduo adquire comportamento através da convivência social (BALEEIRO et al.,1999).

Para Contine, Koller, Barros (2002), é necessário que o adolescente seja capaz de vivenciar a sua sexualidade respeitando a si e ao outro, independentemente da escolha sexual. Os autores citam que quando a vivência da sexualidade não é pautada no respeito mútuo, presencia-se:

> [...] grandes sofrimentos psíquicos quando o comportamento do jovem não corresponde às expectativas sociais para o seu gênero. Sentimentos de angústia, rejeição, exclusão e menos valia estão presentes quando a crítica, o deboche ou a recriminação não permite espaço para a discussão sobre a definição sexual e a elaboração interna desse processo (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002, p 47).

Além da ausência de espaço para discussão sobre orientação sexual e apoio a esses adolescentes, eles encaram várias práticas discriminatórias e preconceituosas em vários

ambientes como escola, família e espaços de lazer causando sofrimento. Teixeira-Filho e Rondini e Bessa (2011) citam sobre o sofrimento causado por essas práticas que levam vários adolescentes a pensarem em suicídio ou mesmo atentarem contra a própria vida. O local mais citado por esses adolescentes que sofreram agressões foi a escola (61,2%), seguida do ambiente familiar (36,7%), e local público (rua, shopping center, parques etc.) (30,6%) (TEIXEIRA-FILHO e RONDINI e BESSA ,2011).

A maioria dos jovens não está preparada, adequadamente, para todas as mudanças que acontecem na adolescência. Nessa fase, surgem muitas dúvidas relacionadas às mudanças corporais, psicológicas e em relação às primeiras experiências sexuais (UNESCO, 2010; BRASIL, 2013). Esse período é marcado por transformações e riscos fazendo com que nessa fase esse público necessite de cuidados, atenções e intervenções para garantir que o adolescente seja capaz de fazer a transição para vida adulta atendendo as expectativas sociais (ALTMAN, 2007).

Por causa desse período de transformações inerentes à adolescência e por causa da vulnerabilidade desse público à coação, ao abuso e à exploração, gravidez indesejada e IST, a realização de atividades educativas na escola e na comunidade possibilita a adoção de um cuidado preventivo pelos adolescentes, porque é muito comum os adolescentes iniciarem sua atividade sexual antes de obter algum tipo de orientação adequada (BRASIL, 2008; 2013).

Podem-se identificar características do comportamento sexual presentes na adolescência na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015, que estudou as características da saúde sexual e reprodutiva dos escolares. Observou-se nessa pesquisa que em relação ao uso de preservativo na primeira relação, os mais jovens foram os que menos se protegeram, com o percentual de 59,6%. No grupo etário de 13 a 17 anos de idade, 27,0% iniciou a atividade sexual, e no grupo de16 a 17 anos, mais da metade dos estudantes já tiveram relação sexual, ou seja, 54,7%. Em relação ao uso de preservativo na primeira relação, no grupo 13 a 15 anos de idade, 59,7% usaram preservativo na primeira relação, já no grupo etário de 16 a 17 anos o percentual foi de 68,2%. Quanto ao uso de método contraceptivo e de prevenção de IST na última relação, os resultados indicaram que 69,5% dos escolares com idades de 16 a 17 anos usaram algum método para se protegerem (IBGE, 2016).

O comportamento sexual dos adolescentes também foi estudado por Miranda et al. (2018). Para tal realizou-se um estudo descritivo analítico sobre comportamento sexual de adolescentes de 14 a 24 anos. Conclui-se que uma elevada percentagem dos adolescentes estudados utilizaram contraceptivos na primeira relação sexual (93%), porém 83 % dos adolescentes não utilizaram nenhum método contraceptivo em relações subsequentes e mais da metade desses, 83%, consideraram desnecessário o seu uso, e mais de metade dos envolvidos (58%) já tinha iniciado sua atividade sexual, e a média de idade no momento da primeira relação sexual foi de 16,4 anos. Os autores citaram ainda sobre a prevalência do consumo de álcool ou drogas por esses adolescentes, sendo que as adolescentes foram as que tiveram mais relações sob efeito dessas substâncias, bem como relações não planejadas e um maior recurso à contracepção. Em relação a esse grupo, destaca-se os mais novos que tiveram mais relações não planejadas (MIRANDA, Patrícia et al., 2018).

Percebe-se uma baixa adesão ao uso de preservativos pelos adolescentes, reforçando que o início da vida sexual precoce e a não utilização de preservativos favorecem a vulnerabilidade dos adolescentes e jovens a IST, como o herpes genital e o Papiloma vírus humano (HPV), que corresponde respectivamente a 17% e 25% dos casos registrados na faixa dos 10 aos 24 anos (BRASIL, 2013).

A adoção de comportamento sexual de risco pelos adolescentes expõe esse público à ocorrência de alguma IST. A prevalência de IST entre jovens de 15 a 24 anos é cerca de 25% , correspondente a 50% dos novos casos (BRILHANTE e CATRIB,2011).No período de 2007

a 2017, observou-se que a maioria dos casos de infecção pelo HIV encontra-se nas faixas de 20 a 34 anos, com percentual de 52,5% dos casos. Nos casos de contaminação da AIDS os jovens de 13 a 19 anos em 2016 passaram de 7 para 16 casos em homens para cada 10 mulheres. Nas faixas etárias de 20 a 24 e de 25 a 29 anos é três vezes maior do que entre as mulheres (BRASIL, 2018). Nas notificações de sífilis adquirida em 2017, 35,3% ocorreram em indivíduos entre 20 e 29 anos, seguida da faixa etária entre 30 e 39 anos de idade que corresponde a 21,7% dos casos notificados (BRASIL, 2019).

Os dados apresentados pela Organização Pan Americana da Saúde do Brasil (OPAS) apresenta também um aumento das IST no público adolescente. Para essa organização, não houve diminuição considerável nas taxas de IST novas ou existentes desde 2012 até 2019. Dados recentes apontam que aproximadamente 1 em cada 25 pessoas no mundo tem pelo menos uma IST, sendo que algumas pessoas podem ser acometidas por múltiplas infecções ao mesmo tempo. Por ano, são registrados cerca de 376 milhões de novos casos de clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis, sendo que a faixa etária mais acometida encontra-se com pessoas de 15 a 49 anos (OPAS, 2019).

Para Miranda (2018), diante da alta incidência de novos casos de IST/ HIV/AIDS no Brasil, alguns fatores podem influenciar no comportamento sexual quanto ao autocuidado e à prevenção dessas infecções. Dentre esses fatores, a autora cita a melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem com HIV e o uso da profilaxia pré-exposição ao HIV que podem ter contribuído para uma banalização da representação social dessas infecções e uma despreocupação quanto à necessidade de prevenção (MIRANDA, A 2018, p.10).

Com intuito de evitar as IST a OMS recomenda a adoção de práticas sexuais seguras, como o uso correto e consistente de preservativos e educação sobre saúde sexual, além de oportunizar testes e tratamentos de forma acessíveis e incentivar as pessoas sexualmente ativas a serem testadas para IST e realizar em todas gestantes teste para sífilis e HIV (OPAS,2019).

Diante desses fatores, percebe-se a importância de permitir que os adolescentes recebam educação sexual e reprodutiva e acesso às ações e serviços de saúde para auxiliá-los a lidar com a sexualidade de forma positiva e responsável, para que, através dessas ações, os adolescentes sejam capazes de adotar comportamentos de prevenção e de cuidado pessoal (BRASIL, 2013).

Segundo Silva e Mendes (2015), atualmente, os meios de comunicação estimulam o adolescente à adoção de comportamentos sexuais liberais e permissivos, e a vivenciar a sexualidade voltada para o corpo. Para compreender como os adolescentes lidam com sexualidade nos dias atuais, essas autoras fizeram uma revisão de literatura que apontou que a sexualidade é um dispositivo histórico e cultural, que possui características diferenciadas em cada sociedade. Para as autoras, a sexualidade na adolescência conceitua-se a partir da relação do adolescente com o próprio corpo, com a mente e no relacionamento com os outros (SILVA e MENDES, 2015).

Para Brilhante e Catrib (2011), a sexualidade assume importante papel na saúde e qualidade de vida das pessoas e aponta sobre a importância de abordar essa questão na adolescência. As autoras afirmam que compreender a sexualidade nos adolescentes permite situá-los no contexto social, o que implica ir além das questões biológicas e epidemiológicas. Assim sendo na adolescência, o jovem precisa de compreensão e informações, porém os educadores, profissionais de saúde e pais, encontram dificuldade de abordar esse tema, devido à falta de informação ou constrangimento, poupando o adolescente do seu direito de escolha, repassando informações de acordo com suas vivências (BRILHANTE e CATRIB ,2011).

3.3 Educação em Sexualidade

3.3.1 Contextualização da Educação em Sexualidade

Vários termos são utilizados para denominar a abordagem da sexualidade no Brasil e no mundo. No Brasil, o termo Orientação sexual surge na década de 1990 e foi adotado pelos PCN. Altman (2007) discorre sobre a utilização dos termos "educação sexual" e "orientação sexual". O termo "educação sexual" é mais utilizado em países de língua inglesa e francesa, já o termo "orientação sexual", no Brasil, tem sido utilizado pelos PCN e pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Porém o termo "orientação sexual" gera muita confusão porque também é usado para designar a opção sexual.

A utilização do termo "orientação sexual" não obteve uma aceitação por todos os estudiosos do assunto, por isso permaneceram utilizando o termo "educação sexual" em suas publicações. Na década de 2010, surgiu outro termo, que é a Educação para a Sexualidade, que igualmente não encontrou a unanimidade desejada (MAIA e RIBEIRO, 2011).

Xavier Filha (2017) cita vários termos que vêm sido discutidos nos últimos 12 anos para questionar e/ou substituir o termo 'educação sexual' como: 'educação para a sexualidade', 'educação para as sexualidades'; 'educação da sexualidade'; 'educação para a sexualidade humanizada'; 'educação em sexualidade'; 'educação afetivo sexual'; 'educação da ética sexual'; 'educação sexualizada'; 'educação e sexualidade'. Para a autora, o surgimento dessas terminologias "não implicariam empobrecer ou delimitar as práticas entre 'educação e sexualidade(s)" (XAVIER FILHA, 2017, p.24)

O termo educação em sexualidade (ES) vem sendo utilizando nas publicações da UNESCO, por isso adotamos esse termo para denominar a abordagem da sexualidade nesse estudo (UNESCO, 2010; 2014; 2018).

O intuito da ES, atualmente, é o de desenvolver e fortalecer a capacidade de crianças e jovens a fazerem escolhas conscientes, satisfatórias, saudáveis e respeitosas em relação a relacionamentos, sexualidade, saúde emocional e física. Deve-se ter em mente que a ES não encoraja crianças e jovens a fazerem sexo (EUROPEAN EXPERT GROUP., 2016; BREUNER E MATTSON ,2016, UNESCO,2010,2014). A revisão de evidências realizada em 2016 pela UNESCO foi possível constatar que ao discutir sobre sexualidade não aumenta a atividade sexual, comportamento de risco sexual ou taxas de infecção por IST / HIV (UNESCO, 2018).

A ES pode acontecer informalmente ou formalmente. A educação informal refere-se àquela que o indivíduo recebe desde o nascimento oriunda da sua vivência no dia-a-dia. Já a educação formal tem caráter institucional e pode acontecer dentro do ambiente escolar ou fora dele (WEREBE,1981 *apud* FIGUEIRÓ, 2014 pg. 58). Portanto, a educação em sexualidade formal e informal pode acontecer no ambiente familiar, na escola, em estabelecimentos de saúde, na convivência com os amigos, na interação com a internet, televisão entre outros meios de comunicação. Para a Unesco (2014) a ES que está presente nesses ambientes acontece de forma fragmentada e desvinculada de uma proposta voltada para uma sociedade inclusiva baseada nos direitos humanos (UNESCO, 2014).

De acordo com Breuner e Mattson (2016), a ES pode acontecer nesses ambientes citados anteriormente, porém devem ser baseadas em evidências e apropriada à idade, e deve ser capaz de desenvolver em crianças e adolescentes uma visão segura e positiva da sua sexualidade. Para os autores a ES pode trabalhar três domínios de aprendizado: cognitivo (informação), afetivo (sentimentos, valores e atitudes) e comportamental (comunicação, tomada de decisão e outras habilidades) (BREUNER E MATTSON, 2016).

O aprendizado por domínios cognitivo, afetivo e comportamental sugerido por

Breuner e Mattson (2016), está de acordo com a proposta da UNESCO (2010; 2014) que propõe que a abordagem da ES seja feita através de tópicos de aprendizado como: relacionamentos; valores, atitudes e habilidades; cultura, sociedade e direitos; desenvolvimento humano; comportamento sexual e saúde sexual e reprodutiva. Cada tópico possui objetivos de aprendizagem específicos, e está agrupado de acordo com as seguintes faixa etárias: 5 a 8 anos; 9 a 12 anos;12 a 15 anos; 15 a 18 anos e devem ser trabalhados de acordo com cada faixa etária. O objetivo de se trabalhar com estes tópicos, é que eles sirvam de instrumento para apoiar na ampliação da construção do conhecimento que deve acontecer continuamente. A seguir, o quadro 1 mostra os conceitos-chave e os tópicos de aprendizagem proposto pela UNESCO (2010; 2014):

Quadro 1: Conceitos –chave e tópicos proposto pela UNESCO para trabalhar educação em sexualidade

QUADRO COM CONCEITOS-CHAVE E TÓPICOS PROPOSTO PELA UNESCO	
Conceitos-chave	
1-Relacionamentos	•Famílias •Amizade, amor e relacionamentos •Respeito, tolerância e solidariedade •Namoro, casamento, união estável, filhos e relacionamentos eventuais
2-Valores, atitudes e habilidades	•Valores, atitudes e referências de aprendizado em sexualidade •Normas e influência dos pares sobre o comportamento sexual •Tomada de decisões •Habilidade de comunicação recusa e negociação •Encontrar ajuda, apoio e orientação
3-Cultura, sociedade e direitos humanos	•Sexualidade, cultura e direitos humanos • Sexualidade e mídia • A construção social do gênero •Violência de gênero, abuso sexual e práticas prejudiciais
4. Desenvolvimento humano	•Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva • Reprodução • Puberdade • Imagem corporal • Privacidade e integridade corporal
5. Comportamento sexual	• Sexo, sexualidade e o ciclo de vida sexual • Comportamento sexual
6. Saúde sexual e reprodutiva	• Saúde reprodutiva • Entender, reconhecer e reduzir o risco de IST, inclusive o HIV • Estigma, tratamento, assistência e apoio às pessoas vivendo com HIV e aids

Fonte: (UNESCO, 2010, p. 78; 2014 p. 17).

Observa-se que, ao trabalhar esses conceitos-chave e tópicos de aprendizagem, a UNESCO (2010; 2014) propõe uma educação em sexualidade pautada na normativa de defesa

dos direitos humanos e pelas concepções que promovem a equidade de gênero, o reconhecimento das diversidades e a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos.

No artigo “Educação Sexual - quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular”, Furlani (2008) também cita várias temáticas para serem trabalhadas na ES como homossexualidade, abuso sexual, adoção, estupro, separação, divórcio, diferentes organizações familiares, pornografia, erotismo infantil. Para a autora, muitos desses temas têm sido cada vez mais presentes na escola. A maioria deles é proveniente dos movimentos sociais do século XX que foram capazes de trazer para a escola o que pode-se chamar de "uma nova ética sexual". Para a autora, essa nova ética, a diversidade sexual, os direitos sexuais apresentam-se como essenciais para questionamentos dos gêneros, das sexualidades e das relações étnico-raciais, para um entendimento de respeito às diferenças (FURLANI, 2008).

Com intuito de orientar a ES no Brasil, o governo brasileiro vem criando programas e orientações em relação à educação em sexualidade como: em 1998, a inclusão da orientação sexual como tema transversal nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais); em 2007, criou o Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (PSE), parceria entre as instituições de saúde e a escola; em 2004, criou o Programa Brasil sem Homofobia (Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual) e o Gênero e Diversidade na Escola, que tem como objetivo a sensibilização de educadores e educadoras da rede pública de ensino em questões relativas à desigualdades de gênero (UNESCO, 2014).

Em uma análise feita por Vianna e Unbehaum (2006) sobre a inclusão da perspectiva de gênero na educação infantil e no ensino fundamental, no período de 1988 a 2002, em documentos de políticas públicas do Brasil, concluíram que apesar da consolidação do gênero nas políticas públicas ser uma tarefa do Estado, depende também da disponibilidade de recursos e da inclusão desse tema na educação por governos da época e pelos que os sucederão (VIANNA e UNBEHAUM,2006).

Porém apesar da criação desses programas, nota-se uma prevalência da abordagem biológico-higienista no ambiente escolar. Esse tipo de abordagem é proveniente das concepções médico-higienistas no século XIX que exerceram influência na política educacional do Brasil e posteriormente na educação sexual no século XX. Nesse período, o objetivo era combater a masturbação, as doenças venéreas e preparar a mulher para o papel de esposa e mãe, com o intuito de assegurar de forma saudável a reprodução da espécie (ALTMAN, 2007).

Essa abordagem, atualmente, é marcada pela centralidade do ensino como promoção da saúde, da reprodução humana, das IST, da gravidez, do planejamento familiar. Com intuito de organizar a ES, Furlani (2011) fala sobre 8 (oito) tipos de abordagens que têm sido adotadas no Brasil para trabalhar a sexualidade. Além da biológico-higienista, ela cita as seguintes abordagens: moral-tradicionalista; terapêutica; religiosa-radical, direitos humanos; dos direitos sexuais, emancipatória e Queer. A descrição dessas abordagens são apresentadas no quadro 2:

Quadro 2: Organização da educação sexual contemporânea no Brasil

Tipo de abordagem	Descrição
Abordagem biológico-higienista	Muitos consideram esse tipo de abordagem como a mais prevalente e, às vezes, vista como a única abordagem em discussões sobre desenvolvimento sexual na escolarização formal. Este tipo de abordagem possui ênfase na biologia, centrada no ensino da promoção da saúde, reprodução humana, das IST, gravidez não planejada e planejamento familiar. Sempre esteve presente nas aulas de Ciências e Biologia.
Abordagem moral-tradicionalista	É um tipo de abordagem que possui como princípios a moral tradicional. Esse tipo de abordagem possui como referencia publicações religiosas, desaprova o comportamento sexual das pessoas, defende a monogamia, o casamento, a castidade pré-marital, e educação separada entre meninos e meninas, pregam a intolerância com práticas sexuais e com modos de viver a sexualidade que não seja para fins reprodutivos. Reprova o ensino de qualquer método que promova o sexo seguro, programas de educação sexuais mais amplos e liberais, porque para eles esses ensinamentos entrariam em divergência com os ensinamentos dos pais e mães.
Abordagem terapêutica	Este tipo de abordagem busca causas explicativas para vivências sexuais consideradas "anormais" ou para os "problemas sexuais", afirmando ser capaz de curar as pessoas. Está voltada para caráter psicológico do sujeito, pode estar ligada a instituições religiosas, consultórios de orientações e aconselhamento, que utiliza técnicas de terapia individual, grupal e psicodrama para alcançar a "cura" sexual.
Abordagem religiosa-radical	Este tipo de abordagem é pautado na interpretação literal da bíblia, presente em instituições e/ou escolas religiosas; a educação sexual costuma ocorrer em encontros grupais ou individual
Abordagem direitos humanos	Tipo de abordagem que fala, explicita, problematiza e destrói as representações negativas socialmente impostas a grupos em situação vulnerável, adolescentes, idosos, mulheres, afrodescendentes, povos indígenas, estrangeiro, refugiados e imigrantes, ciganos, pessoas necessidade especiais, gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais). É um processo educacional que é assumidamente político e comprometido com construção de uma sociedade melhor, menos desigual e mais humana.
Abordagem dos direitos sexuais	Considera os direitos sexuais como direitos humanos fundamentais e universais, e a sexualidade é entendida como parte integral da personalidade de todo ser humano. Reconhece que para um desenvolvimento de uma sexualidade saudável os seres humanos precisam ter direito à liberdade sexual, à autonomia sexual, integridade sexual, justiça sexual, expressão sexual e emocional, livre parceria sexual, fazer

	escolhas reprodutivas livres e responsáveis, informação baseada na investigação cientifica, educação sexual integral e atenção saúde sexual .
Abordagem emancipatória	Este tipo de abordagem surgiu através de discussões que surgiram sobre a educação popular oriundas das discussões promovidas por Paulo Freire.
Abordagem Queer	Esta abordagem é oriunda das reflexões e críticas advindas do movimento de liberação gay e do feminismo lésbico, que além de contribuir para surgimento dessa abordagem proporcionar o rompimento com os modelos que procuravam definir uma única identidade homossexual, excluindo alguns sujeitos como travestis, dragqueens, sadomasoquistas. Possui como proposta rejeitar qualquer forma de normatividade, voltar-se para outras questões além das discussões sexuais, como as questões racial, étnica, colonial, de gênero, geracional.

Elaborado pelo autor Fonte: Furlani, 2011, p. 8 a p.50.

A organização das abordagens em ES difere de acordo com autores. Figueiró (1996) divide ES em 5 (cinco) abordagens: religiosa católica; religiosa protestante; médica, pedagógica, política. Portanto cada autor adota um tipo de abordagem, porém muitos autores têm adotado a abordagem emancipatória como: Figueiró (2014); Maia e Ribeiro (2011); Vieira e Matsukura (2017).

Porém, apesar dessa divergência quanto à organização das abordagens, o que se encontra em comum é que a abordagem da sexualidade deve ser pautada considerando todos seus aspectos: os biológicos, culturais e sociais (SCARATI, 2016; FURLANI, 2008,2011; UNESCO 2010, 2014,2018; BRASIL, 1998, ALTMAN, 2013; FIGUEIRÓ, 2006,2014). Mas percebe-se a prevalência da abordagem da ES considerando apenas os aspectos biológicos da sexualidade. O entendimento de muitas pessoas como pais, educadores e adolescentes é o de que sexualidade é sinônimo de sexo, porém é necessário desmitificar esse entendimento da sexualidade (QUEIRÓS et al., 2016, CAJAIBA, 2013).

A sexualidade é um assunto que ainda é cercado de mitos, preconceitos e contradições, para muitas pessoas é visto como assunto que deveria ser discutido entre adultos. Portanto a ausência de discussão sobre esse assunto é prejudicial para o desenvolvimento de um comportamento sexual saudável dos adolescentes, por isso é um tema que deve ser abordado por pais, educadores e profissionais da saúde (SCARATI, 2016).

3.3.2 Educação em Sexualidade na Família

O ambiente familiar foi apontado por Costa (2014) como o melhor local para o adolescente dialogar, questionar, ser esclarecido, confidenciar suas experiências, desejos e escolhas. Porém, a maioria dos pais entende que, ao se falar sobre sexualidade, estariam falando sobre sexo, conforme foi percebido no estudo de Queirós et al. (2016), na compreensão dos pais em relação aos aspectos relacionados à sexualidade os pais se referiam à sexualidade como algo relacionado apenas ao sexo, mudanças no corpo, genitais e IST, o que mostra o conhecimento superficial sobre a sexualidade relacionando-a apenas a uma visão biológica.

Geralmente, quando acontece um diálogo dos pais com os filhos, eles abordam o assunto superficialmente e com indicativo de proibição, limitando à explicação de regras de

condutas e valores (SAVEGNAGO;ARPINI, 2014). Esse comportamento dos pais dificulta o diálogo, favorecendo a adoção de um comportamento mais rigoroso, na tentativa de controlar e restringir a sexualidade do adolescente (UNESCO, 2014).

De acordo com estudo realizado por Queirós (2016), os pais apontaram vários fatores que dificultam o diálogo sobre sexualidade com os filhos, como vergonha e timidez em falar sobre esse assunto, pela timidez apresentada pelos filhos, por medo que ao falar do tema com os filhos acabariam incentivando os filhos às práticas sexuais. No estudo de Freire et al. (2017), é apontado que os adolescentes também encontram dificuldade em procurar os pais para conversar sobre a sexualidade por sentirem vergonha, o que pode estar associado a atitudes repressoras dos pais.

Resultados similares foram apresentados por Costa (2014) em relação aos fatores que interferem na comunicação entre pais e filhos sobre a sexualidade. Nessa pesquisa, o aspecto dificultador de maior incidência foi a vergonha, o que favorece uma limitação para que aconteçam esclarecimentos de dúvidas dos adolescentes, além de criar um distanciamento na relação familiar. Diante da vergonha, os pais tendem a resumir suas orientações em recados dados de maneira indireta, às vezes, até enigmática, dificultando a compreensão pelos filhos como mostra a fala de um pai que participou do estudo: "[...] ó minha filha, cuidado sabe, porque depois pode acontecer isso ou aquilo, então o mundo aí fora hoje tá muito moderno" (COSTA, M. 2014, p.126).

Um ambiente familiar onde há uma abertura para discussão da sexualidade sem preconceitos ou tabus e com transmissão de informações adequadas é mais apropriado para o desenvolvimento da sexualidade dos adolescentes, favorecendo uma diminuição da adoção de comportamento de risco. Porém nem sempre essa comunicação acontece, porque a maioria dos pais não sabe como agir sobre a manifestação da sexualidade dos seus filhos, por não entender as transformações que ocorrem nessa fase e acabam adotando um comportamento desinformado e reprimido, passado de geração em geração (QUEIROS 2016). Porém, diante das dificuldades que os pais apresentam em abordar assuntos relacionados à sexualidade com seus filhos adolescentes, muitos pais atribuem esse papel à escola (SAVEGNAGO;ARPINI, 2014; CAJAIBA, 2013), porém muitos pais além de evitar falar sobre assunto consideram que é o assunto deve ser evitado no ambiente escolar, porque poderá contrastar com as suas culturas, religiões, costumes (NOGUEIRA,2010).

3.3.3 Educação em Sexualidade no ambiente Escolar

Apesar da ES acontecer em várias instituições como de saúde, de ensino, sindicatos, igrejas, Maia e Ribeiro (2011) consideram a escola como um espaço favorável para abordar esse tipo de assunto, porque geralmente se frequenta a escola dos 6 (seis) anos de idade até os 18 (dezoito), e também pelo papel social que a escola possui na transmissão do saber historicamente acumulado e da sua dimensão ético-política. Para os autores, é nesse ambiente que almejam que os estudantes aprendam a questionar, refletir e se posicionar sobre atitudes relacionadas à sociedade, à cidadania, aos direitos humanos, à preservação do meio ambiente; e aprendam como adotar práticas preventivas visando à constituição de cidadãos críticos e autônomos. Dentre essas questões, inclui-se uma educação sexual emancipatória (MAIA e RIBEIRO, 2011).

Portanto, o ambiente escolar é adequado para falar sobre sexualidade tendo em vista que, na escola, é possível atingir um grande número de jovens no período da adolescência antes que se tornem sexualmente ativos (UNESCO, 2010; BRASIL, 2013, ALTMAN, 2007).

O Comitê Brasileiro Especializado em Sexologia da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) e Associação Brasileira de Estudos

sobre Sexualidade Humana (SBRASH) sugere também acrescentar a ES no âmbito escolar para complementar o papel da família na construção da sexualidade (FEBRASGO, SBRASH, 2018). Assim como AQUINO (1997, p. 84-85) que reforça que o compromisso da educação é a formação e não a informação, e que ao se falar em sexualidade, família e educação saudáveis, a escola tem como função social a de disseminar o conhecimento**.**

Por isso, na ausência de diálogo relacionada à sexualidade pelos pais, cabe à escola discutir com os adolescentes sobre o assunto tendo em vista o seu papel na sociedade de transmitir cultura e preparar cidadãos capazes de construir e transformar a sociedade. Além disso, a escola é o lugar ideal para trabalhar conhecimentos, habilidades e mudanças de comportamento, uma vez, que é um local onde os adolescentes passam a maior parte do dia (BAUMFELD, 2012). O sistema educacional tem a tarefa de reunir, organizar, sistematizar e ministrar a ES para a formação humana (UNESCO, 2014).

Assim como no ambiente familiar, a sexualidade também é muito pouco abordada no ambiente escolar. Para Cajaiba (2013), seria porque a sexualidade nas escolas é permeada de tabus, seja por parte dos estudantes, professores e pais, sendo que esse fato deve-se à forma que o tema era abordado no passado; o professor que abordasse esse tema era punido, fazendo com que esse assunto fosse omitido no ambiente escolar.

Porém, ainda que as escolas não abordem esse assunto, os professores juntamente com a escola desempenham um papel na ES de seus estudantes, através de suas ações individuais e/ou coletivas. E, por ser um assunto complexo, a abordagem do tema sexualidade geralmente não faz parte do conteúdo obrigatório e raramente é discutida por educadores, porém os estudantes apoiam a obrigatoriedade desse tema em sala de aula (Aquino, 1997, p. 100). A sexualidade pode ser percebida na escola por meio das atitudes dos estudantes em sala de aula e da convivência social entre eles. “Por vezes, a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os estudantes deixem sua sexualidade fora dela” (BRASIL, 1998, p. 292).

Muitos pais delegam para a escola a tarefa de discutir com os filhos sobre sexualidade, porém a escola, na maioria das vezes não aborda o assunto e, quando acontece, é pautada nos aspectos biológicos da sexualidade (SILVA, 2015). Apesar de vários pais delegarem para a escola o papel discutir sobre sexualidade com os filhos, há grupos de pais que apresentam o entendimento de que esse assunto não deve ser abordado no ambiente escolar (NOGUEIRA, 2010) sendo um dos fatores que dificultam a implementação desse assunto nesse ambiente. Furlani (2008) discorre como tem sido a abordagem da educação em sexualidade no ambiente escolar:

> A Educação Sexual sempre se constituiu numa questão polêmica no espaço escolar, e, por largo tempo, os currículos escolares mantiveram-se distantes dessa discussão explicitamente. Por isso, é possível pensar nela como um campo de conhecimento em que, historicamente, tem prevalecido o conveniente silenciamento, a estratégica restrição temática, o privilegiamento do senso comum, a manutenção do preconceito e da intolerância, a possível falta de preparo pedagógico das(os) educadoras(es) e o sutil descaso por parte da Escola e das políticas educacionais (FURLANI,2008, p. 287).

Toda essa questão polêmica que permeia a ES no ambiente escolar vem contribuindo para que discussões sobre o assunto sejam evitadas. Figueiró (2014) aponta que o ensino brasileiro tem apresentado resistência em comtemplar a ES como parte da educação integral da pessoa. A ES foi inserida nas escolas em decorrência da epidemia de AIDS, porém atualmente a ES é movida por outros determinantes: as lutas pelo combate à homofobia, pelo respeito à diversidade sexual, pela igualdade de gênero e toda forma de discriminação, violência e opressão (FIGUEIRÓ,2014).

Altman (2013) também cita sobre essa questão de que ao longo dos anos a escola tem sido elegida como local para intervir diante AIDS, das IST, da masturbação, da gravidez, porém atualmente é motivada a intervir no combate à homofobia, trabalhando no sentido de

contemplar a diversidade sexual. O trabalho de prevenção para atuar no combate à homofobia tem buscado se afirmar a partir de estratégias positivas, como a promoção do respeito à diversidade sexual, porém essa forma de trabalhar o assunto não tem sido socialmente aceita, tem sido equivocadamente percebida como incentivadora da homossexualidade. Porém esse tipo de prevenção se justifica porque pesquisas apontam atitudes homofóbicas e heterossexistas nas escolas (ALTMAN, 2013).

Essas atitudes foram apontados na pesquisa de Teixeira-Filho e Rondini e Bessa(2011). Na pesquisa, constatou-se que discriminações, violências homofóbicas e injúrias acontecem no ambiente escolar e familiar. Para os autores, a presença dessas práticas nesses ambientes demonstra "a institucionalização da homofobia como prática regulatória da construção social e psicológica de gêneros e identidades sexuais", reforçando a importância da escola em auxiliar na desconstrução do padrão heteronormativo com intuito de garantir os direitos dos estudantes que não se identificam nesse padrão (TEIXEIRA-FILHO e RONDINI e BESSA, 2011, p. 725).

O preconceito também foi apontado como presente nas escolas públicas brasileiras em uma pesquisa feita pela Fundação do Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) em 2008. A pesquisa foi feita com estudantes, pais e mães, professores e funcionários das escolas sobre o Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar (BRASIL, 2009). As principais vítimas de práticas discriminatórias no ambiente escolar apontadas nessa pesquisa são os estudantes especialmente negros com média de percentual de 19%, pobres com 18% e homossexuais com 17%. Os professores e os funcionários também são vítimas de discriminação nesse ambiente. No grupo de professores, os mais velhos são os que apresentam o percentual mais alto com 8,9%, os homossexuais com 8,1% e as mulheres com 8%. Já no grupo de funcionários os mais pobres apresentaram um índice de 7,9%, os idosos com 7,6% e os negros com 7,5%. A existência do preconceito no ambiente escolar foi apontada como preocupante, tendo em vista que o preconceito e a discriminação levam à humilhação, agressão ou acusação injusta de várias pessoas apenas por pertencer a um grupo social específico (BRASIL,2009).

Percebe-se no estudo Natarelli et al. (2015) o impacto que o preconceito e discriminação podem causar no adolescente. Com o intuito de avaliar os tipos de violência sofridos por adolescentes homossexuais e compreender a influência da homofobia na saúde dessa população, esses autores identificaram os tipos de violência sofridos e mencionados por esses adolescentes como: violência física, verbal, psicológica e sexual. A violência psicológica foi apontada pelos adolescentes como a que faz parte do dia-a-dia em diversas situações de preconceito, opressão, tratamento diferenciado, dentre outras formas de exclusão. A homofobia para os adolescentes desse estudo está presente em vários ambientes na escola, na família e na comunidade (NATARELLI et al.; 2015).

O preconceito e discriminação existem no ambiente escolar e impactam diretamente na saúde do adolescente, portanto vários autores têm sugerido a inclusão de assuntos relacionados ao gênero e respeito à diversidade sexual como assunto da ES (ALTMAN, 2013, FIGUEIRÓ, 2006,2014; FURLANI, 2008, 2011; MAIA e RIBEIRO, 2011). Porém a proposta atual do governo brasileiro é que a ES aconteça com enfoque apenas nos aspectos biológicos da sexualidade. Essa proposta do governo pode ser identificada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento que compõe as aprendizagens essenciais para o Ensino Básico do Ensino Brasileiro, que contém a proposta de que a ES seja abordada apenas na área de Ciências da Natureza (SILVA;BRANCALEONI e OLIVEIRA,2019).

A BNCC propõe que a sexualidade seja trabalhada na área de Ciências no 8º ano do Ensino Fundamental na unidade temática vida e evolução, sendo que deverá abordar:

> temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e

> das condições nutricionais da população brasileira. [...](BRASIL,2017).

Com a abordagem dessa temática de acordo com a BNCC o estudante deverá adquirir as habilidades de "selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética)" (BRASIL,2017). Já os PCN propõe trabalhar diversos temas transversalmente, entre esses inclui-se a orientação sexual para ser desenvolvidos da 1ª a 8ª séries, e a sexualidade é considerada como uma expressão cultural devendo ser abordada em suas dimensões: biológicas, psíquica e sociocultural (Figueiró, 2014).

Para Altman (2013), quando a ES é pautada numa abordagem biológica do corpo como é proposto na BNCC, não contemplando a diversidade sexual, evidencia uma abordagem limitada. Ao não contemplar as dimensões da sexualidade relacionada ao afeto, prazer, erotismo, sensualidade, entre outras, dimensões que podem ser consideradas tão ou até mais importantes que a função reprodutiva, é possível que, com as práticas de ES com esse tipo de abordagem corre-se o risco de tornar ineficiente nos seus objetivos preventivos (ALTMAN,2013).

Além dessa possibilidade da abordagem pautada na biologia não alcançar seus objetivos preventivos, Freire (2018) sugere que esse discurso presente na BNCC de limitar a sexualidade à pratica heterossexual e reprodutiva, demonstra uma influência à proibição e à autoridade moral para afirmar a heteronormatividade na política de educação. Para a autora, o discurso contra o tema gênero e orientação sexual, provoca o entendimento de uma suposta neutralidade educacional e, de certa forma, oculta as diferenças. Essa falta de reconhecimento dessas diferenças pode favorecer a violência contra as mulheres, transgêneros, travestis, gays, lésbicas, e qualquer outro (a) que não se veja na ideologia heteronormativa do gênero (FREIRE, 2018).

Contrapondo as orientações referente à ES da BNCC, a UNESCO publicou em janeiro de 2018, uma nova edição da "Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade", com a colaboração de outros órgãos internacionais, o UNAIDS, o Fundo de População das Nações Unidas(UNFPA), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), ONU Mulheres e a Organização Mundial de Saúde(OMS). Nessa publicação, a UNESCO mantém a orientação de uma educação em sexualidade com abordagem mais abrangente, ou seja, uma educação baseada nos:

> "[...] aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Destina-se a equipar as crianças e jovens com conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que os capacitarão a: realizar sua saúde, bem-estar e dignidade; desenvolver relações sociais e sexuais respeitosas; considerar como suas escolhas afetam seu próprio bem-estar e o dos outros; e, compreender e garantir a proteção de seus direitos ao longo de suas vidas" (UNESCO, 2018, p.. tradução nossa).

Apesar das orientações contidas nos PCN serem de 1998, quando comparada à BNCC encontra-se mais atualizada e em consonância com outras recomendações como a da Unesco (2018). Nos PCN a orientação é que a abordagem da sexualidade da criança e do adolescente deve ser baseada em uma abordagem que engloba todos os aspectos da sexualidade humana, ou seja, uma ES que além dos aspectos biológicos, aborde também os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos (BRASIL, 1998).

Os PCN foram publicados em 1998, porém até hoje muitas escolas brasileiras encontram dificuldades na implementação da ES. Pautada na proposta desse documento, associada com a implantação da BNCC, alguns avanços alcançados com os PCN poderão romper fazendo com que tenhamos um retrocesso na educação em sexualidade no país (SILVA, BRANCALEONI e OLIVEIRA, 2019).

Porém mesmo com entendimento de que a publicação da BNCC acontecerá um

retrocesso em relação a ES no Brasil, Barreiro e Martins (2016) após levantamento de documentos como: Leis de Diretrizes e Bases da Educação, resoluções emitidas pelo Conselho Nacional de Educação; legislações da área educacional brasileira e artigo da Constituição Federal reforçam que:

> Como todos sabemos, a decisão legislativa de muitas câmaras dos municípios no Brasil extraiu, dos planos municipais de educação, a palavra "gênero", tornando-a invisível nos documentos oficiais, o que não significa se tratar de uma medida proibitiva que impeça docentes, coordenadores e direção de realizar atividades e projetos pedagógicos temáticos ou envolvendo as relações de gênero e sexualidade, pois qualquer ação ou medida de caráter proibitivo pode configurar inconstitucionalidade, uma vez que a Constituição da República Federativa do Brasil, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação e as resoluções emitidas pelo Conselho Nacional de Educação fundamentam, priorizam e autorizam o trabalho pedagógico que valorize o respeito à pluralidade étnica, de gênero e sexual no País, garantindo a todos e todas a integridade dos direitos e o exercício pleno da cidadania (BARREIRO e MARTINS, 2016, pag 104).

Para esses autores os documentos analisados concedem bases e fundamentos legais para que as discussões de gênero e sexualidade sejam desenvolvidas por professores através de atividades e propostas pedagógicas diferenciadas (BARREIRO E MARTINS, 2016).

A proposta dos PCN de trabalhar esse assunto de forma transversal, ou seja, ministrado no interior das várias áreas de conhecimento, podendo ser trabalhado em dois formatos, o formal e informal, conforme é fundamentado por Figueiró (2006) na publicação "Educação sexual: como ensinar no espaço da escola". A autora explica que ES formal equivale a ensinar dentro da programação, ou seja, o professor faz um planejamento prévio do assunto a ser abordado; e a ES informal, equivale à extraprogramação, é quando é possível aproveitar, "um fato, uma pergunta, uma situação ocorrida e, ensinar a partir daí". Além dessas duas formas, para a autora é possível trabalhar sobre o assunto em horários e espaços próprios, que podem acontecer semanalmente ou quinzenalmente, ou em uma aula específica de Educação Sexual. Essas ações podem acontecer dentro do horário regular, ou em horário extra. Cada escola poderá analisar a melhor forma para trabalhar esse assunto e definir quais professores poderão realizar o ensino da ES (FIGUEIRÓ, 2006).

Apesar da orientação dos PCN de trabalhar o assunto como tema transversal, Silva (2015) cita que geralmente o papel de trabalhar assuntos relacionados à sexualidade é atribuído apenas aos professores de Ciências e Biologia. Muitos professores possuem o entendimento de que ainda não possuem subsídios para trabalhar questões sociais, como valores, preconceitos e tabus que envolvem esse assunto (SILVA, Renan, 2015).

No estudo realizado por Reis (2009), a pesquisadora concluiu que a ES na escola está muito voltada para sua concepção biológico-higienista, abordando principalmente assuntos como os aparelhos reprodutores masculinos e femininos e também cuidados e prevenção contra as IST. Porém, diante do número crescente de AIDS e de adolescentes grávidas, a autora entende que informar não é o suficiente para que haja mudança de comportamentos dos jovens (REIS, 2009). Quando o foco da informação é puramente biológico, considera-se o adolescente como um ser que: "não vive, não tem história, não deseja, não fala, não sofre e nem vive a angústia de crescer" (AQUINO, 1997 pg. 100).

Portanto, para que a informação sobre sexualidade seja capaz de influenciar na mudança comportamental dos adolescentes, as informações precisam ser educativas, sendo necessário considerar os fatores relacionados à vida do adolescente, como o funcionamento do corpo, os valores sociais, éticos e morais do meio social em que vive, as leis culturais e a estrutura psíquica (AQUINO, 1997 pg. 100).

No estudo, Vieira e Matsukura, (2017) também constataram-se a prevalência de uma

abordagem da sexualidade pautada nos aspectos biológicos. Nesse estudo, os autores identificaram e caracterizaram práticas de ES com adolescentes das escolas da rede pública, e também investigaram a concepção dos professores envolvidos a respeito do tema. Como resultados sobre a concepção dos professores, identificaram-se duas categorias de análise intituladas modelo biológico-centrado e preventivo e modelo biopsicossocial. Dos dez professores entrevistados, seis professores demonstraram utilizar o modelo biológico-centrado e preventivo, modelo em que as práticas são focadas na prevenção de IST/AIDS e gravidez; e quatro professores demonstraram utilizar o modelo biopsicossocial, modelo pautado em perspectivas e concepções mais abrangentes da sexualidade (VIEIRA E MATSUKURA, 2017).

Nothaft (2014) cita sobre alguns motivos porque a prevalência do modelo biológico acontece. O autor observou que os professores possuíam dificuldades para trabalhar o tema sexualidade com os adolescentes; entre elas destacou a ausência de material didático-pedagógico e tecnológico. Também aponta que outra dificuldade exposta pelos professores é a de discutir a sexualidade como um tema transversal, porque nem todos os professores conseguem desenvolver o tema, ficando a maior responsabilidade para os educadores da área da Biologia (NOTHAFT, 2014).

Dados semelhantes também foram citados por Reis (2009), como a falta de preparo dos professores em lidar com o assunto e a dificuldade que os professores encontram em relacionar o assunto com a matéria lecionada por eles. Porém, apesar dessas dificuldades, os professores citaram que esse assunto faz parte do dia-a-dia dos professores (REIS, 2009).

Figueiró (2006) aponta sobre esse sentimento de insegurança e a preocupação apresentada pelos professores em relação ao ensino da ES. Ainda que alguns reconheçam a importância desse tipo de ensino para a formação dos estudantes, eles sentem em vários momentos inseguros e até receosos; tal fato pode acontecer pela falta de preparo no processo formativo dos professores, tanto no Magistério, quanto nas licenciaturas (FIGUEIRÓ, 2006).

A educação em sexualidade a favor da emancipação e da autonomia exige do profissional o reconhecimento da vivência da sexualidade como direito, pois cabe a ele oferecer informações e promover a reflexão entre os adolescentes, de modo esclarecido e consciente, para que os adolescentes sejam capazes de fazer suas próprias escolhas (VIEIRA e MATSUKURA, 2017). Para que o profissional seja capaz de promover esse tipo de educação, Costa (2001) reforça a importância de o profissional adquirir formação e evitar a transmissão de conceitos e representações próprias aos adolescentes, como apresentado na citação a seguir:

> Outro aspecto a considerar é a formação de recursos humanos para desenvolver a educação para a sexualidade que, muitas vezes, é realizada de forma espontânea e de acordo com as próprias concepções dos educadores, de como manejam situações cotidianas. Assim, por falta de preparo técnico e metodológico, transmitem aos adolescentes conceitos e representações próprias, sem levar em conta critérios científicos e éticos necessários à formação do jovem. Costa (2001).

Conforme apontado por Costa (2001),é necessária a formação dos profissionais envolvidos com a ES para que possam desenvolvê-la com embasamento científico e ético. Figueiró (2014) fala também da necessidade de formação profissional para trabalhar com ES, especificamente a formação inicial e continuada de professores.

Na formação inicial, essa autora cita que a reflexão sobre a prática pedagógica é restrita, que somente depois que o professor estiver atuando na prática profissional será capaz de fazer uma reflexão sobre a prática pedagógica, salienta ainda da necessidade de uma busca constante pelo conhecimento durante a prática profissional, para conseguir despertar esse mesmo tipo de atitude em seu aluno. Em relação à formação continuada e o tema sexualidade, a autora considera que, diante do contexto que essa temática tem se tornado cada dia mais presente na escola, a formação continuada de professores tendo esse tema como parte

integrante dessa formação, favorecerá o relacionamento entre professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem como um todo (FIGUEIRÓ, 2014).

Em relação à formação dos profissionais envolvidas com a ES, Altman (2013) também discorre sobre a importância da formação desses profissionais. Cita sobre importância de inclusão de conteúdos relacionados à diversidade sexual e de gênero nos cursos de formação de nível superior. Para a autora, a autonomia que as universidades apresentam em incluir ou não temas nos seus currículos, favorece que professores sensíveis a essa temática abordem sobre esse assunto em suas disciplinas, mas também possibilita que estudantes desses cursos concluam a formação superior sem a abordagem deles (ALTMAN, 2013).

Para Miranda (2015), é necessário a inclusão da disciplina Educação Sexual como componente curricular nos currículos de formação de professores de forma teórica e metodológica para permitir o conhecimento mais aprofundado das questões relacionadas à sexualidade. Em sua pesquisa, "A educação sexual como disciplina no currículo da formação inicial de professores: caminhos, conquistas e desafios" fez uma análise dos caminhos, as conquistas e os desafios frente ao trabalho com a disciplina Educação Sexual no currículo da formação inicial de professores. De acordo com estudantes do estudo, a disciplina Educação Sexual no currículo da formação inicial de professores, possibilitou uma mudança nas suas concepções, crenças e tabus, concordando sobre a importância de trabalhar a disciplina Educação Sexual no currículo da formação inicial de professores (MIRANDA, 2015).

3.3.4 Educação em Sexualidade e a Integração entre Educação e Saúde

A integração entre área da saúde e educação para trabalhar sexualidade com adolescentes foi apontada pela FEBRASGO e SBRASH (2018), sugeriram que ações aconteçam de forma conjunta entre essas áreas, sendo necessário abranger treinamento para pais e professores do ensino fundamental e médio. Destacaram que para os profissionais de saúde trabalharem esse assunto é necessário procurar por conhecimento científico sobre sexualidade, e que as estratégias adotadas sejam embasadas em evidências científicas. Sugerem ainda que o material didático para a educação sexual nas escolas precisa ser analisado e validado pelos profissionais de saúde e educação juntos (FEBRASGO e SBRASH, 2018).

Nothaft (2014) cita também sobre a importância de uma articulação entre as áreas da educação e saúde, sugere a promoção de debates com os profissionais dessas áreas para que ocorra uma desconstrução de conceitos de sexualidade centrados na visão biologicista, incentivando a construção coletiva de novas técnicas e abordagens de ensino (NOTHAFT, 2014).

Scaratti et al. (2016) sugere também a integração entre saúde e educação como fator fundamental para a ampliação de ações sobre sexualidade com adolescentes com intuito de promover uma mudança no comportamento dos adolescentes, para que adotem uma sexualidade saudável. Para os autores, nenhum setor da saúde ou educação é capaz de, isoladamente, realizar todas as ações necessárias para assegurar a saúde e o desenvolvimento saudável e responsável dos adolescentes e jovens. Além dessa integração, sugerem a necessidade de revisão dos tipos de práticas educativas e da sua frequência a ser realizada com os adolescentes (SCARATTI et al., 2016).

Além do despreparo dos professores, percebe-se também um despreparo dos profissionais da saúde em relação à sexualidade. Alguns estudos apontaram que muitos profissionais de enfermagem e medicina apresentam muitas crenças, tabus e preconceitos em relação à sexualidade e conhecimento limitado aos aspectos biológicos. Portanto sugere-se que aconteça a inclusão de discussões sobre sexualidade nesses cursos para desmitificar o

assunto e para que esses profissionais possam compreender a sexualidade além dos aspectos biológicos e preventivos (SANTOS 2007; RUFINO; MADEIRO; GIRÃO, 2013).

Além desse despreparo dos profissionais da saúde e educação, Vieira e Matsukura e Vieira (2017) apontaram ainda fragilidades nas políticas públicas vinculadas à adolescência e Educação Sexual no Brasil. Entre as fragilidades percebidas na área da Educação, as autoras citaram uma descontextualização das propostas, projetos que não permitem flexibilidade e uma falta de recursos para efetivação das ações. Na área da Saúde, citaram sobre a necessidade de subsídios práticos, a dificuldade de acesso aos materiais publicados e sobre a importância de aquisição de conhecimento e domínio dos profissionais da saúde aos documentos destinados para atuação desses profissionais (VIEIRA; MATSUKURA e VIEIRA, 2017).

Portanto, diante das discussões que vêm ocorrendo sobre ES, especificamente, sobre o tema da educação para a diversidade, Capellini e Fonseca (2017) sugerem a necessidade de mudanças nas políticas públicas e nas práticas pedagógicas para que ocorra a adoção de uma educação para todos, ou seja, uma educação que engloba o desenvolvimento humano considerando sua dimensão histórica, social e cultural, sendo capaz atender às individualidades e promover o respeito às diferenças. Para as autoras, no século XXI, a escola deve adotar um modelo diferente da herdada no passado; deve ser um modelo inclusivo, dinâmico e radicalmente diferente, que além de proporcionar a construção do conhecimento, seja capaz também de oportunizar a socialização e o respeito mútuo, o desenvolvimento de valores éticos e a solidariedade (CAPELLINI e FONSECA, 2017).

3.4 O Programa PEAS no IFMG-SJE

O PEAS é um programa desenvolvido pelas Secretarias de Estado de Saúde e Educação, em parceria com as Fundações Odebrecht, Belgo Mineira e Vale do Rio Doce, destinado aos adolescentes matriculados em escolas públicas de Minas Gerais. O objetivo do programa é promover o desenvolvimento pessoal e social do adolescente através de ações de caráter educativo e participativo, focalizadas nas questões da prevenção das IST/HIV/AIDS, da prevenção ao uso de drogas, sexualidade e da saúde reprodutiva (MINAS GERAIS, 2007).

No âmbito do IFMG-SJE, o PEAS surge após a participação da equipe pedagógica e professores da instituição de um treinamento promovido pela Superintendência Estadual de Ensino de Guanhães-MG sobre educação afetivo-sexual, que, após essa participação em 2003, iniciou-se uma discussão na instituição para implementação de um programa afetivo-sexual no IFMG-SJE. A implementação do programa aconteceu no ano de 2005 e foi até o ano de 2010, e, para o desenvolvimento de atividades referentes ao programa, foram destinados dois dias no ano do calendário escolar para o desenvolvimento de atividades destinadas aos estudantes do IFMG-SJE. O Projeto considerava o protagonismo juvenil como fator essencial para que o adolescente fosse capaz de desenvolver sua "própria consciência tornando-os mais autônomos, solidários e responsáveis". Visava proporcionar "momentos em que os próprios estudantes percebessem como estão vivenciando sua sexualidade, por meio de seus pares e grupos de relações. Nada mais educativo do que se ver através do outro" (OLIVEIRA, 2010).

Após a saída da servidora responsável pela execução do programa no IFMG-SJE de um Cargo de Direção que ocupava na instituição, o programa não foi mais executado. Em 2017 com intuito de conscientizar a comunidade escolar foi designada uma comissão da qual fazia parte, para que essa comissão fosse capaz de mobilizar a comunidade do IFMG-SJE para dar continuidade ao PEAS. Porém até o momento a retomada do programa não obteve adesão pela comunidade escolar, inviabilizando essa ação na instituição.

Durante o período de 2005 a 2010, dentre as atividades do PEAS que aconteceram no IFMG-SJE encontram-se a I e II Mostras do Programa PEAS e Gincanas, que contaram com a

realização de palestras, peças de teatro, depoimentos oficinas temáticas ministradas por professores e especialistas da área da saúde. A atividade mais prevalente do programa foi a realização de gincanas com envolvimento de toda comunidade escolar, que aconteceram em 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010. Foram abordados temas diversos relativos à prevenção de drogas, alcoolismo, tabagismo, preconceito, violência, IST, gravidez na adolescência, construção e mutação do corpo, métodos contraceptivos, namoro, solidariedade e respeito, autoestima, identidade, ciência, estética, mídia, esporte e lazer, espiritualidade, identidade, família, amor, justiça e igualdade de oportunidades, cooperação e solidariedade, motivação, trabalho em equipe, sexualidade, afetividade, cidadania, saúde do adolescente, convivendo com a diversidade, o jovem e a internet. Além da abordagem desses temas, o programa estimulou o exercício da cidadania por meio do desenvolvimento de atividades em instituições filantrópicas do município, como asilo, creche, abrigo de menores e a APAE, e também contou com a realização do "Projeto Jornada da Adolescência", que foi criado para promover a recepção e a integração dos estudantes recém chegados ao instituto (OLIVEIRA, 2010).

Oliveira (2010) ao avaliar a importância do PEAS para os estudantes do IFMG-SJE através de uma investigação entre estudantes, servidores docentes e técnico-administrativos do IFMG-SJE citou 55,00% dos estudantes estudados citaram que gostavam do PEAS. Apontaram ainda que os temas trabalhados durante o programa apresentaram os seguintes pontos positivos: aprendizagem, relacionamento interpessoal, diversão e solidariedade. Em relação à aprendizagem proporcionada durante a participação no programa citaram: relacionamento, trabalho em equipe, respeito às diferenças, fonte de conhecimento, atividade de lazer e interação entre colegas. Apontaram como pontos negativos do programa: competitividade, periodicidade, falta de organização, pouca participação (OLIVEIRA, 2010).

Os professores que participaram da pesquisa dessa autora relacionaram o PEAS à transdisciplinaridade, formação humana e integração. Dentre esses 58,06% acreditavam no programa, e 90,9% consideraram que as atividades desenvolvidas pelo programa não atrapalhavam as atividades didáticas. Afirmaram que o programa proporciona conscientização e uma melhoria no relacionamento entre os estudantes. Entre os benefícios que o PEAS proporciona aos estudantes citaram: relacionamento interpessoal, educação afetivo-sexual, conscientização, prevenção a drogas, IST e gravidez. Sugeriram que houvesse uma maior participação e conscientização da comunidade escolar e que as atividades que geram competição fossem substituídas para atividades que proporciona cooperação entre os participantes (OLIVEIRA, 2010).

O grupo de técnico-administrativos que participaram desse mesmo estudo citaram vários benefícios com execução do programa: a conscientização dos estudantes, a atenção à sexualidade, a viabilização de melhores relacionamentos e a construção da cidadania. Quanto à participação dos estudantes na escolha dos temas trabalhados no programa, esses servidores consideram que essa participação favorece ao protagonismo juvenil e consideram que os estudantes tenham uma participação ativa na execução do programa. Sugeriram uma maior participação da comunidade escolar, inclusão de mais palestras e transformação do programa em um evento contínuo.

Para os três segmentos pesquisados por Oliveira (2010), os estudantes, docentes e técnico-administrativos, entenderam que esse programa deveria permanecer no calendário da Instituição como um instrumento de educação em sexualidade, prevenção ao uso de drogas e de desenvolvimento do protagonismo juvenil.

Diante dos dados apresentados nessa pesquisa, Oliveira (2010) entende que o PEAS foi um programa eficaz e que apresentou uma boa aceitação pela comunidade escolar do IFMG-SJE. Para essa autora os participantes desse estudo consideram que o "Programa PEAS atua como instrumento de conscientização, prevenção a DSTs, gravidez e drogas. Auxilia na

construção de valores humanos e nas relações interpessoais e permite a construção individual e coletiva de conhecimentos e habilidades, de forma crítica e reflexiva, culminando em uma ação transformadora e integral" (OLIVEIRA, 2010).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de Pesquisa

Optou-se pelo método qualitativo, pois esse permite obter informações de forma mais aprofundada e individualizada sobre a percepção que cada sujeito tem sobre o tema. Também permite que o investigador entre em contato com o vivido, com as experiências e o falar humano, ou seja, com os discursos dos sujeitos da pesquisa (AZEVEDO, 2007).

Para Creswel (2014), a pesquisa qualitativa apresenta como resultado final as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, descrição do problema, a contribuição para a literatura ou um chamado à mudança.

4.2 Estudo I – Revisão Integrativa da Literatura

A escolha pela realização de uma Revisão Integrativa da Literatura justifica-se pelo fato desse método de pesquisa permitir a análise de estudos científicos de forma sistemática e ampla, o que viabiliza a caracterização do conhecimento produzido a respeito de educação em sexualidade, conforme proposto pelo objetivo do estudo.

Revisão integrativa é definida por Broome (1993) como aquela em que pesquisas já publicadas são sintetizadas e geram conclusões gerais sobre o tema de interesse (apud Silveira,2005).

4.3 Estudo II- Crenças dos Estudantes das Terceiras Séries dos Cursos Técnicos Integrados em Relação à Educação em Sexualidade Após o Ingresso no IFMG-SJE

Como técnica para abordagem, utilizou-se a pesquisa narrativa. Esse tipo de abordagem consiste na análise das histórias contadas pelos participantes. A entrevista narrativa é uma técnica para gerar histórias; ela é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados. As narrativas permitem que as pessoas lembrem *"*o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social." (BAUER & GASKEL, 2002).

Os textos científicos também são compostos por narrativas, ou seja, podem narrar descobertas, compreensões, interpretações, recomendações (WITTIZORECKI, BOSSLE, SILVA, OLIVEIRA, GÜNTHER, SANTOS SANCHOTENE, MOLINA, DIEHL e NETO, 2006).

Os procedimentos adotados nesse tipo de pesquisa constituem em reunir dados através da coleta, relatar as experiências individuais e ordenar cronologicamente o significado dessas experiências (CRESWELL, 2014, p 68). Objetivam também incentivar e estimular o sujeito entrevistado a contar algo sobre algum acontecimento de sua vida. A história surge a partir da interação, da troca e do diálogo entre o entrevistador e participantes favorecendo a colaboração entre os envolvidos na pesquisa (MUYLAERT, JUNIOR, GALLO, NETO e REIS, 2014).

A coleta de dados aconteceu através da realização de roda de conversa. A roda de conversa é um método de observação participante, que através do diálogo entre os participantes procura estimular a participação e a reflexão (TAVARES, 2015). Optou-se pela realização de rodas de conversa, porque ela proporciona um espaço de escuta cuidadosa*,* além

de possibilitar a discussão, expressão de desejos e desabafos resultando em troca de experiências e aprendizado (COSTA, BOSCO, MEDEIROS e SILVA, 2015).

5 ESTUDO I

5.1 Procedimentos do Estudo I

Para levantamento das publicações sobre o tema, optou-se pela busca de artigos nacionais do período de 2007 a 2017. A pesquisa foi de caráter exploratório e não sistemática e realizada nas bases de dados pertencentes à Scientific Eletronic Library Online (SCIELO) e Biblioteca Virtual de Saúde-Bireme (BVS).

Utilizou-se como descritores: (1) Educação AND Sexualidade; (2) Adolescentes AND Sexualidade; (3) Ensino Médio AND Sexualidade, seguindo-se essa sequência. Com o objetivo de refinar a busca, foram selecionados os seguintes filtros: Ano de publicação: 2007 a 2017; Idioma: português; Tipo de literatura: artigo; Público (Limite): adolescentes.

Estabelecidos os critérios de refinamento, iniciou-se a primeira seleção que ocorreu, primeiramente, por título, depois por resumo e, posteriormente, artigos disponíveis em texto completo. Foram incluídos aqueles nos quais houve a menção à palavra sexualidade ou educação sexual, estudo realizado com adolescentes em escolas públicas com faixa etária de 14 a 21 anos.

Foram recolhidos 56 artigos com esses critérios de refinamento, porém 4 (quatro) estudos foram descartados, porque, apesar de atenderem aos critérios de refinamento, as suas pesquisas foram desenvolvidas em outro país. No total, foram utilizados 52 artigos. As publicações capturadas foram registradas destacando: autores, ano de publicação, tipo de revista, sujeitos da pesquisa, metodologia utilizada e instrumentos utilizados.

Para a análise, realizou-se leitura integral de cada artigo. Foram realizados recortes dos artigos destacando as principais ideias que se repetiam. A partir da seleção de temas recorrentes, em diálogo com a literatura da área, foram construídas as seguintes categorias de análise: *1) Definição do conceito de sexualidade na visão dos adolescentes, 2) Conhecimento dos adolescentes sobre vários assuntos relacionados à sexualidade e 3) Educação em sexualidade.*

5.2 Resultados e discussão do Estudo I

As publicações capturadas foram registradas destacando: autores, ano de publicação, tipo de revista, sujeitos da pesquisa, metodologia utilizada e instrumentos utilizados, conforme mostra o Quadro 03:

Quadro 3: Quadro de publicações do Estudo I

AUTORES	ANO DE PUBLICAÇÃO	TIPO DE REVISTA	SUJEITO DA PESQUISA	METODOLOGIA UTILIZADA	INSTRUMENTOS UTILIZADOS
ALTMANN,H	2009	Pesquisa	Adolescentes-12 a 15 anos	Qualitativa	1-Observação 2-Entrevista
ALMEIDA, J et al.	2011	Enfermagem	Adolescentes idade menor ou igual a 19 anos	Qualitativa	1-Oficinas educativas
ALMEIDA, R et al.	2017	Enfermagem	Adolescente-16 a 19 anos	Qualitativa	1-Entrevista semiestruturada 2-formulário
ARAÚJO,A et al.	2012	Enfermagem	Adolescentes-12a 18 anos	Qualitativa	1-Questionario semiestruturado
NETO, Ariel Sousa et al.	2012	Educação Médica	Escolas públicas de ensino fundamental e médio	Qualitativa	1-Caixa tira duvidas

BAUMFELD,T.S et al.	2012	Educação Médica	Adolescentes-11 a 19 anos	Qualitativa	1-Questionario 2-Programa EpiInfo 2002 2- Dinâmicas de grupo 3-Atividades lúdicas: Encenações cômicas e jogos de perguntas 4-Ferramentas multiplicadoras: Vídeos e Peças de teatro
BARROS, J; COLACO;V	2013	Psicologia	Adolescentes-15a 17 anos	Qualitativa	1- Diários de campo 2- Grupo de discussão com temas escolhidos pelos participantes.
BESERRA, E et al.	2017	Pesquisa	Adolescentes-15 a 18 anos	Qualitativa	1-Oficina educativa 2-Videos
BESERRA, E et al.	2011	Saúde Coletiva	Adolescentes-14 a 16 anos	Qualitativa	1-Observação participante, 2-Diário de campo 3-Círculo de cultura
BESERRA, E et al.	2008	Enfermagem	Adolescentes-14 a 16anos	Qualitativa	1-Observação participante, 2-Diário de campo 3-Círculo de Cultura
BORDINI, G.S; SPERB, T.M	2013	Psicologia	Adolescentes- 14 a 15 anos	Qualitativa	1-Grupo focal on line 2-Narrativas
BRETAS, J et al.	2011	Saúde Coletiva	Adolescente-12 a 19 anos	Quantitativa	1-Questionario estruturado
BRETAS, J et al.	2007	Enfermagem	Adolescentes- 15a 18 anos	Qualitativa	1-Oficina com atividade coletiva
BUSANELLO,J; SILVA,M.R.S;OLIVEIRA, A.M.N	2009	Enfermagem	Adolescentes-11 a 15 anos	Qualitativa (participativa e dialogal)	1-Questionário individual, 2- Diário de campo, 3-Materiais produzidos durante oficinas (cartazes, desenhos, verbalizações)
CAMARGO,E. A.I ; FERRARI, R.A.P	2009	Saúde Coletiva	Adolescentes-14 a 19 anos	Quantitativa	2-Questionario construído com questões de múltipla escolha 2-Programa Epi-Info 3.3.212 3-Testes quiquadrado ($\chi 2$) e exato de Fischer,
CAMILO, V.M et al.	2009	J.Brás. DST	Adolescentes- 13 a 18 anos	Qualitativa	1-Oficinas, 2-Gincanas, 3-Discussão em grupo, 4-Músicas, 5- Exibição de filme 6- Atividades de recorte e colagem, 7-Observação participante
CASTRO,J.F.L;ARAÚJO, R.C; PITANGUI, A.C.R.	2017	Enfermagem	Adolescentes-14 a 19 anos	Quantitativa	1-Questionário Individual 2-Programa StatisticalPackage for the Social Sciences (SPSS) 3-Testes de Qui-quadrado de Pearson e Mann-Whitney 4-Microsoft Excel
COSTA,J.F.;PACHECO,Z. M.L;SILVA,G.A	2007	Enfermagem	Adolescentes -10 a17 anos	Qualitativa	1-Roteiro composto de perguntas abertas e diretas
CEDARO, J.J; BOAS, V.L.M.S.V; MARTINS, R.M.	2012	Psicologia	Adolescentes-12 a 17 anos	Quanti-qualitativa	1-Questionario semiestruturado

DIAS, F et al	2010	Enfermagem	Adolescentes-14 a 20 anos	Qualitativa	1-Oficinas de grupo focal
FONSECA, AD; GOMES, VLO; TEIXEIRA, KC.	2010	Enfermagem	Adolescentes-15 a 17 anos	Qualitativa	1-Entrevista semiestruturada 2-Gravador
FREIRE, A.K.S et al.	2017	Ciências Biologias e Saúde	Adolescentes -15 a 19 anos	Qualitativa (baseado na pesquisa-ação)	1-Roteiro metodológico 2-Dinâmicas 3-Registrocelular com função de gravador
FREITAS,KR; DIAS,S.M.Z	2010	Enfermagem	Adolescentes- 11 e 19 anos	Qualitativa	1- Dinâmica grupal de criatividade e sensibilidade
GUBERTL,F.A et al.	2009	Enfermagem	Adolescentes- 14 a 18 anos	Qualitativa	1-Diário de campo 2-Oficinas educativas baseadas Círculo de cultura
LEVANDOWSKI, D.C ;SCHMIDT, M.M	2010	Paidéia Psicologia	Adolescentes- 12 a 15 anos	Qualitativa e Quantitativa	1-Oficinas, 2-Diário de campo
LIMA, F.C.A.L et al.	2013	Enfermagem	Adolescentes- 10 a19 anos	Quantitativa	1-Questionario semiestruturado 2-Programa Epi Info (versão 3.5.1)
MACEDO; S et al.	2013	Enfermagem	Adolescentes-15 a 19 anos	Qualitativo	1-Entrevista semiestruturada, 2-Grupo focal
MANO,S.M.F ; GOUVEIA, F.C; SCHALL,V.T	2009	Educação	Adolescentes-16 a 21 anos	Qualitativo	1-Questionário digital com 25 perguntas
MARTINS, C.B.G et al.	2012	Enfermagem	Adolescentes- 10 a 19 anos	Quantitativo	1-Instrumentoautoaplicável com questões fechadas 2-Programa Epi-Info – versão 6.0d
MARTINS, C.B.G et al.	2011	Enfermagem	Adolescentes-14 a 17anos	Qualitativo	1-Dinâmica participativa, 2- Roteiro com descrição das dinâmicas, 3- Álbum ilustrativo 4- Preservativo, 5-Jogos 6-Materiais diversos
MARTINS, C.B.G. et al.	2012	Enfermagem	Adolescentes- 10 a 19 anos	Quantitativa	1-Questionário estruturado 2-Programa Epi-Info – versão 3.5d
MARTINS,C; SOUZA, S	2013	Enfermagem	Adolescentes-13 a 15 anos	Qualitativo	1-OficinaParticipativa
MOURA, A. F. M., PACHECO, A. P., DIETRICH, C. F.; ZANELLA, A. V.	2011	Psicologia	Adolescentes-5ª a 8ª série	Qualitativa	1-Oficinas
NAU,A et al.	2013	Enfermagem	Adolescentes-7ª a 8ª série	Qualitativa	1- Círculo cultura, 2-Questionario.
OLIVEIRA, D.C; GOMES, A.M.T; PONTES,A.P.M; SALGADO, L.P.P.	2009	Enfermagem	Adolescentes- 14 a 22 anos	Qualitativa	1-Software EVOC 2003 2-Questionario livre com tema sexualidade
OLIVEIRA, N. P; BERIA, J.U; SCHERMANN, L.B	2014	Psicologia e promoção saúde	Adolescentes- 12 a 19 anos	Quantitativo transversal	1-Questionário estruturado 2-Programa EPIDATA 3.1 3-Pacote estatístico SPSS 18.0 for Windows
OLIVEIRA, R.N.G et al.	2016	Saúde Coletiva	Adolescentes - 15 a 18 anos	Qualitativa	1-Oficina de Trabalho Crítico-emancipatória 2-Dinâmicas de interação

PELLOSO, S.M et al.	2008	Ciências da Saúde	Adolescentes- 12 a 19 anos	estudo descritivo exploratório.	1-Questionáriocompergun tas abertas e fechadas
PICCIN,C et al.	2017	Enfermagem	Adolescentes- 11 a 15 anos	Qualitativa	1-Oficinas participativas
PINTO, M et al.	2013	Saúde	Adolescentes- 16 a 20 anos	Qualitativa	1-Oficinas educativas
RESSEL, L.B; JUNGES,C.F;SEHNEM,G. D;SANFELICE, C.	2011	Enfermagem	Adolescentes- 12 a 15 anos	Qualitativa	1-Entrevistas semiestruturadas
ROLIM, S.R. et al.	2016	Psicologia e promoção saúde	Adolescentes- 12 a 19 anos	Quantitativa (transversal)	1-Questionário autoaplicado 2-Programa EPIDATA 3.1. 3-Programa SPSS 10.0 for Windows
ROMERO,K.T et al.	2007	Medicina	Adolescentes-10 a 16 anos	Quantitativa (transversal)	1-Questionário semiestruturado autopreenchível 2-Teste Qui-quadrado
SILVA, D.M,; ALVES,M.R; SOUZA,T.O; DUARTE, A.C.S	2013	Enfermagem	Adolescentes-15 a 18 anos	Qualitativa	1-Oficinas educativas
SILVA, S. C.et. al.	2014	Enfermagem	Adolescentes- 12 a 18 anos	Qualitativa	1-Grupo focal
SILVEIRA, A ; DONADUZZI, J.C,PEREIRA,A.D.A, NEVES ,ET	2010	Enfermagem	Adolescentes - 12 a19 anos	Qualitativo	1-Dinâmicas de grupo 2-Questionário semiestruturado
SOARES, S.M; AMARAL, M.A; SILVA,L.B; SILVA,P.A.B	2008	Enfermagem	Adolescentes- 15 a 19 anos	Qualitativo	1-Oficinas lúdicopedagógicas 2-Observação participante 3-Diário de campo
SOUZA, V. et al.	2017	Enfermagem	Adolescentes- 15 a 18 anos	Quantitativa (estudo analítico)	1-Jogo papo reto
TORRES, CA; BESERRA,E.P;BARROS O, M.G	2007	Enfermagem	Adolescentes-14 a 17 anos	Qualitativa	1-Grupo focal
VIDAL,E.I ; RIBEIRO,P.R.M	2008	Psicologia	Adolescentes- 14 a 19 anos	Quanti-qualitativa	1-Redacao
VIERO,VSF et. Al.	2015	Enfermagem	Adolescentes- 11 a 17 anos	Quantitativa	1-Questionário estruturado 2-Software Microsoft Excel versão 2010 3-Software StatisticalPackage for the Social Sciences (SPSS) versão 20.0 4-Teste de Kolmogorov-Smirnov 5-Teste post hoc de Tukey
VONK, A.C.R.P;BONAN, C.;SILVA,K.S.	2013	Saúde Coletiva	Adolescentes-15 a 19 anos	Quantitativa	1-Questionário estruturado 2-Teste de qui-quadrado (c^2) 3-Epi-info 3.58

Elaborado pelo autor Fonte: SCIELLO e BVS.

Observando o quadro acima, nota-se que das 52 (cinquenta e duas) publicações selecionadas, 29 (vinte e nove) publicações aconteceram em revistas nacionais de Enfermagem, correspondendo a 55,77% dos resultados; as revistas de Psicologia foram responsáveis por 8 (oito) publicações e revistas da Saúde publicaram 9 (nove). As outras 6 (seis) publicações foram realizadas por outros veículos de divulgação, como revistas de Educação, Pesquisa, IST, Medicina. Quanto ao ano de publicação dos estudos entre os anos de

2007 a 2017, o ano que teve mais estudos publicados foi o ano de 2013, que contou com 9 estudos publicados nesse ano; no ano de 2009, houve 7 estudos publicados; em 2011, 2012 e 2017 foram 6 publicações; em 2007, 2008 e 2014 foram 4; em 2016, foram apenas 2; em 2015 apenas 1.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, iniciou-se com a faixa etária de 14 anos e finalizou-se com a faixa etária de 24 anos. A metodologia mais utilizada foi a qualitativa, esteve presente em 67,30% publicações referente a 35 (trinta e cinco), já a metodologia quantitativa esteve presente em 26,92 % referente a 14 (quatorze), e 5.77 % (3 três) refere-se às publicações que utilizaram metodologia mista, qualitativa e quantitativa. Quanto aos instrumentos utilizados para a coleta de dados, os autores utilizaram instrumentos variados, dentre estes: Questionário semiestruturado e estruturado, Oficinas educativas, Grupo-focal, Dinâmicas, Diário de campo, Caixa tira dúvidas, Redação, Jogos, Vídeos, Programas Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), Epi-Info – versão 6.0 e EPIDATA 3.1, testes de Qui-quadrado de Pearson e Mann-Whitney, Teste post hoc de Tukey e software Microsoft Excel. Dentre os instrumentos mais utilizados pelos pesquisadores foram os Questionários semiestruturado e Oficinas educativas.

Verificou-se após a revisão bibliográfica que os assuntos relacionados à sexualidade que mais se repetiam foram os relacionados à IST/HIV/AIDS, gravidez na adolescência e os relacionados à reprodução humana correspondente a 71,15% (37). Em 63,46 % (33) discutiram com os adolescentes assuntos como papel social de gênero, homossexualidade, comportamento de risco, violência sexual, abuso sexual, erotismo, pornografia e prostituição, orientação sexual, relacionamento sexual, aborto, negociação do uso de preservativos, virgindade, orgasmo, relacionamento afetivo. Mesmo com inclusão de alguns assuntos que consideram os aspectos sociais, culturais e emocionais da sexualidade, percebe-se uma ênfase maior dos estudos com os assuntos relacionados aos aspectos biológicos da sexualidade, com um enfoque preventivo de doenças e gravidez, e a transmissão de conhecimento sobre métodos contraceptivos, IST/HIV/AIDS, alterações físicas e fisiológicas ocorridas na puberdade. Alguns estudos continham em seus objetivos específicos a pesquisa sobre gênero e sexualidade: GUBERT et al., 2010; LEVANDOWSKI e SCHMIDT ; 2010; MARTINS et al., 2012; TORRES e BESERRA e BARROSO, 2007; PELLOSO et al., 2008.

Em muitos estudos foi possível observar temáticas que se repetiam nas considerações pelos autores. Em 51,92% (27) estudos, os autores evidenciaram a importância de parceria da escola e profissionais de saúde para trabalhar assuntos relacionados à sexualidade, tendo em vista a importância desses setores na promoção de uma adolescência saudável e na conscientização de adoção de comportamentos responsáveis. Em 30,77% (16) dos estudos, mostra-se o desenvolvimento de ações de educação em sexualidade desenvolvidas por profissionais de saúde, como médico, psicólogos e enfermeiros, sendo que o enfermeiro foi o profissional que mais executou ações sobre esse assunto com os adolescentes matriculados em escolas públicas. Também foi percebida nesses 16 estudos a integração entre a Educação Superior e a Educação Básica, parceria estabelecida com intuito de promover ações que trabalham a sexualidade com os estudantes. A maioria desses estudos foram realizados através da execução de projetos de extensão próprios de cada universidades e outros projetos nacionais como o PET-Saúde e residência profissional.

Além dessa integração entre a escola e o meio acadêmico, vários autores destacaram a importância de trabalhar sexualidade com os adolescentes por causa da vulnerabilidade a que este público está exposto. Vários autores usaram como método as oficinas educativas, que além de coletar dados tinham um caráter de interação com o público estudado e o intuito de compartilhar conhecimento.

5.2.1 Definição do conceito de sexualidade na visão dos adolescentes

Para a maioria dos adolescentes estudados, a sexualidade foi relacionada ao ato sexual, relacionamento a dois, ou seja, relacionada à reprodução. (ALMEIDA et al., 2017; ARAÚJO et al., 2012 ; BESERRA, et al. , 2008 ; BESERRA, et al., 2017; BRETAS, et al., 2007;CAMILO, et al., 2009; FREITAS e DIAS, 2010; GUBERT et al., 2010; MACEDO; et al., 2013; MARTINS et al., 2011; SOARES, et al., 2008; VIERO et al., 2015).

A sexualidade não está relacionada apenas ao ato sexual. Vários autores esclareceram que o conceito de sexualidade não está ligado apenas ao ato sexual (ALMEIDA et al., 2017; ALMEIDA et al., 2011; BESERRA, et al. , 2008 ; BESERRA, et al., 2017; BRETAS, et al.,2007; CAMILO, et al., 2009; FREITAS e DIAS, 2010; MACEDO et al., 2013; ROMERO et al., 2007 ; VIERO et al., 2015).

Romero et al., (2007) apresentam a definição de sexualidade como um componente importante na formação da identidade do adolescente, que ela pode manifestar-se através de várias identificações, como da imagem corporal, da descoberta do outro como objeto de amor ou desejo e da descoberta de si e das relações com os familiares, grupos e profissionais. A sexualidade permeia os aspectos cognitivos e os aspectos culturais, o que a torna tão complexa.

Ao estudar a respeito da percepção de adolescentes sobre as manifestações da sexualidade, assim como todos os autores citados, Bretas et al. (2007) evidenciou que os estudantes também relacionaram a sexualidade ao sexo. Diante dessa percepção dos adolescentes, os autores salientaram que sexo e sexualidade são termos distintos, e que na literatura encontramos a sexualidade descrita de diversas maneiras, mas entre essas definições encontra-se algo em comum que é a compreensão de que a sexualidade é parte intrínseca do ser humano. Os autores esclarecem que o termo “sexo” é o conceito de qualidade masculino ou feminino; processos fisiológicos e psicológicos de um indivíduo que determinam um relacionamento físico destinado à procriação e/ou prazer erótico. A sexualidade é desenvolvida além dos aspectos biológicos "[...] a sexualidade se coloca não apenas no palpável, mas, também, no discurso que sustenta o palpável, na ideologia subjacente aos padrões de “normalidade” impostos na convivência social [“...]” (BRETAS, 2007).

Beserra et al. (2008) explicou também que o conceito de sexualidade é muito mais amplo, que não está direcionada aos atos sexuais ou ao relacionamento a dois, a sexualidade é algo que constitui o ser humano e que está estreitamente relacionada ao âmbito pessoal, à cultura e às relações sociais. Para Camilo et al. (2009), a sexualidade envolve também outros componentes da sexualidade além do sexo, envolve também o funcionamento do corpo, o gênero, a orientação sexual, assim como valores para a vida e o amor.

Freitas e Dias (2010) também apresentam o conceito de sexualidade nessa perspectiva, que a sexualidade compreende o ato sexual, as identidades, os papéis sociais, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. Ela pode ser percebida também através dos pensamentos, fantasias, desejos, opiniões, atitudes, valores, comportamentos, práticas e nos relacionamentos. Portanto é uma interação dos fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais que influenciam as práticas sexuais de cada grupo social. Nas dinâmicas realizadas pelo autor, a sexualidade para os adolescentes aparece como sinônimo de fazer sexo, pautada na biologia dos corpos. O assunto foi discutido durante as oficinas proporcionando reflexões no grupo, que incentivou os adolescentes a discutir sobre o termo sexualidade, levando-os a uma recodificação desse termo. A recodificação do termo foi construída contemplando seus anseios e as circunstâncias de sua vida, como mostra o trecho abaixo:

> Sexualidade não é só sexo com alguém, tem que ter carinho, beijo, abraço, tesão,

> atração e tem que ter conquista. É o amor entre duas pessoas. É o que diferencia os sexos, homem e mulher. Também é a gente escolher o sexo que a gente vai ter. É o jeito como nós nos vestimos, como escolhemos com quem vamos nos relacionar (Construção coletiva) (FREITAS E DIAS, 2010).

No estudo de Almeida et al. (2017), os adolescentes avançaram um pouco em relação ao conceito de sexualidade, eles entenderam que ela pode expressar na opção sexual, papel social de gênero, manifestada no comportamento sexual, relacionado a sua masculinidade ou feminilidade. Para os autores, o conhecimento e as percepções sobre a sexualidade dos adolescentes estudados são compreendidos no sentido de gênero e opção sexual, portanto manifestados pelo comportamento sexual e atitudes com o outro (ALMEIDA et al., 2017).

Já no estudo, Araújo et al., 2012, os adolescentes entenderam a sexualidade como uma fase de descobertas, com a perda da virgindade, o envolvimento emocional com o outro, as primeiras relações sexuais, o uso de anticoncepcionais. Os autores argumentaram a necessidade dos profissionais de saúde realizarem ações de promoção à saúde sexual nas escolas para permitir a disseminação de conhecimento aos estudantes. Para que o adolescente exerça uma sexualidade saudável, é necessária a realização de ações que contribuam para o adolescente sentir-se estimulado e à vontade para expor suas dúvidas, vivências, e para buscar fontes de apoio (Araújo et al., 2012).

Diante dessa necessidade da realização de ações que contribuam para uma vivência saudável da sexualidade, verificamos que Almeida et al., 2011 realizaram oficinas de educação em saúde com 20 estudantes do nono ano. Com essa ação, ocorreu uma relação de troca e de aprendizagem mútua favorecendo a construção de uma rede interativa de educação em saúde entre adolescentes e profissionais de saúde. Nas oficinas foram trabalhados vários temas: Sexualidade, drogas, violência, saúde do adolescente. Diante da constatação de que os adolescentes estudados confundem sexualidade com genitalidade, e com intuito de desmitificar esse conceito, as autoras esclareceram para esses estudantes o significado de sexualidade, para tal trabalharam o tema em quatro oficinas, já que houve um grande interesse dos estudantes para esse assunto.

Nessa perspectiva, Gubert et al., 2010 também trabalharam os temas Sexualidade, Questões de gênero, Dialogando sobre IST e AIDS e Conhecimento dos adolescentes sobre métodos contraceptivos através da realização de oficinas educativas. Ao trabalhar esses temas, a percepção que os autores tiveram através da análise das narrativas dos adolescentes, foi que os participantes do estudo percebem essas questões de forma limitada, associando-as apenas aos aspectos biológicos, não havendo uma assimilação a uma sexualidade mais abrangente, que considera vários aspectos além dos biológicos, como a qualidade de vida, o prazer e a felicidade (GUBERT et al., 2010).

Verificamos que o esclarecimento do conceito de sexualidade também ocorreu no estudo de Viero et al., (2015). Nesse estudo, os autores utilizaram questionário para analisar a aquisição de conhecimentos de adolescentes matriculados na rede pública de ensino do Sul de Santa Catarina sobre os temas: Saúde Bucal, Prevenção ao uso de Drogas e Sexualidade. Para avaliar o conhecimento prévio dos estudantes, aplicou-se um pré-teste. Posterior à aplicação desse teste, realizou ações educativas em saúde sobre os temas referidos anteriormente. Com intuito de avaliar o conhecimento dos estudantes, após essas ações educativas, aplicou-se o mesmo teste novamente após 30 dias da ação. Em relação ao conhecimento sobre o que é sexualidade para esses adolescentes, percebeu-se uma compreensão melhor do termo após as ações educativas, que durante essas ações os autores procuraram explicar a compreensão da sexualidade de forma abrangente e não como sinônimo de relação sexual. Os resultados apresentados em relação ao que é sexualidade, no pré-teste apontou uma nota de 59,6% e no pós-teste nota de 94 %.

Diante dos resultados apresentados, percebemos que, quase todos os adolescentes relacionaram a sexualidade ao ato sexual. Os adolescentes que avançaram um pouco mais em conceituar a sexualidade fizeram também uma relação desse termo com a orientação sexual, papéis sociais de gênero e relacionamento afetivo. A sexualidade é entendida como um conceito amplo como apontado por vários autores. Além das práticas sexuais, devemos considerar outros aspectos da sexualidade, a relação afetiva entre as pessoas, o prazer, a reprodução, a orientação sexual, o papel social de gênero. A sexualidade está presente em todas as fases da vida, da criança até o idoso; a sua manifestação é influenciada pelo meio, e a vivência da sexualidade perpassa por constante desenvolvimento. Diante da dificuldade apresentada pelos adolescentes em entender a sexualidade como um conceito mais amplo, considera-se importante o trabalho educativo para desmitificar esse conceito nesse grupo.

5.2.2 Conhecimento dos adolescentes sobre vários assuntos relacionados à sexualidade

Os assuntos mais abordados pelos pesquisadores destacam-se os assuntos relacionados à IST/HIV/AIDS, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos. A discussão desses assuntos estava presente nas publicações associadas à discussão de assuntos diversos. Abaixo apontamos os autores que incluíram em suas pesquisas discussões relacionadas às IST/HIV/AIDS: ALMEIDA et al., 2011; ALMEIDA et al., 2017; BESERRA et al., 2008; BESERRA et al., 2011 ; BESERRA et al., 2017 ; BUSANELLO e SILVA e OLIVEIRA, 2009; CAMARGO e FERRARI, 2009 ; CAMILO et al., 2009; CEDARO e BOAS e MARTINS, ; 2012 ; COSTA e PACHECO e SILVA ; 2007; DIAS et al. ; 2010; FREIRE et al. , 2017; FREITAS e DIAS ; 2010; GUBERTL et al., 2009; LEVANDOWSKI e SCHMIDT, 2010; LIMA et a.l; 2013; MACEDO et al., 2013; MANO e GOUVEIA e SCHALL, 2009; MARTINS e SOUZA, 2013; NAU et al., 2013; OLIVEIRA e BERIA e SCHERMANN , 2014; PICCIN et al., 2017 ;PINTO et al., 2013; ROLIM et al., 2016; ROMERO et al., 2007; SILVA e ALVES e SOUZA et al.,2013; SILVEIRA et al., 2010; SOUSA NETO et al.,2012; TORRES e BESERRA e BARROSO; 2007; VIERO et al., ; 2015; VONK et. al, ; 2013; FREIRE et al., 2017.

Ao trabalharem o tema das IST/HIV/AIDS, os estudantes demonstraram pouco conhecimento sobre o assunto, e na maioria dos estudos a única IST lembrada foi a AIDS. (Freire et al. ,2017; Almeida et al. ,2017; Macedo et al. ,2013; Costa e Pacheco e Silva, 2007 ; Dias et al. ,2010; Camilo et al,2009; Beserra et al.,2008; Camargo e Ferrari ,2009;Silveira et al., 2010; Romero et al., 2007). Para Romero et al. (2007) o fato da Aids ser a doença mais citada deve-se ao fato da eficácia das campanhas de saúde voltadas para a população. Dias et al. (2010) relatou ainda que os adolescentes estudados apresentaram a percepção de que uma pessoa com aparência saudável não pode estar infectada.

Os adolescentes pesquisados no estudo de Silveira et al. (2010) relacionaram as seguintes doenças como sendo IST: Papiloma vírus (HPV), Gonorreia, Malária, Hepatite C, Otite, Sífilis e Leptospirose, para a pesquisa utilizou-se um questionário que tinha a possibilidade de selecionar uma alternativa ou mais. Reforçando o desconhecimento dos adolescentes em relação ao assunto.

Percebe-se que os adolescentes possuem interesse em saber mais sobre as IST/HIV/AIDS, fato que ficou evidenciado no estudo de Sousa Neto et al., (2012) tendo em vista que o tema IST foi o assunto sobre o qual os adolescentes mais queriam saber. Surgiram diversos questionamentos como: quais os tipos de IST, qual era a doença mais grave, quais delas tinham tratamento ou cura, formas de prevenção e tipos de práticas que transmitem o HIV. Para esclarecer essas dúvidas e outras que surgiram durante as oficinas, os pesquisadores

formaram grupos dos adolescentes para que eles respondessem às perguntas formuladas pelos estudantes. Cada grupo contava com apoio de um pesquisador (monitor) que tinha a função de auxiliá-los nas respostas.

Com intuito de informar adolescentes sobre esse assunto, Nau et al. (2013) também desenvolveram ações de educação e promoção de saúde sexual para adolescentes de uma escola de ensino fundamental em Florianópolis. Nessas ações, foram discutidas várias IST, como sífilis, gonorreia, herpes, condiloma acuminado e síndrome da imunodeficiência humana. Para tal, os autores apresentaram imagens e descreveram sobre a sintomatologia geral delas, estabelecendo um diálogo voltado mais para um caráter preventivo dessas doenças e informativo dos direitos que os adolescentes possuem em relação à assistência a saúde (NAU et al.,2013).

Os autores Levandowski e Schmidt (2010) também realizaram oficinas sobre sexualidade para estudantes de escolas públicas, e, para abordar as IST, os autores também utilizaram a mesma metodologia que Nau et al. (2013) , os autores demonstraram as principais IST e, posteriormente, debateram sobre o assunto. (LEVANDOWSKI e SCHMIDT, 2010).

No estudo de Gubert et al. (2010), utilizou-se metodologia semelhante, também as oficinas educativas com o propósito de promover a reflexão/ação junto aos participantes sobre as temáticas: sexualidade, gênero, IST/HIV/AIDS e métodos contraceptivos. Os autores apresentam-nos que os adolescentes estudados relacionam os conhecimentos das IST/HIV/AID S aos sinais e sintomas, restringindo apenas à patologia. Eles não demonstraram preocupação em relação ao contágio e prevenção das doenças, o que mostra a dificuldade desses adolescentes de perceberem como indivíduos suscetíveis favorecendo-os a situação de vulnerabilidade. Para os autores, apesar da maioria dos adolescentes possuírem informações a respeito de como se prevenir das IST/HIV/AIDS, parece que esse conhecimento não é suficiente para garantir comportamentos sexuais seguros desse público com intuito de evitar essas doenças. O fator que pode estar relacionado ao grande aumento de IST/HIV/AIDS no público adolescente, pode ser o fato de o adolescente ter a percepção de que nunca serão acometidos por essas doenças (GUBERT et al., 2010).

Para os jovens estudados por Freitas et al. (2010), eles acham ser menos constrangedor ter relações sexuais do que se prepararem com contraceptivos para o ato sexual. Os autores citam que a questão da submissão feminina influencia nos fatores de risco de vulnerabilidade dos adolescentes às IST/HIV/AIDS, e que o motivo de ocorrência de gravidez na adolescência ou IST/HIV/AIDS ainda pode ser por falta de informação sobre saúde reprodutiva e métodos contraceptivos. Outro fator relatado foi a timidez e a falta de intimidade com o parceiro que podem influenciar na negociação do uso de preservativo e interferir na tomada de decisão do adolescente (FREITAS et al.,2010).

Dentre os assuntos mais abordados nas publicações, os métodos contraceptivos foi o segundo assunto mais abordado; os autores que discutiram esse assunto foram: ARAÚJO et al.,2012;BESERRA et al., 2011;BUSANELLO e SILVA e OLIVEIRA, 2009;CAMARGO e FERRARI, 2009; CAMILO et al., 2009; CEDARO e BOAS e MARTINS, 2012; COSTA e PACHECO e SILVA ,2007; FREIRE et al. ,2017; GUBERTL et al., 2009;LIMA et al.;2013;LEVANDOWSKI e SCHMIDT, ; 2010; MACEDO et al. , 2013;MARTINS et al.; 2012;NAU et al., 2013;OLIVEIRA e BERIA e SCHERMANN, 2014; PELLOSO et al.,2008; PICCIN et al., 2017; ROMERO et al., 2007; SILVA e ALVES e SOUZA et al.,2013; SILVEIRA e DONADUZZI e DALL'ASTA PEREIRA e NEVES 2010; SOARES et al. ,2008; SOUSA NETO et al.,2012; VIERO et al., 2015; VONK et al., 2013.

Em relação aos métodos contraceptivos, o preservativo foi um dos métodos mais conhecidos pelos adolescentes, o que foi apontado por vários estudos: Almeida et al., 2011 ; Rolim et al. , 2016 ; Piccin et al. , 2017; Silva et al. , 2013; Gubert et al. ,2010; Busanello e Silva e Oliveira,2009. Porém nos estudos de Piccin et al. (2017); Silva et al. (2013)

evidenciou-se o desconhecimento da utilização da camisinha feminina. Nos estudos de Almeida et al. (2011) e de Busanello e Silva e Oliveira(2009) além da camisinha citaram ainda os contraceptivos orais como método contraceptivo. Gubert et al. (2010) apontou ainda que as mulheres apresentaram maior conhecimento em todos os métodos pesquisados. Esse dado pode estar relacionado a uma tradição que vem sendo passada de que o uso de contracepção seja uma atribuição exclusiva feminina.

Vonk et al., (2013) apontaram no estudo "Sexualidade, reprodução e saúde: experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte", que o método contraceptivo mais usado pelos adolescentes pesquisados foi o preservativo masculino (72,6%), seguido do coito interrompido (8,1%) e a pílula anticoncepcional (8,1%).

Já no estudo de Cedaro e Boas e Martins (2012), os autores apontam o conhecimento que meninos e meninas possuem em relação aos métodos contraceptivos. Os dados da pesquisa apontaram que: o conhecimento dos meninos em relação ao preservativo masculino estava presente em 88,8% das respostas; em seguida, aparece a camisinha feminina em 77,7% e a pílula em 55,5%; o conhecimento das meninas indicou, em primeiro lugar, a pílula anticoncepcional, com 91,1% das respostas, seguida da camisinha masculina com 88,2% e da camisinha feminina com 67,7% das respostas (CEDARO e BOAS e MARTINS, 2012).

No estudo de Levandowski e Schmidt (2010) os autores demonstraram que, embora os adolescentes soubessem da importância da camisinha, a maioria desconhecia sua correta colocação, além de relatarem a camisinha como meio de proteção, até mesmo para doenças como o câncer.

Para Dias et al., 2010, é importante promover debates e refletir junto aos adolescentes sobre temas como o uso do preservativo, além de inserir os fatores sociais, afetivos e culturais, pois estes influenciam na utilização correta e regular do preservativo, tendo em vista que esse é o único método seguro e eficaz na prevenção das IST/HIV/Aids e gravidez (DIAS et al., 2010).

Apesar do conhecimento da importância do uso de camisinha, Costa e Pacheco e Silva, 2007 apontam sobre a dificuldade que os adolescentes possuem em assimilar o conhecimento teórico à sua vivência, relacionando que muitas vezes o não uso da camisa pode acontecer por falta de acesso ao método seja por falta de dinheiro, ou por ao tentar comprar seria necessário enfrentar olhares maliciosos e/ou reprovadores. Como alternativa para essa situação, os autores sugerem a distribuição do método em grupos educativos ou na unidade de saúde (COSTA e PACHECO e SILVA; 2007).

Os adolescentes do estudo Dias et al., (2010), apontaram que um dos fatores que interferem o não uso da camisinha seria que o método interferia no prazer durante a relação sexual. Para o autor essa percepção pode ter sido adquirida por causa da existência de mitos presentes na sociedade em relação ao assunto. Além desse fator, citaram: o aumento da confiança no parceiro faz com que as práticas sexuais desprotegidas tornem-se frequentes; o uso da pílula anticoncepcional adotada por algumas adolescentes, mostrando o desconhecimento de que a pílula previne somente a gravidez. Outro fator que favorece o não uso da camisinha seria o fato de que algumas mulheres encontram dificuldades para negociar o uso da camisinha com seus parceiros submetendo-se à vontade masculina. Essa submissão foi citada anteriormente por Freitas et al., (2010).

Nas falas de algumas adolescentes presentes no estudo de Araújo et al. (2012), percebeu-se o uso indiscriminado de pílulas anticoncepcionais. Para o uso dessas pílulas as adolescentes geralmente não procuram orientação de um profissional de saúde para fazer uma escolha mais adequada do método (ARAÚJO et al. ,2012). Dados semelhantes foram apontados por Silva et al. (2013) que algumas adolescentes relataram fazer uso de contraceptivos orais e injetáveis, apesar de 87% dos estudantes apresentaram conceitos incorretos quanto ao uso desses contraceptivos.

Além do uso de pílulas anticoncepcionais por esse público, Beserra et al, (2017) apontaram o uso da pílula seguinte . Esse uso foi citado por uma participante durante uma discussão em grupo, que relatou que o uso da pílula do dia seguinte era utilizado como uma forma de solucionar as consequências de uma relação sexual desprotegida. Essa fala conduziu para que acontecesse uma reflexão sobre o autocuidado preventivo no grupo conduzido pelos autores.

Muitos adolescentes estudados por Rolim et al. (2016) declararam que não adquirem camisinhas nos postos de saúde. Os adolescentes de 18 e 19 anos costumam obter mais camisinha, informativos, testes para Aids e pílulas anticoncepcionais nos postos de saúde quando comparados àqueles de outras faixas etárias menores, evidenciado pelo autor que com passar da idade ocorre um amadurecimento dos jovens em relação à sexualidade levando a mudanças na experiência sexual individual (ROLIM et al. 2016).

O terceiro assunto que esteve muito presente nas publicações foi a gravidez na adolescência (ALMEIDA, 2011;ALMEIDA, 2017; ALTMANN, 2009; ARAÚJO et al. 2012; BARROS,2013; BARROS e COLACO, 2013; BAUMFELD et al. ,2012; BESERRA et al., 2008; BESERRA et al., 2011; BUSANELLO e SILVA e OLIVEIRA, 2009; CAMARGO e FERRARI, 2009; CEDARO e BOAS e MARTINS, 2012; DIAS et al., 2010; FREITAS e DIAS 2010; NAU et al., 2013; PICCIN et al., 2017; ROLIM et al. , 2016; ROMERO et al., 2007; SILVA e ALVES e SOUZA et al., 2013; SILVEIRA et al.,2010; SOARES et al. , 2008; SOUSA NETO et al., 2012; TORRES e BESERRA e BARROSO, 2007; VONK et al., 2013).

Almeida et al. (2017) apontam que, no estudo realizado pelos autores, os adolescentes demonstraram que não veem a ocorrência de uma gravidez como algo que irá acontecer com eles. Esse comportamento despreocupado quanto à ocorrência de uma gravidez na adolescência foi percebido no estudo de Nau et al. (2013), porque os adolescentes estudados relataram conhecer familiares e amigos que foram pais ou mães na adolescência. Mesmo tendo conhecimento dessa vivência, esses adolescentes não demonstraram preocupação quanto à ocorrência de gravidez na adolescência. Mesmo que as responsabilidades advindas da criação de um filho e com a possibilidade de abandono de muitos aspectos da juventude, no estudo houve relatos que não sentiriam tristes ou despreparados na ocorrência de uma gravidez (NAU et al.,2013).

Esse comportamento despreocupado em relação à gravidez na adolescência não foi evidenciado no estudo de Beserra et al. (2008). Os autores, ao introduzir uma reflexão sobre a gravidez na adolescência, evidenciou que as meninas mostraram preocupação em relação à ocorrência de gravidez na adolescência, porque observaram que na sociedade a responsabilidade da gravidez e da criação do filho recai sobre as mulheres. Os autores apontam que a ocorrência de uma gravidez nessa fase da vida poderá levar à perda de liberdade, ao adiamento ou comprometimento dos projetos de estudos, limitação de perspectivas de ingresso no mercado de trabalho, aproveitamento das oportunidades para completo desenvolvimento pessoal (BESERRA et al, 2008).

Muitas dessas consequências oriundas da existência de uma gravidez na adolescência foram apontadas pelos adolescentes entrevistados por Araújo et al. (2012). Os entrevistados apresentaram a percepção de que para ser pai ou mãe, é necessário que o adolescente tenha desenvolvimento físico e psicológico, e também deve adquirir preparação profissional através da escolarização para que consiga promover um desenvolvimento apropriado para a criação do filho. Para os autores, na maioria das vezes, as adolescentes não planejam engravidar durante a adolescência. Esse fato pode ocorrer pela carência de conhecimentos dos métodos contraceptivos, pelo difícil acesso aos serviços de saúde e aos profissionais de saúde, por uma busca de amor nas relações ou por inexperiência sexual (ARAÚJO, 2012).

Em relação à ocorrência de uma gravidez na adolescência, o estudo de Cedar, Boas e

Martins (2012) mostra que na visão de alguns meninos, as principais causas desse fato seriam: dificuldade das meninas em controlar o desejo sexual (72% das respostas); as meninas apresentaram a percepção de que não vão engravidar (61% das respostas); desconhecimento de como usar a camisinha, ou não gostar de usá-la (44% das respostas), não terem dinheiro para comprar os contraceptivos (17% das respostas). Já para as meninas, a ocorrência de uma gravidez na adolescência ocorria pelos seguintes fatores: desconhecimento dos métodos contraceptivos ou não sabem usar os contraceptivos (65% das respostas); a crença de que o sexo desprotegido pudesse levar à ocorrência de uma gravidez (62% respostas); porque não gostariam de usar o preservativo (56% das respostas); (47% das respostas) dificuldade de controlar o desejo para fazerem sexo; falta de dinheiro para comprar contraceptivos (6% das respostas). Foi possível perceber uma diferença de percepção de fatores que podem levar à ocorrência de uma gravidez na adolescência entre meninos e meninas. Os dados apontaram que para os meninos a dificuldade de controlar o desejo foi o fator mais preponderante, porém para as meninas foi o desconhecimento dos métodos contraceptivos.

No estudo de Beserra et al. (2011), apesar do público do estudo ser um grupo de meninos com faixa etária entre catorze e dezesseis anos, os autores durante uma oficina encorajaram os estudantes para uma reflexão acerca da gravidez na adolescência, porém os estudantes não relataram nada sobre o assunto. Mesmo não havendo relatos sobre o assunto, os autores mediaram uma reflexão sobre esse tema, inserindo na discussão a questão de que na ocorrência de uma gravidez, para o jovem que assume o filho poderá ocorrer várias mudanças em sua vida, como deixar de estudar para trabalhar, a possibilidade de ocorrência de um aborto, além de deixar de usufruir de vários momentos inerentes à adolescência. Os autores reforçaram que as responsabilidades advindas de uma gravidez é destinada para os dois. Diante dessas reflexões, os adolescentes não apresentaram preocupação a respeito desse assunto (BESERRA et al. ,2011).

Os demais assuntos discutidos com os adolescentes foram variados. Dentre esses assuntos encontram-se a discussão sobre o papel social de gênero, homossexualidade, comportamento de risco, violência sexual, abuso sexual, erotismo, pornografia e prostituição, orientação sexual, relacionamento sexual, aborto, negociação do uso de preservativos, virgindade, orgasmo, relacionamento afetivo.

Percebemos que, apesar da inclusão desses assuntos, as discussões em relação à sexualidade ainda está voltada para os aspectos biológicos com um enfoque preventivo. Não é possível falar de sexualidade sem incluir nas discussões todos os aspectos da sexualidade, tendo em vista que ela possui aspectos biopsicossociais e sofre mudanças ao longo dos anos. Além de abordar os aspectos biológicos, é necessário a inclusão também dos outros aspectos da sexualidade, para que os estudantes consigam compreender a sexualidade de uma forma mais ampla, e que as discussões acerca do assunto sejam capazes de modificar as suas atitudes de forma consciente e reflexiva.

5.2.3 Educação em sexualidade

A educação em sexualidade pode ser abordada por várias fontes como a família, escola, amigos, internet, televisão, revistas. Nessa revisão, identificamos que alguns autores investigaram em quais fontes os adolescentes adquirem conhecimento a respeito da sexualidade. Em vários estudos os resultados apresentaram os pais, os amigos, a escola/professor, profissionais de saúde, revistas, filmes, televisão e internet como fonte de informações. (ALMEIDA, 2007; ARAÚJO et al.,2012*;* TORRES, et al.,2007; ROMERO et al., 2007, OLIVEIRA et al.,2014; SILVEIRA et al.,2010; ROMERO et al., 2007; MACEDO et al.; 2013; FREITAS, et al. 2010; CAMILO et al., 2009; ARAÚJO et al.,2012;

BAUMFELD, et al. 2012).

Os autores Camilo et al. (2009) apresentaram que os adolescentes do estudo "Educação em Saúde sobre IST/AIDS com adolescentes de uma escola pública, utilizando a tecnologia educacional como instrumento" buscam conhecimento sobre saúde reprodutiva e sexual na televisão, palestras, amigos, família e profissionais de saúde. Para os autores muitas vezes os adolescentes não adquirem informação adequada em relação à sexualidade por causa da ausência de informações deste assunto ofertada pelos pais, educadores e profissionais da saúde.

Para alguns estudantes os amigos/pares foram indicados como escolha para conversar sobre sexualidade (TORRES et al., 2007; OLIVEIRA et al., 2014; MACEDO et al., 2013 ; LIMA et al.,2013 ; FREITAS, et al., 2010; FREIRE et al., 2017; SOUSA NETO et al., 2012; COSTA e PACHECO e SILVA; 2007; BAUMFELD et al., 2012). Em relação à fonte de informação procurada pelos adolescentes para conversar sobre sexualidade, os amigos aparecem como primeira escolha nesses estudos.

Alguns estudos apontaram essa frequência em porcentagem, como mostra o estudo de Baumfeld et al. (2012), nos quais os amigos foram apontados em 58,7% das respostas, em 45,9% a escola, em 33% os pais e 30,3% o Centro de Saúde. Já no estudo de Lima et al, (2013) os estudantes meninos apontaram os amigos em 46,8%, já entre as meninas, 19,4% procuram as amigas e 17,1% os amigos .

No estudo de Macedo et al. (2013), de 13 adolescentes estudados, a maior parte dos adolescentes (5) informaram que conversam sobre sexualidade com adolescentes do mesmo gênero, 03 com o namorado, 03 com adolescentes do sexo oposto e 02 com familiares, pares (amigos, sexo oposto e namorados) e na escola.

Em outros estudos, a coleta de dados foi através da realização de oficinas educativas, grupo focal, redação, questionários semiestruturados entre outros instrumentos usados na pesquisa qualitativa. Para os apontamentos em relação às fontes de informações que abordam sexualidade ou as que os adolescentes procuram para conversar sobre o assunto, os autores para concluir essa informação fizeram análise das falas dos adolescentes, como mostra o estudo Torres et al (2007) na fala dos adolescentes sobre esse assunto: "Os amigos são quem mais ensinam a gente".

Na análise realizada por Freitas et al. (2010), foi apontado que os adolescentes procuram principalmente os amigos, revistas, filmes, televisão e internet, para obter informações sobre sexualidade, porque o diálogo sobre sexualidade na família ainda é permeado por tabus. As fontes de informações citadas por Sousa Neto et al. (2012) indicam também a televisão, internet e conversas com os amigos. Para os autores, essa situação acarreta na transmissão de informações incompletas, equivocadas ou sem fundamentação.

No estudo de Freire et al. (2017), evidenciaram-se também os amigos, a internet, para buscar informações sobre o assunto. Esse fato acontece, porque os adolescentes relataram que encontram dificuldade de estabelecer um diálogo com os pais sobre sexualidade, tendo em vista que não há uma compreensão da família das suas aflições e anseios presentes na adolescência, que muitas vezes acontece um julgamento antecipado e uma conduta repressiva dos pais. Para os autores, esse assunto ainda é permeado pelo silêncio, proibição e muitos tabus. Entretanto quando ocorre um diálogo na família, ele é estabelecido com as mães, porém é um diálogo sem abertura para avançar no assunto (FREIRE et al., 2017).

Em muitos estudos, a família/pais foi apontada como escolha para conversar (ROMERO et al., 2007; OLIVEIRA et al.,2014; SILVEIRA et al.,2010; ROMERO et al., 2007; CEDARO e BOAS e MARTINS; 2012; COSTA e PACHECO e SILVA, 2007; BESERRA et al., (2011); BRETAS et al., 2011). Para coletar esses dados, assim como citado anteriormente, os autores usaram instrumentos variados usados na pesquisa qualitativa e quantitativa.

Os pais foram citados como fonte de informação sobre sexualidade em 31% meninos / 36% meninas; os amigos em 24% meninos / 31% meninas, os profissionais de saúde em 1%, os livros em 2% meninas /9% meninos; os professores em 7% meninas /22% meninos; em 13% do grupo de meninas não conversavam com ninguém sobre o assunto (BRETAS et al. ,2011). No estudo de Oliveira et al (2014), a família foi apontada em 70,8% dos meninos e 83,0% das meninas. As demais fontes como os amigos em 72,2% dos meninos e 71,5% das meninas apontaram; em 62,2% dos meninos e 69,0% das meninas referiram a escola/professor e TV/Rádio aparece em 63,5% dos meninos e 61,1% das meninas.

Cedaro e Boas e Martins (2012) evidenciaram no grupo de meninos os pais com 61,1% das respostas, já entre as meninas os pais aparecem com 38,2%%, os livros e revistas ocorrem em 52,9%. A internet e profissionais da saúde ou da educação, dentre outras tiveram 11,1% no grupo dos meninos e 2,9% no grupo das meninas.

Os adolescentes do estudo de Romero et al (2007), apontaram os pais como a principal fonte de informação sobre sexualidade, seguidos dos amigos, irmãos e parentes próximos, houve poucos relatos de busca de conhecimento com profissionais de saúde.

Beserra et al. (2011) evidenciaram que os adolescentes estudados também relataram que possuem abertura para conversar com os pais sobre dúvidas em relação à sexualidade. Alguns destacaram a figura da mãe como escolha para estabelecer um diálogo acerca do assunto. Já no estudo de Besserra et al. (2008), identificou-se falta de confiança em dialogar o assunto com os irmãos, por causa da existência de rivalidade e desconfiança quanto à confiabilidade do diálogo, e que os pais evitam conversar sobre esse assunto, e muitas vezes quando conversam, o diálogo é superficial, repleto de proibições e tons de ameaça.

Macedo et al. (2013) apontou também a ausência de diálogo dos adolescentes sobre sexualidade na família. Esse fato foi relatado por onze adolescentes em um total de 13 participantes. As outras duas participantes relataram que conversam com a mãe sobre esse assunto, porém o diálogo é pautado na reprodução, como evitar gravidez e as condições da vida de casada e solteira.

No estudo de Silveira et al. (2010), as respostas dos estudantes foram contraditórias e diversificadas; os adolescentes relataram conversar sobre sexo, drogas com os pais, porém ao mesmo tempo responderam que seus pais estão sempre ocupados e quase não conversam sobre sexualidade com eles. Os adolescentes informaram que os motivos para que não houvesse diálogo com os pais sobre esse assunto seriam a vergonha e os tabus de seus pais.

Em relação às respostas dos adolescentes pesquisados no estudo de Costa e Pacheco e Silva (2007), as respostas também foram diversificadas. Um grupo citou a família e a escola como fontes, já outro grupo citou os amigos, a televisão, internet e revistas. Para os autores, fontes como os amigos, a televisão, internet e revistas não são confiáveis, porque emitem informações que muitas vezes ocultam o real significado da sexualidade e da relação sexual. Portanto diante desse fato os autores reforçam que essa forma de emissão das informações sobre sexualidade, associada à dificuldade que os adolescentes encontram em conversar com seus familiares favorecem a exposição desses adolescentes a situações de vulnerabilidade.

Os professores/escola, profissionais de saúde foram citados nos estudos, porém não aparecem como primeira escolha dos adolescentes para adquirir informações sobre sexualidade. Freitas et al. (2010) apresentam essa questão da baixa procura desses profissionais, relatam ainda outra situação a de que os pais transferem a responsabilidade da educação sexual para a escola, e a escola repassa a essa responsabilidade para os pais .

Para Romero et al. (2007), a baixa procura do profissional de saúde como fonte de informação em relação a esses assuntos, poderia ocorrer por causa da falta de profissional que atue com adolescentes e pelo desconhecimento dos adolescentes de que poderiam procurar esses profissionais para sanar suas dúvidas em relação ao assunto. Lima et al, (2013) fala da dificuldade que pais e professores apresentam para abordar o assunto, essa dificuldade

favorece que não sejam escolhidos pelos adolescentes para esclarecimento das suas dúvidas.

Sousa Neto et al. (2012), apresentam também que os pais não abordam o assunto por falta de preparo. No ambiente escolar, o assunto é pouco abordado, e quando é abordado, na maioria das vezes, utilizam-se métodos que não atraem o público adolescente. Quanto aos profissionais de saúde, há uma baixa procura desses profissionais, e quando são procurados abordam o assunto superficialmente.

Muitos foram apontados como responsáveis por falar sobre sexualidade aos adolescentes como a família, a escola e profissionais da saúde. Porém a escola foi apontada por vários autores como local ideal para discutir assuntos relacionados à sexualidade, não isentando a família das suas responsabilidades. Esse apontamento ocorreu pelo potencial que esse ambiente apresenta, pela capacidade que a escola possui em atuar com os estudantes promovendo uma reflexão sobre o assunto, já que os adolescentes ficam muito tempo nesse ambiente. Na ausência de educação em sexualidade ofertada pelos pais, a escola tem capacidade de complementar ou informar os adolescentes sobre o assunto (TORRES et al., 2007; OLIVEIRA et al., 2014; SILVEIRA et al. ,2010; ALMEIDA et al. ,2007).

Silveira et al. (2010) apontam que, na escola, os adolescentes vivenciam as suas primeiras experiências afetivas, e que durante o período da adolescência apresentam-se eufóricos, numa fase de experimentação.

Diante dessas experiências vivenciadas pelos adolescentes no ambiente escolar, entendemos que é necessário falar sobre sexualidade com os estudantes. Observa-se que Rolim et al. (2016) possui esse mesmo entendimento sobre falar sobre sexualidade no ambiente escolar, portanto os autores apontam a importância de realizar a implantação de programas destinados para os adolescentes para trabalhar esse assunto no ambiente escolar e nos serviços de saúde. Essa implantação justifica-se porque 78,4% dos adolescentes estudados manifestaram interesse em aprender mais sobre o assunto. Além dessa necessidade que os jovens apresentam em saber mais sobre o assunto, nesse mesmo estudo evidenciou-se que 63,5% dos jovens que participaram de programas de educação sexual relataram que conseguiram realizar uma mudança de comportamento com a participação nesses programas.

Oliveira et al. (2014) apontam também que os estudantes que tiveram acesso aos programas de educação sexual, 52,1% relataram uma mudança de comportamento após a participação nesses programas. Essa participação foi relatada em 56 % dos participantes, sendo que 38,5% dos adolescentes participaram de programas no ambiente escolar e 17,5% em programas ofertados pelo município. Portanto, apesar desses programas de educação em sexualidade apresentarem um potencial de promover uma reflexão sobre o assunto e estimular uma mudança de atitude dos adolescentes diante de diversas situações relacionadas à sexualidade, Torres et al. (2007) apontaram que a escola aparece como uma instituição que ainda nega o assunto sexualidade em seus programas de ensino. Nos relatos dos estudantes evidenciou-se que os estudantes pedem pela discussão desse assunto, mas a abordagem do assunto no ambiente escolar foi relatada apenas pela atuação do professor de Biologia de forma irregular (TORRES et al., 2007). No estudo de Beserra et al., (2011), os estudantes relataram que os professores nem falam sobre o assunto.

Costa e Pacheco e Silva (2007) apresentam alguns fatores que dificultam a realização de programas voltadas para trabalhar a educação em sexualidade na escola como: as ações promovidas caracterizam como breves e pontuais e geralmente acontecem em horários contrários às aulas; nem sempre é possível abordar o tema da sexualidade, porque na maioria das vezes esse assunto é deixado como conteúdo final da disciplina; muitas vezes a abordagem é centrada na fisiologia do aparelho genital.

Em relação à forma adotada pela escola para realizar ações que abordam a sexualidade, Barros et al. (2013) apontam que foi possível identificar no estudo "Sentidos sobre 'sexualidade' e 'drogas' entre adolescentes no contexto escolar" pelas falas dos

adolescentes que esses tipos de ações possuíam um caráter preventivo. O autor apresenta que os estudantes criticaram a forma de abordagem adotada pela escola para falar desses assuntos, porque geralmente adotam um "caráter repetitivo e unilateral".

No estudo de Almeida et al. (2007), essa insatisfação na metodologia adotada pela escola para falar sobre esse assunto também foi citada pelos estudantes do estudo. Para eles muitos são os motivos que causam insatisfação, como a frequência da abordagem, o tipo de metodologia e o tipo de linguagem.

Além dessa insatisfação dos estudantes, foi apontado que alguns profissionais que tentam promover ações para abordar o tema na escola encontram algumas dificuldades para trabalhar. Esse fato foi evidenciado por Silveira et al. (2010) que relataram que ao realizar sua pesquisa no ambiente escolar, perceberam que embora os professores da escola compreendessem o fato dos estudantes receberem educação sexual por outros profissionais, apresentavam também uma resistência e desconfiança. Citaram como dificuldade encontrada durante a realização da pesquisa uma falta de integração e inflexibilidade na concessão de horários para o desenvolvimento das atividades propostas no estudo (SILVEIRA et al.,2010).

Para Levandowski e Schmidt (2010), as ações de educação em sexualidade não devem estar voltadas para a diminuição dos problemas relacionados à saúde pública, devem ter um caráter holístico, considerando os jovens integralmente, além de serem oferecidas de forma criativa e divertida encorajando, discussões e o desenvolvimento de temas compartilhados, questionando os mitos e preconceitos e conduzindo os adolescentes em busca de autoconhecimento e bem-estar biopsicossocial(LEVANDOWSKI e SCHMIDT, 2010).

Araújo et al. (2012) ressaltam a importância de que todos os envolvidos na educação em sexualidade dos adolescentes, como pais, educadores e profissionais de saúde precisam conhecer a respeito das transformações da adolescência e compreender a sexualidade considerando todos os componentes , além de estarem receptivos a dialogar sobre o assunto.

Essa necessidade de conhecimento das pessoas envolvidas na educação em sexualidade acerca de todos os aspectos referentes à adolescência e à sexualidade também foi apresentada por Freitas et al. (2010). Além da aquisição de conhecimento sobre o assunto, o autor ressalta que todos os envolvidos sejam capazes de se despir de preconceitos e julgamentos para que consigam mediar as discussões sobre o assunto para que os adolescentes sejam capazes de construir opiniões em harmonia com sua realidade, além de estarem disponíveis para dialogar e apoiar os adolescentes.

Para Camargo e Ferrari (2009), para trabalhar educação em sexualidade é imprescindível que as ações aconteçam com frequência. Para tal faz-se necessária a participação dos educadores e da família nesse processo com intuito de ofertar informações adequadas e evitar que os adolescentes busquem por informações em fontes que poderão passar informações incorretas. Os autores apontam que, quando os adolescentes procuram por fontes não tão confiáveis, como amigos, é um sinal de que houve uma falha ou omissão dos setores da educação e saúde, e também da família.

Moura et al. (2011) citam que, como a educação em sexualidade não possui um profissional específico para realizar esse trabalho, a abordagem desse assunto "vai passando de mão em mão, e o que era responsabilidade de todos acaba sendo de ninguém".

Muitos autores apontaram a necessidade de integração entre a escola e profissionais de saúde para trabalhar a sexualidade com os estudantes. Com essa integração, é possível organizar as ações permitindo a transmissão de conhecimentos embasados aos adolescentes. (ALMEIDA et al., 2011; ALMEIDA et al., 2017; ARAÚJO et al., 2012; BESERRA, et al.,2008; BESERRA, et al; 2011, BESERRA et al.,2017; BRETAS et al., 2011; CAMARGO e FERRARI, 2009; CEDARO e BOAS e MARTINS, 2012; COSTA e PACHECO e SILVA, 2007; DIAS et al., 2010; FREIRE et al. , 2017; FREITAS e DIAS, 2010; GUBERTL et al,2009; LEVANDOWSKI e SCHMIDT, 2010; LIMA et al, 2013;

MARTINS, et al., 2011; MARTINS, et al., 2012; MARTINS et al,2012; MARTINS e SOUZA,2013; MOURA et al. 2011; NAU et al; 2013; OLIEVIRA et al.,2009; OLIVEIRA e BERIA e SCHERMANN, 2014; OLIVEIRA et al.,2016; PICCIN et al.,2017; ROLIM, 2016; SILVEIRA et al.,2010; SOARES et al., 2008; VIERO et al.,2015; VONK, et al. 2013). Diante da dificuldade de falar a respeito de sexualidade no ambiente escolar, essa interdisciplinaridade apontada pelos autores favorece a realização de ações mais regulares e efetivas.

Diante do exposto, percebe-se que os adolescentes possuem várias referências para falar sobre sexualidade, família, escola/professores, amigos e vários meios de comunicação como internet, televisão entre outros. Vários estudos apresentaram que os amigos foram mais apontados pelos adolescentes como primeira escolha para falar sobre esse assunto. Essa referência apresentada pode acarretar na aquisição de informações incorretas aos adolescentes, por isso apontamos a importância das escolas incluírem em sua política a educação em sexualidade para informar adequadamente sobre esse assunto. Essa inclusão no ambiente escolar faz-se necessária, porque o adolescente passa muito tempo nesse ambiente e ali vivencia várias experiências relacionadas à sua sexualidade, e essa vivência sofre influência do meio em que ele está inserido; além do potencial que a escola possui em transmitir conhecimentos e promover a reflexão desse assunto aos estudantes, com intuito de favorecer uma mudança positiva em suas vidas. Ao abordar a sexualidade, é essencial promover momentos em que os adolescentes sejam capazes discutir, refletir, e apreender conhecimentos suficientes para adoção de comportamentos responsáveis e saudáveis. Para abordar o assunto, é necessário que os profissionais e pais busquem informações e sejam capazes de se despir de muitos valores, mitos e crenças adquiridos.

6 ESTUDO II

6.1 Sobre as rodas de conversa

6.1.1 Local da pesquisa

O IFMG-SJE está localizado em São João Evangelista-Minas Gerais, município que possui uma população aproximada de 16.000 habitantes, sendo que a população de 14 a 21 anos representa um total de 2.231 adolescentes (IBGE, 2010). A cidade está localizada na região Centro Nordeste do Estado, a uma distância de 286 km de Belo Horizonte, 195 km de Diamantina e 161 km de Governador Valadares. A instituição possui 66 anos, e ao longo desses anos recebeu várias denominações como: Escola de Iniciação Agrícola de São João Evangelista (1951); Escola de Iniciação Agrícola (1962); Ginásio Agrícola (1964); Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista-MG (1979); IFMG-SJE (2008).

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) é uma instituição pública de ensino, integrante da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação, criada pela Lei 11.892/2008, oferta cursos técnicos (integrados e subsequentes) e superiores, além de cursos de pós-graduação e de formação inicial e continuada (FIC). Possui uma Reitoria (unidade administrativa) em Belo Horizonte, além de campi em 17 cidades. O IFMG-SJE possui em torno de 1.245 (mil duzentos e quarenta e cinco) estudantes do Ensino Técnico Integrado, Graduação e Pós Graduação. A faixa etária desses estudantes varia de 14 anos a 57 anos.

6.1.2 Participantes

Os participantes do estudo foram estudantes das terceiras séries dos cursos do Ensino Técnico Integrado em Agropecuária, Nutrição e Dietética e Informática do IFMG-SJE. A escolha em realizar a pesquisa com as 3ª (terceiras) séries foi para avaliar o conhecimento desses estudantes sobre a sexualidade após seu ingresso no IFMG-SJE.

O curso de Técnico em Agropecuária possui 92 (noventa e dois) estudantes do sexo feminino e 117 (cento e dezessete) do sexo masculino, totalizando 209(duzentos e nove). O curso de Técnico em Informática possui 46 (quarenta e seis) estudantes do sexo feminino e 153 (cento e cinquenta e três) do sexo masculino, totalizando 199 (cento e noventa e nove). O curso de Técnico em Nutrição possui 174 (cento e setenta e quatro) estudantes do sexo feminino e 30 (trinta) do sexo masculino, totalizando 204 (duzentos e quatro).

Os estudantes das terceiras séries dos cursos do Ensino Técnico Integrado possui 176 estudantes, sendo que 59 são do curso Técnico em Agropecuária, 58 do curso Técnico em Nutrição e 59 do curso Técnico em Informática. De um total de 176 estudantes, 47 (quarenta e sete) estudantes manifestaram interesse em participar da pesquisa. Porém apenas 30 (trinta) compareceram para os encontros previamente agendados.

6.1.3 Instrumentos

Para a coleta das narrativas, utilizou-se a entrevista semiestruturada, pois através dela permite-se que o sujeito fale livremente sobre os temas abordados, mantendo um fio condutor para todas as entrevistas, facilitando a análise de dados e garantindo que todos os temas sejam

tratados por todos os entrevistados. As entrevistas aconteceram em grupos, foram gravadas, posteriormente, transcritas e lidas com o intuito de identificar e interpretar as ideias principais e transcrevê-las (MARTINS, 2009).

Para melhor direcionamento nas rodas de conversa, foi utilizado um roteiro para entrevista (Apêndice C) e, no final das rodas de conversa, foi solicitado que os estudantes preenchessem um questionário sobre o assunto (Apêndice D).

6.1.4 Procedimentos Estudo II

A primeira fase do projeto consistiu do envio do projeto para análise do Comitê de Ética da UFRRJ, que após a aprovação (Anexo A), foi iniciada a organização para concretização do estudo.

A segunda consistiu com a solicitação do responsável pela Instituição para que a pesquisa acontecesse no IFMG-SJE. Essa solicitação foi feita através da assinatura do termo de Anuência (Apêndice E) assinado pelo Diretor Geral da Instituição (Anexo B).

Com a permissão de alguns professores, foi apresentada a proposta da pesquisa e feito um convite para participação da pesquisa no mês de maio de 2019 com as 3ª séries dos cursos: Técnico em Agropecuária A3A e A3B; do curso de Nutrição e Dietética N3A e N3B; do curso Técnico de InformáticaI3A e I3B, Essa apresentação foi feita, individualmente, em cada turma. Nesse momento, os estudantes interessados colocaram o nome em uma lista com contato de telefone, e ficou estabelecido que o contato para agendamento das reuniões seria através desse meio de comunicação.

Como os estudantes manifestaram interesse em não participar com turmas diferentes, não foi necessário usar critérios de seleção, porque não ultrapassaria o máximo de estudantes por roda de conversa que seria 12 estudantes. As rodas de conversa foram agendadas de acordo com a preferência dos estudantes, em turmas separadas, horário e datas definidos por eles. Apesar do contato ter sido feito em maio, os estudantes informaram que poderiam participar da pesquisa somente na segunda semana de junho, que seria um período quando não teriam provas agendadas.

As rodas de conversa foram realizadas em grupo de, no máximo 9(nove) participantes, e, mínimo de 3 (três) participantes. A primeira roda de conversa aconteceu no dia 11 de junho com duração de 1h e 22 min; a segunda no dia 24 de junho com duração de 1h e 30 min; a terceira roda no dia 26 de junho com duração de 1h e 06 min; a quarta no dia 01 de julho com duração de 1h e 21 min; e a quinta no dia 02 de julho com duração de 1h e 15 min.

Para a realização das rodas de conversa, os espaços foram agendadas na Coordenação de Ensino Médio e Técnico, que disponibilizaram as salas 09,10 e 11 do Prédio I e a sala de aula da Agroindústria. Todas as salas eram amplas, contavam com ventilador, ar condicionado e cadeiras confortáveis. Para proporcionar uma proximidade entre os participantes, as cadeiras foram organizadas em círculos.

Para atingir as metas propostas na pesquisa, foram planejadas rodas de conversas seguindo-se as sugestões de Gatti (2012) que reforça que a abertura do grupo é um momento crucial para criação de condições favoráveis, portanto iniciamos a roda de conversa com uma breve auto apresentação e foi solicitado que os demais participantes fizessem o mesmo. Posteriormente, foram apresentados os objetivos do encontro, o motivo da escolha dos participantes, a autorização para gravar as conversas, e para isso foi utilizado um gravador e um celular, foi explicado ainda que seria garantido o sigilo dos registros e dos nomes dos participantes.

Com intuito de aquecer os participantes, foi proposto um jogo de perguntas e respostas com cartas semelhantes a um baralho (GATTI, 2012) com as seguintes perguntas: Você

considera importante falar sobre preconceito e intolerância na escola?; O que é comportamento sexual?; Que atitudes você considera efetiva para desenvolver a habilidade de comunicação recusa e negociação?; Como você vê a violência de gênero?; Em situações de violência sexual, existe algum comportamento que justifica esse tipo de violência?; Quais atitudes você considera necessárias para se prevenir de IST e HIV?

6.2 Análise dos dados do Estudo II

Bauer e Gaskel (2002) descrevem que para realização da análise das narrativas é possível escolher entre os procedimentos de análise temática, análise proposta por Shutze e análise estruturalista. Para a análise dessa pesquisa, foram adotados os procedimentos da análise temática proposta por Bardin (1997), análise que classifica as significações do discurso em categorias. Para essa autora a análise temática baseia-se em descobrir os "núcleos de sentido que compõe a comunicação, e cuja a presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido". O tema é a unidade de significação que surge a partir da análise de um texto de acordo com certos critérios presentes na literatura, e pode ser utilizado para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc (BARDIN, 1997).

Para esse tipo de análise dos dados, foi feita transcrição das entrevistas que, após serem ouvidas as histórias contadas pelos indivíduos, foram organizadas em ordem cronológica, os temas e categorias que surgiram durante a pesquisa e foram detalhados com o intuito de apresentar uma discussão mais clara do seu significado (CRESELL, 2014, p 68).

Após análise temática da transcrição, dividimos as falas nos seguintes temas: *O que é sexualidade para os adolescentes do IFMG-SJE?;A importância de falar sobre Preconceito e intolerância na Escola; Considerações sobre violência gênero e violência sexual; O motivo do aumento de IST entre os adolescentes na visão dos adolescentes; O que os adolescentes entendem por comportamento sexual e habilidade de comunicação; Considerações dos adolescentes sobre a Educação em sexualidade na Escola, entre pares e na família.*

6.3 Resultados e Discussão do Estudo II

6.3.1 Os sujeitos do estudo

Os sujeitos do estudo encontram-se na faixa etária entre 16 e 19 anos, sendo que 56,67% tinham 17 anos, 36,37% tinham 18 anos, 3,33% tinham 16 anos e 3,33% tinham 19 Quanto ao gênero, 43,33% eram do sexo feminino e 56,67% do sexo masculino. Dados apresentados na Figura 1 e Figura 2.

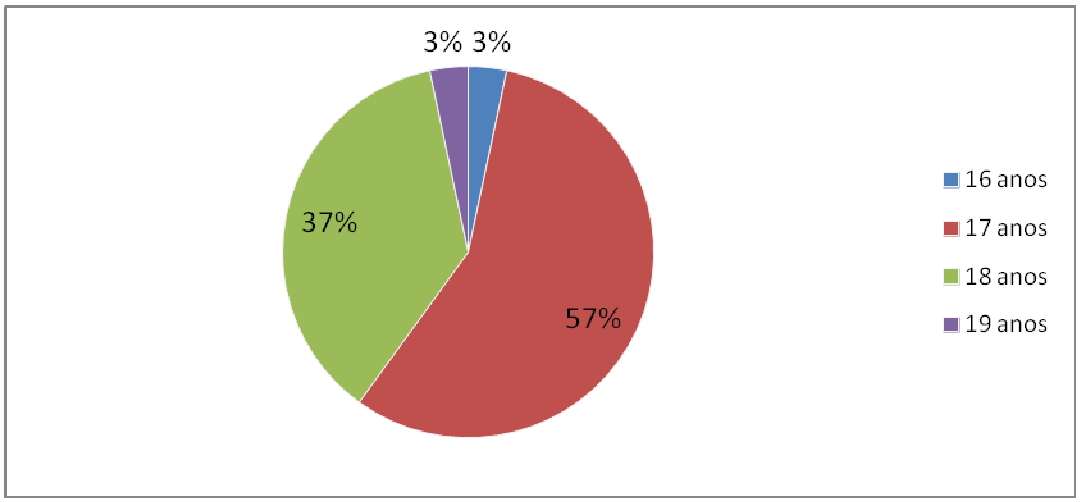

Figura 1: Faixa etária dos participantes do Estudo II
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes que participaram das rodas de conversa

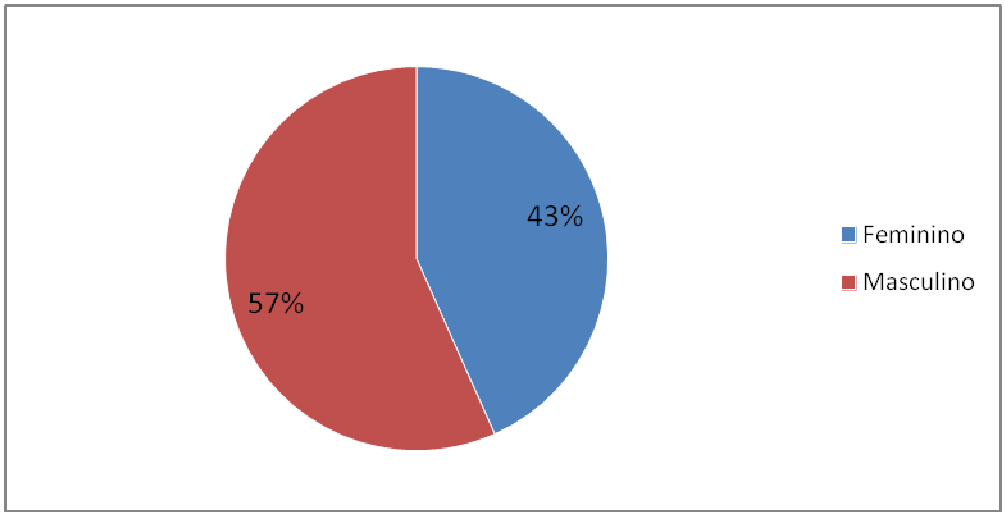

Figura 2:Gênero dos Participantes do Estudo II
Fonte Questionário aplicado aos estudantes que participaram das rodas de conversa

Os estudantes do IFMG-SJE são oriundos de cerca de 90 cidades de várias regiões do estado de Minas Gerais. Dessas 90 cidades, 13 cidades foram citadas como cidade de origem dos estudantes que participaram do estudo. Quanto à moradia, 40% residem em regime de internato pleno no alojamento do IFMG-SJE, 33,33% moram em repúblicas e 26,67% moram em casa com os pais ou familiares conforme demonstrado na Figura 4.

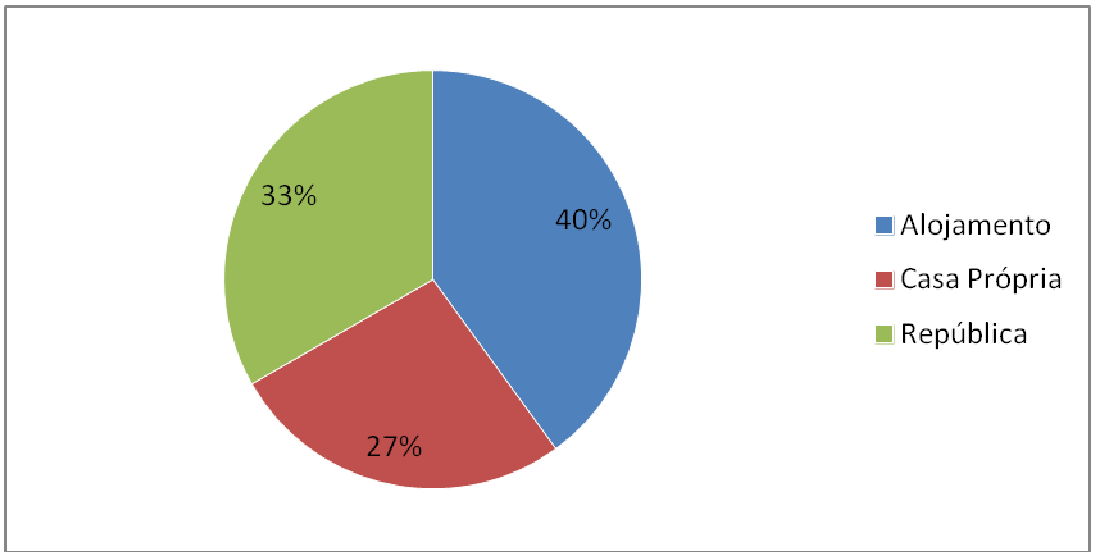

Figura 3: Tipo de residência dos participantes do Estudo II
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes que participaram das rodas de conversa

Em relação à religião, 63,33% declararam ser cristãos da religião Católica Romana; 16,67% informaram que não possuem nenhum tipo de religião; 6,67% informaram que são agnósticos; 6,67% são cristãos protestantes/evangélicos; 3,33% são ateus; 3,33% são cristãos de outros grupos como mostra a figura 4.

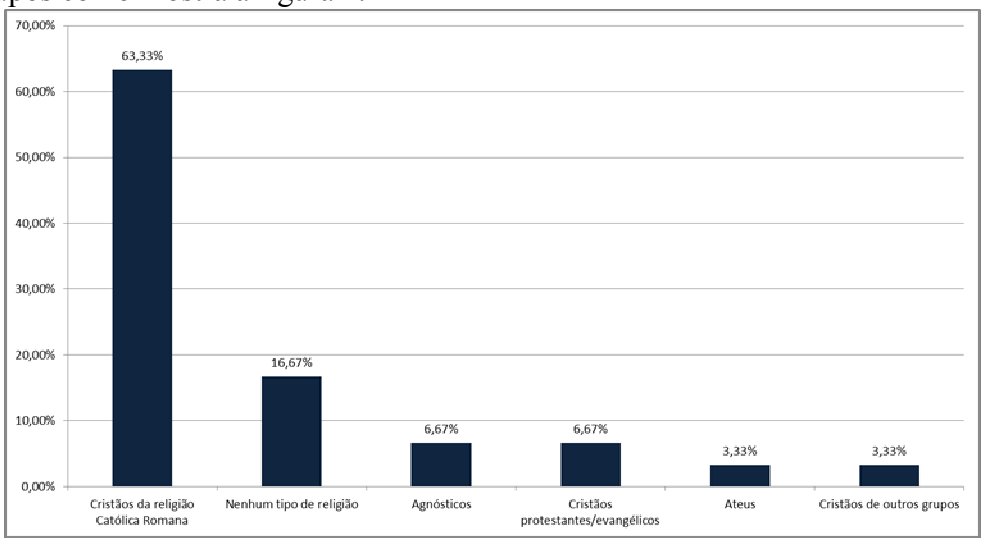

Figura 4: Religião dos participantes do Estudo II
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes que participaram das rodas de conversa

Quanto à frequência dos cursos integrados do IFMG-SJE, 36,67% são do curso Manutenção e Suporte em Informática, 33,33% são do curso de Agropecuária e 30% do curso de Nutrição e Dietética, conforme demonstrado na figura 6.

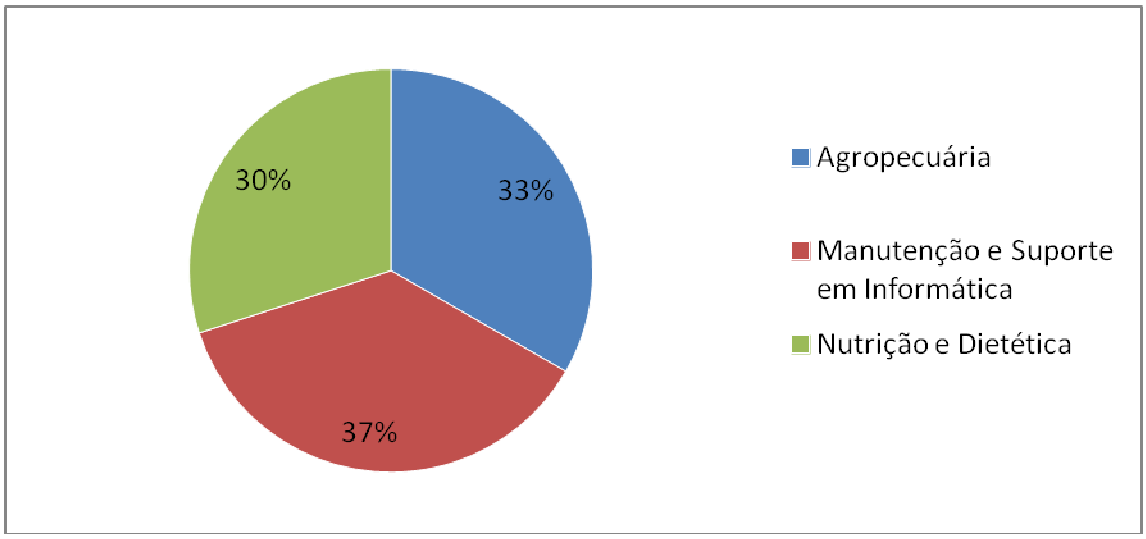

Figura 5: Curso frequentado pelos participantes do Estudo II
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes que participaram das rodas de conversa

Com intuito de preservar o anonimato dos participantes, a identificação dos estudantes foi feita com a sigla P seguida com numeração progressiva iniciou-se em P-01, P-02, P-03 e assim por diante, finalizando no participante P-30.

6.3.2 O que é sexualidade para os adolescentes do IFMG-SJE?

Ao discutir com os estudantes do IFMG-SJE o que entendiam como sendo sexualidade, o entendimento de alguns estudantes foi de que a sexualidade estava relacionada ao ato sexual, ao prazer. Porém alguns estudantes entenderam que a sexualidade estava relacionada à orientação sexual, ao afeto, à interação com outras pessoas, à prevenção e aos aspectos psicológicos. Alguns estudantes não se manifestaram, informando que concordavam com a opinião dos demais.

As narrativas a seguir correspondem aos adolescentes que associaram a sexualidade à prática sexual:

> *[...]É prazer é isso. (P01)*
> *A satisfação da necessidade, o desejo sexual. (P05)*
>
> *Eu também acho que é a necessidade do desejo sexual. (P06)*
>
> *Eu também creio que seja uma relação do sexo masculino e feminino, como eles se fundem. (P07)*
>
> *...Bom a primeira coisa que veio na minha cabeça acho que foi a relação entre pessoas mesmo sexo e de sexo diferente, do mesmo sexo, e a relação afetiva entre elas. (P30)*
>
> *[...] Eu acho que é o sensual, eu pensei no sexo e no ato. (P22)*
>
> *[...] pensei no ato do sexo. (P23)*

Alguns estudantes do IFMG-SJE conseguiram associar o termo sexualidade a orientação sexual e gênero:

> *Eu acho que é as opções sexuais, você se sente bem com homem, se sente bem com mulher, todos os atos que envolva esse tipo de coisa, eu acho. (P 09)*
>
> *A satisfação da necessidade, o desejo sexual. (P05)*
>
> *Eu acho que sexualidade é esse dialogo sobre opção sexual e orientação, sobre gênero, é muito atual esse tema, essa coisa de sexualidade. É uma coisa que a gente anda conversando bastante, que tem mesmo que ser conversado e eu acho que é*

isso, você orientar mais as pessoas pra poder distinguir, questão de gênero e orientação sexual que são coisas diferentes e as pessoas precisa entende[..](P-17).

A sexualidade em si me vem gêneros. (P24)

[...] acho que isso é sexualidade como opção sexual, a orientação sexual. (P25)

Relacionaram também ao envolvimento emocional com o outro e com uma fase de descobertas:

[...]é toda questão psicológica ou física que envolva a questão de afeto, atração e de relação entre as pessoas. Então não está só ligado ao sexo, literalmente, mas toda essa questão de atração. É atração. (P19)

Pra mim é esse negócio de atração sim, é a relação entre dois seres. E não tem essa necessidade de sexo, pra mim a sexualidade tem esse negócio de atração e não precisa do sexo para ser sexualidade. (P20)

[...]tem muito ver com essa questão de interação. Interação com o outro, no caso de relação carnal, interação consigo mesmo, no sentido de sua formação, da sua identificação, da construção da sua identidade e a sua relação com o externo, o que você é exposto, 24 horas você é exposto ao sexo, tanto em vídeo, tanto por... Essa vitória que teve dos homossexuais e tal. E aqui na escola, 24 horas a gente é exposto à sexualidade, então pra mim a palavra certa é interação (P21).

A sexualidade eu considero um conjunto de coisas que engloba o sexo em si, a prática sexual, o sexo, as escolhas, as opções o que as pessoas fazem, o comportamento sexual, tipo tudo isso. (P27)

A sexualidade compreende vários aspectos da vida humana e está relacionada aos aspectos biopsicossociais. Ao falar de sexualidade não estamos falando apenas de sexo, falamos também de afeto, amor, orientação sexual, gênero, prazer, reprodução, enfim vários aspectos relacionados ao convívio com outro. Para muitos estudantes do IFMG-SJE, a sexualidade está relacionada às práticas sexuais assim como os dados apresentados no Estudo I dos seguintes autores: Almeida et al., 2017; Araújo et al., 2012 ; Beserra et al. , 2008 ; Beserra et al., 2017; Bretas, et al.,2007; Camilo et al., 2009; Freitas e Dias, 2010; Gubert et al., 2010; Macedo et al. 2013; Martins et al., 2011; Soares et al., 2008; Viero et al., 2015. Alguns estudantes conseguiram associar a sexualidade a outros aspectos da sexualidade como à orientação sexual, ao afeto, à interação com outras pessoas, à prevenção e aos aspectos psicológicos conforme os dados apresentados no Estudo I dos autores Almeida et al. (2017) e Araújo et al. (2012).

Esses estudantes, apesar de incluírem outros aspectos da sexualidade além das práticas sexuais, possuem ainda uma compreensão insuficiente de todos os aspectos relacionados à sexualidade humana, portanto, é necessária a promoção de ações que discutam com esses adolescentes sobre o assunto para que sejam capazes de incluir todos os aspectos da sexualidade , assim como apontado por Freitas e Dias (2010) no Estudo I.

6.3.3 A importância de falar sobre Preconceito e Intolerância na Escola na visão dos estudantes do IFMG-SJE

"Que a gente está num mundo diferente, que mesmo que você não aceite, você tem que respeitar, é uma coisa que muita gente prega aqui na escola. É o que realmente falta aqui na escola, ensinar pra galera respeitar. Você não precisa aceitar, não precisa gostar do jeito que a pessoa é. Você tem que respeitar a forma que ela é" (P17)

Os estudantes do IFMG-SJE entendem que a discussão desse assunto na escola seria interessante porque passam muito tempo dentro desse ambiente e é, na escola, que muitos estudantes têm o primeiro contato com as diferenças. Para esses estudantes, a escola é um local ideal para trabalhar esse assunto, "se nesse ambiente não trabalhar, onde mais vai ser trabalhado?" Portanto, para trabalhar esse assunto, sugeriram criar momentos de discussão dentro da escola com intuito de conscientizar a comunidade escolar, tendo em vista que muitos presenciam no dia-a-dia situações discriminatórias por parte dos colegas e funcionários: muitas dessas situações favorecem a desistência de alguns estudantes. Sugeriram ainda que é preciso trabalhar esse assunto com enfoque no respeito às diferenças, reforçando que para respeitar, não precisamos aceitar ou gostar do jeito da pessoa, precisamos respeitar a pessoa porque todos são seres humanos. Esses apontamentos são apresentados nas narrativas a seguir:

> *Eu creio que ter uma abertura maior para espaços como este por exemplo, porque a gente falou muito que, o que a gente pega muito aqui dentro é a questão da convivência e tal, talvez se a gente tirasse um tempo, um espaço para trabalhar isso com maior número de pessoas possíveis, a conscientização pudesse ser maior. Quando a multidão é contra a minoria você se sente inferiozado até pra você expor o que você quer(P-08).*
>
> *Eu acho muito importante abordar isso principalmente na escola por quê? Porque primeiro que a gente passa boa parte da vida na escola, e depois que quando a gente é inserido no ambiente escolar, é o primeiro contato meio que com a sociedade que a gente tem, porque até então a gente está no ambiente familiar onde tudo é muito normal, tipo assim, você parece com seus pais e tal, e não tem... e não tem a questão de apontar que é diferente, é na escola que você vai ver gente diferente de você e tudo, e a escola realmente é um antro de preconceito, porque muita gente não tem essa consciência que é na escola que a gente aprende essas coisas assim da vida, as coisas erradas da vida que é ter preconceito, falar mesmo que brincando: "Ah fulano é isso e aquilo, tá certo". Então eu acho que é muito importante falar sobre isso na escola, é realmente muito importante. (P 14).*
>
> *Eu já cheguei presenciar aqui na escola, no meio do pátio aqui, algumas pessoas brincando no meio do pátio, se divertindo e tal, fazendo uma "bagunça" ali no meio do pátio e pessoas perto de mim... A pessoa que estava brincando era homossexual, gay ou lésbica, você escuta os comentários, já cheguei escutar: "Tinha que ser aquele viadinho. (P 16).*
>
> *Muita gente que deixa a escola por causa dessa intolerância, porque não suporte ser caçoada, ser zuado. E o IF, é assim, mas justamente porque você saiu de casa, você está longe dos seus pais, você conhece pessoas novas, você conhece pensamentos novos, você se descobre com essas pessoas novas. [...]Que a gente está num mundo diferente, que mesmo que você não aceite, você tem que respeitar, é uma coisa que muita gente prega aqui na escola. É o que realmente falta aqui na escola, ensinar pra galera respeitar. Você não precisa aceitar, não precisa gostar do jeito que a pessoa é. Você tem que respeitar a forma que ela é. E o que eu acho que falta aqui na escola muito a questão de respeito. Tanto os alunos quanto professores, porque a gente vê por parte dos professores também. Os professores não chegam a falar, mas os alunos percebem a forma de tratamento é diferente, a forma de conversar com o aluno é diferente, mas isso acontece em todo lugar da escola. (P17).*
>
> *Eu acho que sim porque nós estamos num lugar público e aqui vêm pessoas de todas as cidades diferentes fazer, sei lá, tem gente que vem até de fora do país, é muito importante você tratar isso, porque se a gente está num lugar desse e não tratar em que lugar vai tratar? E a gente está formando pessoas pra sociedade. Se gerar pessoas intolerantes igual tem muito aqui, se não tratar desse assunto, se não tratar, saem pessoas ignorantes Já teve caso, igual no dia do amor do ano passado que teve um beijo homossexual. Aí gerou tanta piadinha, o pessoal falando: "Que nojo, não sei o que". O que a gente tem a ver com isso? Deixa a pessoa ser feliz e tal.(P-18).*

> *A maioria aqui respeita, e quem não respeita fica até sem graça de desrespeitar na frente da gente. Tem muita escola que pega no pé de casal LGBT, mas casal hétero acha normal. É que teve uma brincadeira o ano passado, alguns alunos que eram formandos começaram a se beijar na frente da escola, teve uns da agropecuária que fizeram vômito, foi muito escroto, eu fiquei com vontade de bater neles de raiva(P 25)*

Para alguns estudantes, é necessário abordar sobre preconceito dentro da sala de aula, porém de uma forma mais didática, ou seja, para eles devem expor os tipos de preconceitos sem que ocorra manifestação de sentimentos, porque dentro da sala de aula não seria um local adequado para que este tipo de manifestação aconteça. Justificaram que teve muita confusão na sala quando discutiram sobre esse assunto.

> *Dentro da sala de aula desde que seja em caráter didático daí é legal. O caráter didático vai até aonde tem fatos, se realmente existe preconceito, mostra onde existe o preconceito e porque, agora hoje se a pessoa pensa de uma forma para ela já não é legal. Exatamente, sem que os alunos se manifestem com seu sentimento, porque a sala de aula não é lugar para isso [...] (P-07).*
>
> *Esse tema a gente já teve em sala de aula, mas igual ele falou dá muita confusão pela questão de cada um... Pensar de uma forma. Porque um expõe de uma forma, o outro acha errado porque ele pensa de outra forma. (P-02)*

Outros estudantes sugeriram também que a discussão desse assunto acontecesse dentro da sala de aula. Para trabalhar o assunto, seria necessário comtemplar todos os tipos de preconceito e intolerância que acontecem na sociedade, além de abordar os diferentes tipos de famílias. Essas discussões poderiam acontecer em diversas disciplinas, fazendo uma correlação com conteúdo específico de cada disciplina. Quando se fala do assunto dentro da sala de aula, há uma contribuição para o respeito dos estudantes às diferenças como é citado nas narrativas a seguir:

> *Eu acho que essa questão do preconceito tem que ser abordado em sala de aula, respondendo à questão, o preconceito em todos os âmbitos não somente sexual, mas pegando o nosso ramo que nós estamos conversando aqui hoje eu acho que tem sim que ser abordado em diferentes tipos de família que tem, eu acho legal puxar um gancho na área de humanas, igual a gente tem visto isso em sociologia de o conceito de família se tornou diferente que tem sido diferente a gente precisa entender todas as diferenças e respeitar o próximo na medida dessas diferenças(P-27)*
>
> *Quando a gente fala de ter isso em sala de aula, de saber sobre preconceito essas coisas, a gente tem noção de que igual aqui é um instituto federal, a gente tem pessoas de todos os lugares, aqui, de São Pedro, Capelinha, Guanhães, Santa Maria, são muitos lugares, são culturas diferentes e estudando isso dentro de sala de aula, tem um momento de falar sobre isso a gente aprende a aceitar a diferença do outro. Eu mesmo cheguei com uma visão totalmente diferente de muita coisa aqui, hoje em dia é outra coisa totalmente diferente (P-22)*

Houve relato de um estudante do IFMG-SJE que sofreu preconceito no ambiente escolar. No relato a seguir, o estudante relatou que sofreu agressão verbal de alguns colegas que desacreditaram de sua capacidade intelectual por causa da sua orientação sexual. Durante o relato, o estudante apresentava-se emocionado em relatar essa situação:

> *Eu já tive experiência... Experiência não, já passei por uma situação não tão legal*

> *de um caso, no ano passado, que foi a questão da homofobia, no caso de alguns meninos de mente arcaica, né, que normalmente falam de um homossexual, pra mim não é xingamento ser chamado de veado ou coisa assim, gostar de homem, pra mim não é vergonha nenhuma, vergonha seria eu me ofender com isso. Mas alguns colegas não conseguem entender isso e quando eu estava aqui no 2ª ano, no caso ano passado, passei por uma experiência que muitos mexeram, meio que deixaram, que pelo fato de eu ser homossexual eu seria mais fraco ou excluído. De não ter capacidade de continuar aqui, que eu ia desonrar o nome da escola. Então isso é algo que me machucou de certo modo, porque não o fato de ser chamado de veado, mas o fato de eu me sentir um pouco menosprezado em questão dos demais. (P-21).*

Essa situação favoreceu o adoecimento psíquico desse estudante. Por causa desse adoecimento e pelo conhecimento de que os mesmos estudantes já haviam cometido outros tipos de violência na escola, o estudante entendeu que seria necessário prestar queixa desses estudantes. Para isso, precisou contar para a sua família a respeito da sua orientação sexual de forma abrupta sem se sentir totalmente preparado para esse tipo de conversa. Para ele foi algo forçado, como mostra a narrativa abaixo:

> *Então, mesmo desmotivado pela escola, sabendo que o Conselho de Ética da escola não ia fazer nada pra suprir, porque o tanto que me feriu, por exemplo, eu acho que se torna insuficiente chamar os pais e conversar. Porque se fosse por conversa não teria aquele tanto de denúncia sobre os filhos, então eu acho que já está em outro momento de conversa. Acho que o diálogo não vai suprir o tanto que eu saí machucado, o tanto da exposição, a exposição de você ir pra delegacia, sem os seus pais. Por exemplo, eu moro muito longe daqui, eu vim aqui pra estudar e passei por situação constrangedora, se sentir acabado psicologicamente, lidar com os problemas já da escola, depois lidar com problemas emocionais, então eu acho que a escola não ia conseguir suprir minha necessidade. Então eu procurei o meu pai e foi algo totalmente forçado, porque eu me revelei, eu falei com meus pais que eu era homossexual desse modo. [...] E com meu pai eu entrei com um processo legal, como pessoa física mesmo. Então ainda está em andamento do processo. Já passou pela parte da queixa, já chamou os pais, já propuseram o apaziguamento para a reconciliação e tal.[...]. E quando eu fui ver os históricos desses meninos que falaram que eu era inferior e tal, acho que meio que era o espelhamento deles. Porque eram meninos problemáticos, com dados fornecidos, já eram meninos problemáticos, já tinham problema na escola, tanto questão de nota e problema como pessoa, de relação pessoal. Tinha muitas denúncias e queixas anônimas sobre esse tipo de preconceito, então muitas pessoas já sofreram. E a necessidade de eu ir e falar, entrar com o processo, não é a função: "Ele quer processar pra ferrar com os coleguinhas ou conseguir dinheiro nisso", não, eu me senti no direito de representar todas essas pessoas que não tiveram a coragem que estou tendo de processar e garantir que esses meninos não façam isso com outras pessoas na hora que formarem ou quando forem pra faculdade [...]*
>
> *Eu falei na frente do juiz em nenhum momento eu quero aceitação, eu quero respeito, porque eu sou um ser humano, então cada um deve respeitar o outro. Em nenhum momento eu tenho aceitação, você não tem direito nenhum, eu não posso obrigar ninguém a aceitar, mas eu não... Mas a Constituição me faz me respeitar, então é algo que eu cobrei e espero que sirva de exemplos pros outros para que os outros tomem coragem e hoje não estou vendo mais nenhum relato desses meninos em relação preconceito .(P-21).*

Além desse relato, outro estudante relatou que ficou sabendo de punições no IFMG-SJE por intolerância racial e por dificuldade de aceitar a orientação sexual do colega. O estudante questionou o tipo de punição que foi feita aos estudantes que cometerem atos de intolerância e preconceito:

> *Já teve punições na escola por intolerância racial. Por preconceito racial e sexual. Aí tipo dá a punição e a pessoa só fica impedido de ir nas aulas, então não há conscientização nenhuma. (P-18)*

Durante a discussão desse assunto, um estudante sugeriu que, quando a pessoa apresenta comportamento de intolerância e preconceito, esse comportamento foi decorrente de uma educação deficiente dos pais, por isso reforça a importância de discutir sobre esse assunto na escola.

> *Essa questão de intolerância e Preconceito é uma deficiência que você teve de respeito, você não tem o respeito com a pessoa, não foi construído em você quando você era pequeno, a questão de respeitar o próximo, e também já ouvi muitas vezes por mais que seja brincadeira, pessoas falarem assim, em relação a cor né: "Ele é preto, ele não tem o direito, não tem", desvalorizar as pessoas por determinada característica. E eu acho o papel da escola assim muito importante, porque, por exemplo, eu entrei aqui com pensamento, e hoje eu tenho um pensamento assim, totalmente diferente, e eu vejo que isso não é por causa da escola, quando eu for levar isso aqui para casa (P-12).*

Os estudantes do IFMG-SJE consideram necessário que aconteçam discussões sobre preconceito e intolerância no ambiente escolar dentro e fora da sala de aula. Os autores Furlani (2008,2011); Unesco (2010), Altman (2013), Figueiró (2006,2014) apontam como sendo importante trabalhar esse assunto no ambiente escolar trabalhando esse tema com enfoque no respeito às diferenças, tendo em vista a presença do preconceito e discriminação no ambiente escolar como foi constatada pela Fipe em Brasil (2009).

Em relação ao relato do estudante do IFMG-SJE vítima de homofobia, percebeu-se que ele foi julgado com capacidade intelectual inferior em decorrência da sua orientação sexual e passou por um tipo de violência psicológica, que favoreceu o surgimento de sofrimento e posteriormente adoecimento psíquico. Percebe-se que esse tipo de adoecimento e julgamento moral sofrido pelo estudante não foi apenas um ato isolado. Contine, Koller, Barros (2002), Natarelli et al. (2015) apontaram situações semelhantes vividas por outros adolescentes. Contine, Koller, Barros (2002) apontam ainda que a orientação sexual de uma pessoa não deve servir como parâmetro ou ser considerada para influenciar no seu julgamento moral.

Com base nesses dados apresentados e pela informação obtida dos estudantes do IFMG-SJE, percebe-se que o preconceito existe no ambiente escolar, o que favorece a segregação das pessoas por pertencer a grupos específicos. Pessoas que vivenciam esse tipo de situação podem apresentar sentimentos de menos valia e angústia, o que favorece um adoecimento psíquico dessas pessoas, que poderá impactar na sua saúde. Portanto, falar de preconceito e intolerância na escola é necessário, tendo em vista a capacidade que a escola possui em transmitir e conscientizar a comunidade escolar da importância do respeito às diferenças. Com essas ações, pode-se evitar ações discriminatórias e preconceituosas na escola e demais ambientes sociais favorecendo a construção de uma convivência pautada no respeito mútuo independente da crença, raça, etnia, classe social, orientação sexual, gênero, religião.

6.3.4 Considerações dos estudantes do IFMG-SJE sobre violência de gênero e sexual

> *"E essa questão da violência, hoje em dia é uma coisa assim... Apesar de ser uma coisa frequente, bem difundida na sociedade é uma coisa que já não tem mais justificativa".*

Quando questionados se, em situações de violência sexual, existe algum comportamento que justifica esse tipo de violência, todos apontaram que, em qualquer situação, não há nada que justifica a violência sexual. Em situações em que se fala não, um não é não mesmo, não tem aquela de que é possível insistir, que a mulher pode estar apenas "fazendo charme". Para alguns estudantes, quando alguém que comete esse tipo de violência e justifica essa atitude por causa da roupa que a pessoa está usando, é uma justificativa infundada para "se safar". Citaram ainda que o não consentimento de um ato, ainda que seja em um relacionamento estável como no casamento ou em um namoro caracteriza-se como uma violência sexual.

Explicaram também que muitos comportamentos que levam a atitudes violentas são oriundos de uma cultura machista e patriarcal presentes na sociedade. Para eles, muitos homens justificam a violência por não se segurarem ao ver uma mulher com roupa provocativa, mas, não há relatos de mulheres que cometem atitudes violentas em decorrência da vestimenta utilizada pelos homens. Enfim não há nenhum comportamento que justifica a violência sexual. Para os estudantes, esse tipo de violência traumatiza a pessoa, portanto sendo injustificável, conforme apresentado nas narrativas a seguir:

> A partir do momento que você não aceita uma coisa e você não quer aquilo, você falar um não, não é talvez, é não.[...] Seja na onde for, se a mulher falar assim: "Ah não, eu estou na sua casa e não sei o que, mas eu não quero nada", você tem que colocar aquilo na sua cabeça, não nada, não é nada e pronto, não é questão, ela está na minha casa e não vai ter nada? Não, véio, ela falou que não é não. Porque você chegar pra colega e falar assim: "Vamos pra tal lugar?" Ela chegar pra você assim: "Não", aí o cara fica continuando assistindo, eu garanto pra você, se a mulher falou não é não, se é não, é não. E é sempre assim em questão de ter certeza, ah ela não falou aquele não com certeza, é não, véio. (P-11)
>
> [...]A maioria das pessoas que mora na rua tem, que a vítima ela tem uma parcela de culpa, a vítima não tem culpa, ela nunca tem culpa, não existe isso da vítima ser culpada (P-12).
>
> Não, né? Nunca. É indiscutível, esse eu acho que realmente não tem o que discutir, não existe assim justificativa, fala pronto e acabou.(P-14)
>
> Não. Obviamente que não. Igual eu já falei, violência nenhuma tem justificativa ou deve ser estimulada, né? Porque se uma pessoa não quer eu não posso obrigar ela a fazer nada. Igual minha avó fala comigo: "O que um não quer dois não fazem", então cada um tem suas vontades e seus limites, tem que respeitar isso. Nada justifica uma violência sexual, nada! Foi a desculpa mais idiota que a pessoa achou na hora pra tentar se safar. Isso pode afetar no relacionamento dos dois. Muitos caras eu já vi na televisão, usar de desculpa, "Estava de roupa curta, ela estava querendo". Não existe isso, a pessoa pode sair pelada pra fora, se ela falar não é não, tem que saber escutar e respeitar isso. Acho que todas essas questões que a gente trabalhou aqui hoje voltam muito na questão do respeito e da cultura.
>
> É muito cultural, é uma cultura muito machista e patriarcal que a gente tem hoje. Por mais que hoje em dia ainda é menos, ainda existem muitos traços disso, que acabam influenciando nesse tipo de atitude (P-16).
>
> Eu acho um discurso ridículo, a pessoa pode estar bêbada o quanto for, até mesmo se ela pedir, ela está bêbada e pediu, ela não está em consciência, é estupro! Em casamento, dentro do próprio casamento, ela não quer, o marido força, é estupro. Enquanto você não tem consentimento do que você quer, enquanto você não tem consentimento do que você está fazendo, é estupro e é errado, não tem nada que justifica. Nem só em namoro, a gente vê muito isso em balada normal, a mulher está bêbada e os caras aproveitam muito, la deve ter mexido, provocado, alguma coisa assim (P-17).

Se você estiver namorando uma pessoa e ela falar que, por exemplo, se ela estiver alcoolizada e querer, acho que a melhor coisa pra fazer é não, porque a pessoa não vai lembrar de nada no outro dia ou quando passar o efeito do álcool e, tipo, pode ocasionar coisa ruim pros dois depois.

E a justiça é muito ingrata, às vezes que teve caso... Acho que foi nos Estados Unidos, que uma mulher tinha acusado, tinha reportado que o patrão dela teria assediado e em vários lugares desse caso, era um conselho acho que com 20 homens pra julgar isso. Aí o que você acha que acontece? Numa sociedade machista, 20 homens vão julgar, já olham pro caso assim, já tem aquele preconceito: "Ela deve ter provocado".(P-18)

Eu estava falando que tem horas que a pessoa, por questão de imposição mesmo, acha que determinada coisa é um prazer. Depende muito do que a gente caracteriza como violência sexual. Porque o que eu entendo como violência sexual está mais ligada à coisa feita a força, qualquer coisa que não tenha consentimento do parceiro. Isso que entendo como violência sexual, então por uma falta de diálogo pode ocorrer, então, tipo, buscando prazer e por não ter conversado antes o parceiro que passa por violência, se sinta violentado. Ou até às vezes, igual essa questão dos preconceitos que a gente tem em relação a vestimenta, essas coisas, também poderia, podia ser utilizado como justificativa, apesar de não ser uma coisa plausível, poderia ser utilizado, acho que é isso.(P-19)

É a questão que, tipo, tem pessoas que devem ver algo de ser um prazer, uma violência, não sei... Não é violência, sente prazer quando... Não sei como expressar essa palavra. Porque as duas pessoas tem que estar em consenso. Sei lá, a não ser isso aí não tem justificativa nenhuma. Ninguém pode passar por cima do direito do outro, sem um consenso (P-20).

Na minha opinião, a violência sexual, não é algo aceitável, porque a partir do momento que você fala violência a própria palavra já te passa a ideia que é algo que não permite, agride outra pessoa. Talvez não precisamente fisicamente, mas psicologicamente. Ainda mais que a questão sexual, pelo fato de ser uma questão de intimidade, a parte mais íntima de você, toca também na questão psicológica porque o sexual ataca você, tipo assim, afeta você tanto na questão do prazer, na hora, do corpo, mas também é uma sensação psicológica também. Porque sexo, na minha opinião não é só ação carnal. Então essa violência, vamos fazer a comparação, se for uma violência física, de rua, já seria errado, porque você ultrapassa o limite do outro, você viola esse bem-estar, essa sensação de bem estar e como é garantido por lei, na Constituição, violência qualquer uma é inaceitável de certo modo. A violência sexual, na minha opinião, chega a ser algo pior, porque a partir do momento que acontece a violência sexual, transbordando, fazendo um relacionamento com abuso sexual, porque isso traumatiza a pessoa. Então, por exemplo, então te impede que seja uma ação prazerosa, porque na minha opinião o sexo tem que ser prazeroso de mão dupla, pra ambos os parceiros. Então quando acontece a violência sexual creio que seja prazeroso talvez pra um e outro não se sinta a vontade. Que é diferente do masoquismo tem um consenso dos dois. O outro gosta de se sentir dominado, susceptível ao outro, então tem outra situação. É inaceitável na minha opinião (P-21).

O homem falar que é instinto, que ele não resiste ver uma mulher de shortinho, por que uma mulher resiste respeita, se ela também é atraída por aquilo, se ela sente atração por outra mulher, não é a questão da roupa (P-25).

Por que a gente não ver casos de mulheres estupradoras. É, a nossa professora de sociologia falava que está gritando então. Mas agora tem uma coisa qual está falando desses estupros, depende, dependendo, porque existe doenças, existem doenças que tipo afetam a pessoa mesmo, igual que era outra doença que nós temos uma dificuldade maior de aceitar as doenças psicológicas, então eu não sei, depende. Qual que era a pergunta mesmo eu esqueci? Um comportamento eu acho que não eu penso assim, mas agora uma violência dependendo de algum caso, igual talvez o machismo

Em relação ao questionamento de como os adolescentes veem a violência de gênero, citaram que qualquer tipo de violência não é correto e deve ser contestada. Quanto à violência de gênero apresentaram que ultimamente tem sido muito comum, principalmente em relação às mulheres, que são acometidas por vários tipos de violência, física e psicológica. Relataram que muitas mulheres encontram dificuldade para conseguir trabalho, estudar, e essas dificuldades podem ser percebidas dentro e fora da escola.

Apontaram também que, muitas mulheres tem dificuldade de afastar de um relacionamento abusivo por causa dos filhos, que elas ficam receosas em sair da relação e não conseguir sustentar a família sem o parceiro. Também há mulheres que vivem em relacionamento abusivo, mas não percebem que estão vivendo esse tipo de relacionamento, ainda que as pessoas tentem alertá-las, elas não conseguem perceber, o que faz com que elas permaneçam no relacionamento até o acontecimento de uma situação mais violenta. Houve citações de que essas situações talvez aconteçam, porque as mulheres têm recebido uma orientação para serem "submissas" ao parceiro. Essas crenças foram percebidas nas narrativas a seguir:

> Não vejo como algo certo, assim né. Porque eu acho que violência, de qualquer tipo que for ela não é certa, ela deve ser combatida, digamos assim. Porque a violência realmente não leva a nada, só gera intriga e eu acho que a cooperação, um ajudando o outro sempre vai fazer, ambos os lados que estiverem "discutindo" ou não, a prosperarem melhor, em qualquer que seja discussão que eles tiverem (P-16).

> Eu acho que isso está muito comum no mundo, ultimamente, que é muito ruim, principalmente em relação às mulheres. A violência geralmente acontece pra elas e isso é uma coisa que a gente precisa mudar, mas que a gente não vai conseguir mudar de uma hora pra outra. É de gerações, de cabeças antigas e é coisa que a gente não vai conseguir mudar de uma hora pra outra. Não só a violência doméstica e física, como também a psicológica. Isso afeta muito no nosso país ultimamente e a maioria da população sofre com essa violência de gênero, pra conseguir trabalho, pra conseguir estudar. E a gente consegue ver isso dentro da escola, a gente consegue perceber que tem isso aqui dentro da escola, tem isso fora da escola e é uma coisa que a gente precisa mudar. Talvez o diálogo demore um pouco, mas é uma boa opção usar o diálogo e também incentivar as pessoas a perceber igualdade de gêneros, que tanto um quanto o outro podem fazer as mesmas coisas independente de quem são (P-17).

> Eu vejo como algo errado e que as pessoas deveriam repensar, às vezes a mulher que é a maior vítima desse caso ela aceita ou não aceita, às vezes ela continua pela situação social que ela está, a mulher infelizmente ela está à margem, a palavra não é bem a margem, porque a sociedade é preconceituosa, então assim a mulher ela não está num emprego bom na maioria dos casos, ela não está num cargo bom eu não tenho um salário bom para auto-sustentar, às vezes ela está submissa ao homen nesse sentido, não só isso, tem vários aspectos,a maioria das vezes é por causa dos filhos. Então os filhos às vezes a mulher também tem essa pressão psicológica daquele tipo eu não vou separar dele por causa do meu filho, aí fica nessa talvez separa, talvez não separa e vira essa bola de neve, então assim essa questão da mulher ser submissa às vezes é muito pessoal, eu acho difícil você chegar e falar assim, sai desse relacionamento porque ele é tóxico para você porque talvez para a pessoa não tem outra saída(P-27)

> Tipo assim porque ela quer continuar naquela relação de violência, de submissão, seja tanto da parte do homem quanto da mulher, então a pessoa fica presa naquilo que ela não consegue se soltar, e aí ela acaba sendo violentada, mas a gente não tem palavras para demonstrar o que é violência, o que é que para você pode ser considerado violência? Tipo assim até que ponto a violência é maléfica?

> Outra questão também, igual não previne, às vezes você tem um relacionamento

> abusivo aí a mulher pensa em sair, só que daí o homem começa a ameaçar, que tem coisas para divulgar dela, e essas coisas. Às vezes ela nem percebe, ela só percebe

> que é tóxico depois que ela sai. Tipo, nossa está sofrendo violência, o relacionamento é abusivo, você fala que a pessoa faz isso. A pessoa não ver (P-23)
>
> A gente tem a questão da violência desde há muito tempo, e essa violência não consiste apenas na violência física, que a gente tem muito aquilo de violência contra mulher, claro que essa violência é muito ruim, é a coisa da agressão mesmo, a gente tem que ter noção de que essa violência ela pode ser também verbal, o relacionamento abusivo, que a gente mais vê caso de mulheres que estão com homens em um relacionamento abusivo porque acha que aquilo é um relacionamento que foi criado desde cedo com a mãe dizendo que aquilo é normal, que a mulher tem que ser submissa, até que hoje em dia a gente vem quebrando esse pensamento por causa das informações que a gente tem, mas eu acho extremamente escroto o fato de só por ser um homem, se achar superior a mulher, achar que tem direito de ter um salário melhor (P-25)

Houve menção de como as mulheres recebem desde criança uma educação de que precisam se dar ao respeito, não devem usar roupa curta em qualquer lugar, ficar até tarde na rua, não são todos os lugares que podem frequentar, ou seja, é passada a informação de que as mulheres precisam se comportar. Elas precisam se preparar para caso aconteça algum tipo de violência com elas, o que faz com que as mulheres tenham medo:

> Aproveitando falando sobre essa educação de dentro de casa, desde muito cedo, pra nós mulheres é colocado que a gente tem que se dar o respeito, você não pode ficar na rua até tarde, então é uma coisa eu vem martelando na sua cabeça desde sempre, porque vai ter pessoas ruins que vai fazer isso e aquilo, mas você não pode vestir uma roupa curta de noite, você não pode sair a noite, você tem que andar com medo. Por que que você tem que andar com medo? Por que a mulher tem que andar com medo? (P-08)
>
> Uma vez eu li uma matéria que fala justamente isso, uma professora chegou e falou que uma mulher ela está preparada pra ser estuprada a qualquer momento do dia, e realmente causou um alvoroço, e as pessoas: "Nossa, mas como assim? Por que isso?" E ela falou: "A gente não pode sair com tal roupa em determinada hora do dia, a gente que está com medo na rua, a gente tem que passar em determinado lugar porque a gente tem que estar pensando que pode ter alguém ali pra fazer alguma coisa com a gente, então a gente está preparada pra isso a qualquer momento, tipo assim, pra evitar", tem que estar preparada pra evitar as coisas(P-14).

Na narrativa a seguir, um estudante explicou que o conceito de gênero, atualmente, é mais diversificado, que anteriormente; o gênero estava relacionado apenas à questão de homem e mulher, essa nova conceituação de gênero inclui também outros grupos como os homossexuais. Portanto, para ele, quando estamos falando de violência de gênero, falamos desses grupos, e que em todos os casos que ocorrem violência ela pode ocorrer em decorrência da existência de pensamentos formados culturalmente como corretos. No caso das mulheres seria decorrente do machismo, que considera o homem como mandante da relação e a mulher como submissa, e, quando ocorre uma tentativa de rompimento desse padrão, os homens usam da violência contra as mulheres para reforçar o machismo.

> E tipo, em relações assim, o mais prejudicado, de gênero, considera o conceito do século XXI, porque antes gênero era muito ligado à questão, homem e mulher, só tinha isso, atualmente é muito mais diversificado, mas pensando os casos mais críticos a questão das violências com as mulheres e a violência, é claro, com os homossexuais, vamos dizer. Então os ambos os casos...Em ambos os casos, no caso das mulheres é aquela questão já do machismo enraizado na sociedade. Aquela questão mais pontuada de que o homem é sempre o mandante da relação, então a mulher tem que estar sempre subordinada. A mulher sempre inferior, então qualquer

> coisinha o homem já identifica, qualquer tentativa de rompimento com esse padrão o homem já utiliza da violência e da força contra a mulher. Não é uma justificativa..(P-19).

Já no caso de violência contra homossexuais, foi citado por dois estudantes que ela acontece por causa da dificuldade que a sociedade encontra em aceitar esse grupo, porque eles não enquadram no padrão imposto que é de uma visão heterosexista. Muitas pessoas justificam a violência dirigida para esse grupo, porque acham que eles não pertencem a um padrão que para eles é o correto, também há pessoas que usam a religião como justificativa.

Porém citam também que algumas religiões têm tido uma aceitação maior dos homossexuais. Antes de julgar os homossexuais, precisamos levar em consideração o primeiro mandamento, que é o de "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo", portanto de acordo com esse mandamento a violência já não se justifica. Houve apontamento de outro mandamento "Honrar pai e mãe", e também da manutenção da castidade até o casamento. Os estudantes citaram que o descumprimento dessas doutrinas para algumas religiões é considerado motivo para castigo de Deus, porém muitas pessoas desconsideram essa doutrina, mas não são julgadas tanto quanto os homossexuais são.

Foi elucidado também que, atualmente, está ocorrendo muita violência contra os homossexuais, que esse fato poderia ser decorrente dos ganhos que esse grupo vem alcançando e da resistência de um grupo da sociedade em aceitá-los:

> Mas o tipo, no caso dos homossexuais é a questão de aceitação mesmo da identificação do outro. A questão do homem e mulher, nasceu homem ou mulher e o homossexual está fora do padrão, então eu não concordo com isso e ao meu ver justificam a violência nisso. Religião dá muito em cima disso. Porque até então a igreja era muito fechada pra questão. Mas é muito interpretativo, né? Então como a interpretação está totalmente ligada à sociedade, ao pensamento social do momento, então atualmente as interpretações dos textos bíblicos, no caso a religião católica, religiões que utilizam a Bíblia, tem mudado. Apesar de a gente ver uma certa resistência de algumas religiões em relação a outras. E a gente percebe também uma certa reparação, porque como a Igreja Católica é a mais rígida né na história do mundo, foi a primeira e a mais rígida, então a gente vê uma certa flexibilização maior da igreja católica com relação as outras. Como as protestantes e religiões contemporâneas. A gente apropria do que a gente quer no contexto. Então tem muita gente que apoia nisso, igual, o que mais escuta é a questão, tipo assim, que qualquer desvio, por exemplo, de padrão heterossexual já está indo contra a religião. Igual ser colocado no caso do Papa, o Papa já tem outro pensamento a respeito disso. Porque antes disso tudo, o primeiro mandamento é amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo, então já tem muito essa questão. Antes de julgar o próximo eu tenho que amar ele, então a violência já não está justificada aí, ele utiliza, mas está totalmente errada, já começa errada aí. Então é apropriação mesmo. E essa questão da violência, hoje em dia é uma coisa assim... Apesar de ser uma coisa frequente, bem difundida na sociedade é uma coisa que já não tem mais justificativa. E talvez seja esse o motivo da violência estar mais frequente agora. Porque, tipo, alguns órgãos estão começando a propor a indenização, essas coisas, o pessoal conservador que está naquela margem ali, fala: "Não pode deixar isso" e aí que começa. Então vai crescendo essas resistências(P-19).

> E eu acho que a questão como falou é uma questão de interpretação. Então muitas igrejas agora começam a meio que a aceitação e tal. É porque, por exemplo, a questão da Bíblia, o livro, a Bíblia pode ter várias interpretações, acaba que o católico, pra justificar o seu preconceito ele usa o princípio, o sagrado, arcaico, de muito tempo. Por exemplo, você vai criticar uma Bíblia e toda aquela questão católica, por exemplo, eu sou homossexual e católico, então tem toda aquela questão do medo, então é aquela repressão que o homofóbico, que a pessoa que se subjuga melhor que o outro, utiliza isso como ferramenta. Mas, por exemplo, isso estuda, muito engraçado, eu vi uma palestra de um padre falando. Por exemplo, tem os

> mandamentos de Deus, por exemplo, ele fala que o sexo antes do casamento é um pecado, é um pecado carnal, mas, por exemplo, tem muito homofóbico que fala que gostar de outro homem, gostar de pessoas do mesmo sexo é um pecado, é coisa do demônio e Deus castiga, mas espera aqui, se o sexo antes do casamento é castigado por Deus e você faz do mesmo jeito, então porque o homofóbico ele vai ser pior? Por que a relação homossexual vai ser pior, sendo que está lá dentro, fala que é proibido, tipo, lá fala: "Amar pai e mãe sobre as coisas" aí você maltrata seu pai e sua mãe, mas e aí? Apropria da moral (P-21).

Um estudante relatou que presenciou um caso de violência doméstica sofrida por um homem, ou seja, seu próprio pai. O pai não se afasta dessa relação com a atual esposa por ter um filho com ela, ele aceita a situação de forma submissa.

> Nos milhões de casos que existem, eu vejo um caso contrário que a relação do meu pai com a minha madrasta, que eu falo abertamente foi a pior coisa que o meu pai, que o meu pai ele é muito bobinho, o meu pai ele aceita o fato de que o ser humano nasceu para sofrer isso é ridículo, ele acha que todo sofrimento é da vontade de Deus. Isso é ruim. A minha madrasta ela já tentou afastar o meu pai de mim, eu nem frequento mais a casa dele por causa disso, e ela batia nele, tipo pegava a faca para o meu pai e ele não saía do relacionamento porque ele tem um filho pequeno com ela, o meu irmão, aí ele fica lá e o meu irmão ainda não entendi o que está acontecendo. Eu acho que acaba sendo pior, igual ele falou aí. Eu conversei muito com ele sobre isso, eu achava melhor ele terminar do que ele participar daquele ambiente de briga (P-25)

Percebe-se que, para os estudantes do IFMG-SJE, a violência sexual é quando a pessoa é forçada a realizar práticas sexuais sem consentimento, sendo que esta pode acontecer com pessoas desconhecidas, ou até mesmo em relacionamentos estáveis como casamento e "namoro". A crença dos estudantes em relação à violência sexual está de acordo com a definição apresentada pelas autoras Souza e Adesse (2005) de que a "violência sexual pode ser definida, de maneira ampla e genérica, como uma violência de gênero que se caracteriza por um abuso de poder no qual a vítima (criança, adolescente e mulher) é usada para gratificação sexual do agressor sem seu consentimento, sendo induzida ou forçada a práticas sexuais com ou sem violência física. Esta violência pode ser exercida com o uso de força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal." Porém esclarecem que os termos "agressão", "abuso" e "violência sexual" são utilizados apenas para os casos de estupro e atentado violento ao pudor (SOUZA, ADESSE, 2005).

Quanto aos argumentos usados por muitas pessoas para justificar a violência sexual, os estudantes do IFMG-SJE consideram que não há nenhuma situação que a justifique e que esse tipo de violência tem acontecido com muita frequência na sociedade. Citaram as mulheres como as que mais são acometidas por esse tipo de violência. Essa frequência da violência sexual foi apontada em uma nota técnica publicada pelo Ipea em 2014. Nessa publicação, os autores estimaram que, a cada ano, no mínimo, 527 mil pessoas são estupradas no Brasil. De acordo com registros do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) analisados pelo Ipea, 89% dessas vítimas são do sexo feminino, sendo que as crianças e adolescentes representam mais de 70% das vítimas, e em 50% do total de vítimas encontram-se menores de idade; nesses casos houve relatos de estupros anteriores (IPEA,2014). Esses dados corroboram com as crenças dos estudantes de que a violência sexual está muito presente na sociedade contemporânea e direcionada para mulheres.

Como foi apontado por alguns estudantes, a questão de gênero anteriormente estava relacionada apenas à questão de homem e mulher, mas inclui também outros grupos como os homossexuais; essa crença emitida pelos estudantes pode ser percebida em algumas publicações. Em Brasil (2009), denomina-se o conceito de gênero como a distinção entre as

dimensões biológicas e social do ser humano, ou seja, considera-se a existência de homens e mulheres machos e fêmeas, porém a maneira de ser homem e de ser mulher é construída culturalmente. Esse conceito surgiu do diálogo entre o movimento feminista e de pesquisadoras de diversas disciplinas: História, Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Demografia, entre outras (BRASIL, 2009). Já a violência de gênero, o entendimento até 1990 era de que a violência de gênero era direcionada apenas às mulheres. Após esse período, em decorrência da realização de estudos de gênero, esse termo passou a ser utilizado por vários estudiosos para descrever a violência praticada pelo homem contra a mulher, pela mulher contra o homem, violência entre mulheres e a violência entre homens (CAVALCANTI;OLIVEIRA,2017). Essas definições estão de acordo com as apresentadas pelos estudantes do IFMG-SJE.

Os estudantes do IFMG-SJE citaram vários tipos de violência de gênero presentes na sociedade, atualmente, como a violência física e psicológica que está direcionada para as mulheres, homossexuais e homens. Destacaram as mulheres e homossexuais como os grupos mais acometidos por atos violentos. A violência direcionada para as mulheres como citado por esses estudantes é oriunda de cultura patriarcal e machista presente na sociedade. Souza e Adesse (2005) apresentaram sobre a existência dessa cultura patriarcal na sociedade brasileira, e que muitas questões relacionadas às desigualdades de gênero são oriundas dessa cultura que, muitas vezes, é manifestada por meio da violência de gênero. Já a violência direcionada para os homossexuais foi apontada por Natarelli et al. (2015) como aquela que acontece por causa da presença de uma cultura heteronormativa na sociedade que desconsidera comportamentos diferentes dessa cultura, expondo esse público a discursos homofóbicos e vários tipos de violência. Observa-se que a opinião dos estudantes do IFMG-SJE está de acordo com publicações sobre o assunto.

6.3.5 O motivo do aumento de IST entre os adolescentes na visão dos estudantes do IFMG-SJE

> *"Muitas vezes a gente ignora o que é o certo e tal, para buscar a coisa nova. Situações inusitadas. E também é ser pego desprevenido, não é sempre que vai ser uma coisa agendada, que vai ser planejada antes, então é simplesmente que no momento lá a gente prefere, no momento lá...Prefere não perder o momento"*
>
> *P19*

Quando os estudantes foram questionados qual o motivo da ocorrência do aumento de IST/HIV no público adolescente, surgiram apontamentos diversificados, mas muitos concordaram que um dos maiores motivos seria que o adolescente possui uma percepção de que esse tipo situação não acontece com ele, levando-o a praticar ações inconsequentes, que geralmente age de acordo com momento sem refletir sobre as consequências dessas ações. Em situações que se encontram desprevenidos, preferem viver o momento a perdê-lo. Muitos atribuíram também o aumento dessas doenças ao uso de substâncias químicas, psicotrópicas e injetáveis.

> O adolescente é muito inconsequente também. E o uso de substâncias químicas, psicotrópicas. [P-07]
>
> Com certeza, as drogas injetáveis. Ele acha que nunca vai acontecer com ele. É, que não pode acontecer, ainda mais a gente que mora em São João, com um monte de gente muito diferente, acho que cuidado assim é redobrado [P-08]
>
> E o tipo de pessoa que você se relaciona também. E outra questão também, tem que saber o tipo de pessoa que você sai. A consciência, talvez são você tem consciência daquilo, mas talvez no calor do momento, aquela coisa ali, vai e acontece algo, tem

> muito disso[P-11] .
>
> Ele sabe que tem que fazer, mas fica lá, eu não vou não, porque não acontece comigo [P-12].
>
> Eu acho também que a gente parte muito do pressuposto de que esse tipo de coisa não tá perto da gente, então tipo assim, eu creio que a gente vai manter relações com pessoas mais ou menos do nosso meio, e se em compensação fulano pode ter isso, e você vai lá mesmo no calor do momento, e você não pensa, mas tipo assim pode estar perto, a gente não para pra pensar, a gente acha que as coisas estão tão distantes e que nunca vai chega na gente [P-14]
>
> Acho que ultimamente a gente está num mundo muito "liberal", você conhece a pessoa e vai ali mesmo. Falta diálogo.[P-17]
>
> Como é a faixa etária, acho que é muito de experimentar... Muitas vezes a gente ignora o que é o certo e tal, para buscar a coisa nova. Situações inusitadas. E também é ser pego desprevenido, não é sempre que vai ser uma coisa agendada, que vai ser planejada antes, então é simplesmente que no momento lá a gente prefere, no momento lá...Prefere não perder o momento do que...Aí acaba preferindo o risco...Do que perder o momento[P-19].
>
> Quando pergunto as pessoas vem com o papo que é falta de informação e tal, mas eu acho que em pleno século XXI, com tantos meios de comunicação, com tantas campanhas que o SUS e órgãos da saúde faz, eu acho que não é uma questão de comunicação, mas sim ainda de informação em regiões precárias e necessitadas que não têm, por exemplo, uma camisinha em um posto. Mas na nossa realidade pelo fato de qualquer posto ter a camisinha pra oferecer é a questão mesmo de desinteresse "Vai ter cura no final", então tá, pode ser adiado. Nós somos adolescentes, aflorados, tem muito nesse sentido: "Não é nada demais, no final vai dar bom", é esse risco que talvez no momento da coisa você pega e não para, não pensa porque você desconsidera as consequências [P-21].
>
> Para não diminuir a emoção [P-24]

Além dessa percepção, sugeriram que a existência de tratamentos para a maioria das IST/HIV que antes não existia, faz com que não sintam tanto medo de contraí-las.

> Eu acho que o medo da população de ter uma DST antes era muito maior, por isso eles tinham mais cuidados, agora a gente não tem tanto medo, porque a gente sabe que tem métodos de tratar e tal. Mas é uma coisa que a gente tem que tomar cuidado, principalmente a gente que é jovem e está na flor da idade, como diz minha mãe, e quer fazer de tudo. Então é mais cuidado mesmo.
>
> [P-17]
>
> Acho que por a gente saber que tem um tanto de forma de tratamento, tanto de forma de prevenção, não sei o que tem... E a cabeça do adolescente não é uma cabeça muito boa. A gente acaba: "Tem um tanto de prevenção, tem um tanto de tratamento, uma vez ou outro não vai ter problema". Então a gente acaba fugindo disso, justamente por isso. Antigamente não tinha tantos métodos de tratamentos, de prevenção, então se tomava mais cuidado porque realmente tinha mais medo. Eu acho que hoje em dia por não ter todo esse medo a gente acaba fugindo um pouco do que deveria ser feito corretamente [P-16]

Houve apontamentos também que muitas pessoas não se previnem contra as IST/HIV porque tem dificuldade de usar camisinha, que é o método indicado para a prevenção, porque consideram que o seu uso durante a relação sexual provoca uma sensação desconfortável, além de que para usar esse método é necessário interromper a relação sexual. Apresentaram que muitas vezes sofrem influência de outras pessoas, que dizem que a relação sexual sem camisinha é melhor e mais confortável, que na primeira relação não é necessário usá-la

porque assim a relação sexual será mais agradável.

> Eu acho uma outra coisa, por exemplo, eu escuto muito, tem muita gente que vira e fala assim: “Ah não, eu não uso camisinha não, porque é desconfortável”, a gente escuta isso aí dá vontade de falar assim: “É desconfortável? Veja o que pode ser mais desconfortável que isso”. Talvez naquele momento ali, ah não tem problema e não sei o que, mas depois também tem que ver [P-11].
>
> Bom acho que também todo mundo fala, eu vou ficar sem camisinha que é melhor, porque é mais confortável e aí todo mundo fala assim, a primeira vez não precisa de camisinha porque vai ser mais agradável para você e para o seu parceiro, eu acho que a pessoa tem isso na cabeça, na hora também não ela não quer, e tipo assim na hora ela não quer parar o ato e ir lá pegar a camisinha e tal. Tem aquela coisa de confiar muito no parceiro também. E tipo assim ela acha que não vai engravidar, que o parceiro está só com você isso pode... E não é só a gravidez [P-22].

Além desses atores sugeriram também que o aumento nesse público pode ser porque cada dia iniciam a vida sexual mais precocemente e de uma forma despreparada, porque não recebem informações sobre o assunto.

> Eu acho que tipo assim que isso tudo é precoce, não que não seja uma boa, mas eles começam as coisas muito cedo e sem informação, porque tipo assim, eu tenho certeza que os meninos do primeiro ano agora não tem a preocupação que a gente tem porque dá para ver que tipo eles são muito fechados, quando chega nessa idade tipo assim apesar da minha mãe conversar comigo, eu acho que a gente não está preparada, eu acho que é isso, a gente é muito fechado, tinha que ter mais conversa[P-26].
>
> Isso que ela colocou eu acho que é um ponto muito forte também o que é introdução dos jovens no mundo sexual tem sido cada vez mais precoce, as pessoas têm transado cada vez mais cedo na sua vida e talvez falta um pouco de maturidade talvez por isso assim isso esteja bastante em alta [P-27].

Em um momento, houve discordância de opiniões quando um estudante atribuiu o aumento das IST/HIV à homossexualidade, reforçando que o surgimento da AIDS estava relacionado a práticas homossexuais, que até hoje o público homossexual não possui o hábito de se prevenir, e muitas vezes possui relação com vários parceiros de vários gêneros facilitando a contaminação entre eles.

> É, a homossexualidade foi o que levou ao ápice da coisa, desde quando foi a AIDS ela foi praticamente toda disseminada por homossexuais porque eles não se preveniam e até hoje a maioria não se previne, fazem as coisas de forma muito torta e além da AIDS eles transmitem outras doenças, a pessoa que é homossexual às vezes tem uma mulher só que comete o ato sexual com outra pessoa, pega dessa pessoa e passa para a mulher dele[P-07].

Nesse momento, outro estudante apresentou que a homossexualidade não pode ser o único motivo a ser considerado como fator para o aumento das IST/HIV, outros fatores precisam ser considerados como a falta de consciência, falta de informação, adoção de comportamento sexual desprotegido em qualquer tipo de relação.

> Eu acho até que a mulher dele sabe também, eu acho que não pode girar tudo em torno da homossexualidade, falta de prevenção mesmo porque quantos casais héteros que vão para o primeiro ato sem se prevenir, eu acho que é uma questão de consciência. Eu acho que seria uma questão de consciência e de informação, de você estar ciente de que aquilo ali pode acarretar consequências para sua vida, eu acho que está ligado a isso. Eu acho que tem "N" fatores interligados, a falta de informação mesmo é uma delas, se eu conheço a pessoa hoje, não sei o histórico

> dela e já vou ter uma relação com ela sem me prevenir, eu acho que são vários fatores interligados mesmo [P-03].

Em relação às atitudes que consideram necessárias para se prevenir de IST/HIV, a atitude mais indicada foi o uso de camisinha. Sugeriram também que é preciso ter abertura para diálogo com o parceiro, procurar não relacionar com pessoas desconhecidas, a realização de exames para verificar o estado de saúde.

> E questão de você mesmo ter, e não saber, a pessoa não fazer exame, eu não sei depois, é correto a pessoa que tem relações sexuais fazer o exame, e é correto sim, você ir lá, fazer exame, saber se você tem alguma coisa.
>
> Tem muita gente que vai fazer exame, e tem gente que: "Eu não vou fazer exame", por exemplo, eu já fiquei sabendo de um caso que a pessoa não tinha sintoma nenhum, foi descobrir já tinha os seus 40 anos diz que já tinha sido, não tinha manifestado nenhum sintoma. [P-11]
>
> Diálogo e principalmente, cuidado, você não sair se relacionando sexualmente ou qualquer tipo de relação com qualquer pessoa, sem conhecer a pessoa. Você tem que estabelecer uma certa relação com a pessoa, uma ligação com a pessoa, porque você não conhece a pessoa, você não sabe com quem ela já, se ela tem ou não, você não sabe com quem ela já se relacionou, qual o tipo de pessoa que ela é. Então você tem que tomar bastante cuidado com essa questão de comportamento, com quem você se relaciona. [P-16]
>
> Acho que é mais diálogo mesmo, cuidado, questão de você conhecer a pessoa primeiro, saber se ela tem ou não uma doença. Porque não é uma coisa simples, uma DST não se trata da noite pro dia, é um processo muito longo até se curar e tem gente que nem se cura, mas acho que é mais cuidado mesmo [P-17].
>
> Está exposto pra todo mundo, uso da camisinha e do preservativo, pra mim é isso. Também conversar com o parceiro também, tem gente que não gosta de usar o preservativo, mas certas doenças não estão sinalizadas, mas primeiro você tem que convencer o parceiro a utilizar também, que vai ser bom pros dois, pras duas pessoas. E é isso, utilização da camisinha, eu acho[P-20]
>
> Basicamente a, como várias campanhas falam, a questão, na hora do sexo, uso de camisinha. Sempre procurar médico. Por exemplo, nas mulheres essa questão sexual é muito mais, tem que ter o acompanhamento com ginecologista, ciclo menstrual, mas acho que é a conscientização e uso da camisinha, do preservativo [P-21]
>
> Bom eu acho que o principal é a camisinha, é a primeira coisa que a gente que tipo assim, a gente tem mais acesso barato assim, sim que é mais em conta [P-22]
>
> Eu acho que o mais importante mesmo é a camisinha para prevenir gravidez também, tipo ter uma boa relação de conversar com o seu parceiro também para você saber com quem está se relacionando[P-23]

Para muitos adolescentes do IFMG-SJE, o aumento das IST no público adolescente seria por vários motivos: crença que esse público possui de que não poderiam ser acometidos por essas infeções; comportamento impulsivo inerente a essa fase da vida; aumento de uso drogas lícitas e ilícitas por esse público e o não uso de preservativos durante as relações sexuais. Os motivos apresentados por esses estudantes estão de acordo com publicações do Estudo I dos autores Dias et al. (2010), Freitas et al. (2010) e Gubert (2010).

Os estudantes do IFMG-SJE também apresentaram a crença de que, atualmente, os adolescentes talvez não demonstrem tanto medo em contrair uma IST por causa da disponibilidade de tratamento para a maioria dessas infecções. Essa afirmação corrobora com Miranda (2018). Esse comportamento despreocupado em relação às IST não está adequado; vários autores apontam a importância da adoção de comportamentos preventivos para IST:

OPAS (2019), Brasil (2013), Brasil (2008).

A adoção de comportamentos preventivos para IST justifica-se, porque de acordo com a OPAS (2019), apesar da maioria das IST serem tratáveis, recentemente, alguns fatores relacionados aos medicamentos disponíveis para tratar algumas dessas doenças dificultaram a terapêutica das mesmas. Como foi o caso do antibiótico para tratar sífilis, que devido à escassez do medicamento, o tratamento da doença tornou-se mais difícil e também houve um aumento da resistência microbiana ao tratamento para gonorreia, tornando o tratamento ineficaz para essa doença.

Em relação à crença apresentada por um estudante de que o aumento do número de casos de IST entre os adolescentes seria em decorrência da homossexualidade, porque para ele os homossexuais não possuem o hábito de se prevenir e relacionam-se com vários parceiros, pode-se inferir que, talvez, seja oriunda da divulgação da pesquisa "A infecção pelo HIV entre homens que fazem sexo com homens no Brasil: registro de dois estudos ocorridos em 2009 e 2016*"*. A sua divulgação na mídia pode ter favorecido esse entendimento pelo adolescente.

Os dados apresentados nessa pesquisa apontam um aumento de HIV entre os homossexuais; os resultados indicam a prevalência da infecção pelo HIV entre os homossexuais de 12,1%, quando comparada com a população geral, a prevalência é aproximadamente 20 vezes maior. Muitos fatores foram apontados para esse aumento como: redução das medidas preventivas voltadas para esse público; início precoce das atividades sexuais; aumento do número de parceiros sexuais e da busca de parceiros; percepção desse grupo de que possuem pouca chance de se infectar pelo HIV; aumento do preconceito e discriminação contra homossexuais; a redução do uso do preservativo, sendo que a diminuição do uso de preservativo tem sido observada em todas as populações, nas heterossexuais e homossexuais (KERR ,2018).

O fato de ocorrer um aumento na prevalência de HIV entre os homossexuais, não indica que o aumento das IST seja em decorrência unicamente desse grupo, há outros fatores que favorecem o aumento das IST como apontado por Miranda (2018), OPAS (2019), Brasil (2013). Conforme apresentado por Kerr (2018), tem ocorrido também uma diminuição de campanhas de conscientização voltadas para os homossexuais, fato que pode favorecer esse grupo à exposição de vários fatores de risco e um aumento de preconceito e discriminação.

6.3.6 O que os estudantes do IFMG-SJE entendem por comportamento sexual e habilidade de comunicação

> *"Tipo assim no nosso primeiro ano que a gente disse que a professora falou sobre educação sexual, ela falou muito sobre isso, ela falou uma questão que tipo assim... Ela falava que a gente deveria se amar antes de amar alguém. É, se ame antes de amar alguém, será que o seu amor vale mais a pena do que tipo a sua vida"*
>
> *P 27*

Quanto às atitudes que os estudantes consideram efetivas para desenvolver a habilidade de comunicação, recusa e negociação no relacionamento, consideram necessário o diálogo entre o casal. É importante negociar com o parceiro e entender a sua vontade; antes de amar alguém deveria se amar antes.

> Tipo em questão de você, o que você tem que fazer para tentar entender a pessoa, o seu lado e o lado da pessoa, não somente o seu, tem que ser no geral, a interação. Entender o próximo. Você se preocupar com o outro. Ter empatia. Entender a parte

> do outro, não olhar só para si mesmo, entender como que é a questão das outras pessoas, porque se eu for olhar só a minha parte está maravilha, para mim está bom, mas para outra pessoa se eu estou tendo alguma coisa não está bom[P-11]
>
> Diálogo, não tem jeito. É meio que... Não é convencer, mas é literalmente. Negociar. Você colocar na cabeça das pessoas que nem sempre que ela quer, que ela tem vontade de fazer alguma coisa que ela pode fazer aquela coisa. É realmente negociação, você tem que conversar, por exemplo, na hora do sexo, às vezes eu quero fazer alguma coisa durante o sexo que o meu parceiro ou minha parceira não se sente tão a vontade pra fazer. Então fala: "Eu quero fazer, você se sente a vontade? Tem vontade de fazer a coisa". É realmente sabendo negociar e conversar É, se a outra pessoa não quer, paciência, cada um tem seu tempo e cada um tem seus limites né? Então tem que saber. [P-16]
>
> Diálogo né. É respeito também né. Acho que tem muito diálogo, é conversar mesmo.
>
> Não tem muito assim fazer, porque você não pode forçar uma pessoa a fazer o que você não quer, você também não pode forçar a pessoa a seguir um padrão. Você tem que usar a camisinha sempre, você não pode forçar a pessoa a fazer isso, é convencer ela de que isso é o certo, de que tem que usar, de que é necessário, mas não a ponto de chegar a ser agressivo, mesmo no diálogo. Conversar com a pessoa até fazer ela entender que isso é o certo.[P-17]
>
> Acho que tem que conversar mesmo. Se depois de conversar a pessoa não quiser mudar, por exemplo, se eu quero só ter relação com camisinha e a pessoa não quer, não adianta brigar, segue o baile. [P-18]
>
> Eu acho que conhecer o parceiro, trabalha, tipo assim, o diálogo é fundamental, mas se a pessoa já tem aquele conhecimento, procurar antes do momento da relação mesmo, procurar conhecer o parceiro e tal. É, tipo assim, para se inteirar né, dessas questões, o que ele espera, quais são os anseios dele e depois ver se tem alguma coisa em comum ou, e se for o caso de acontecer alguma coisa, pedir explicação mesmo, ver o que ela espera do outro naquela hora em relação a isso. Acho que é isso mesmo. [P-19]
>
> Mostrar que... Primeiro é a questão da transparência, que não é algo imposto, que algo está em modelagem ainda, que nada é muito fixo e não tem caráter autoritário. Porque quando você começa sofrer pressão de algo e você começa a perceber que algo está sendo imposto a você, basicamente você se sente já, ao invés de você compartilhar você vai se defender, então diálogo não é uma defesa e uma imposição ao mesmo tempo. O diálogo tem que ser mais aberto, você tem que sentir como se alguém tivesse te perguntando algo, que não tem nada decidido, é no final do diálogo que você chega ao final [P-21].
>
> Tipo assim no nosso primeiro ano que a gente disse que a professora falou sobre educação sexual, ela falou muito sobre isso, ela falou uma questão que tipo assim...
>
> Ela falava que a gente deveria se amar antes de amar alguém. É, se ame antes de amar alguém, será que o seu amor vale mais a pena do que tipo a sua vida, a sua saúde, então assim igual eu acho que a principal ferramenta é o diálogo e a união mesmo, ela falava para a gente tipo assim, vamos tirar um dia junto nós dois para fazer exame de DST, vamos ver se a gente está doente, se a gente estiver vamos se tratar, para não ficar aquela relação daquela coisa tipo assim de desconfiança, de talvez o parceiro ficar com outra pessoa e transmitir uma doença para você entendeu, vamos fazer um exame? Vamos junto, ou vai tal o dia e eu vou tal dia para ver se a comunicação melhora entre os casais [P-27].

Apresentaram que, muitas vezes, acontece pressão do parceiro para que aconteça uma relação sexual com o intuito de provar que o ama. Mas sugeriram que, em um relacionamento, nenhum parceiro necessita fazer nada que não queira para provar amor ao parceiro, que esse tipo de atitude não prova o sentimento que a pessoa possui em relação ao outro. A relação sexual deve acontecer quando os dois aceitarem que ela aconteça, a vontade do parceiro deve ser respeitada.

> Mas tem que avisar, se você confia em mim, você vai fazer comigo Eu acho que é a questão do parceiro e da mulher mesmo tipo assim, quando se gostam não tem aquela coisa de provar, prova que me ama, vamos ficar, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu vou dar o meu exemplo, eu namoro há um ano e um mês, a gente nunca fez nada, tipo assim eu sou virgem e ele não é, mas tudo bem, mas a gente já conversou sobre isso, ele sempre me respeitou, nunca quis fazer nada de mais comigo, e acho que tipo assim, isso também é conversa, é quando a pessoa perceber que está preparada mesmo, não é isso de eu vou porque o parceiro quer isso, se eu não for ele vai me largar, não tem nada a ver uma coisa com a outra, se ele gosta ele vai esperar ele vai te respeitar. Sei lá ele pode querer seguir rápido demais e atrapalhar o andamento então assim. Exatamente, é a conversa, o respeito em primeiro lugar.

Em relação ao que consideram como sendo comportamento sexual, todos apresentaram dúvidas e dificuldade em explicar o que é comportamento sexual, mas para alguns está relacionado a qualquer reação com outro, seja através da conversa ou do ato sexual, todo comportamento que envolve afetividade sexual. Sugeriram que está muito relacionado à cultura da pessoa, que ele pode variar de acordo com localidade e família.

> Tipo assim, eu achei essa aqui a mais complicada, porque a minha visão de comportamento sexual é qualquer reação, qualquer, tipo assim, seja com conversa, seja com um ato, que envolva essa questão de afetividade sexual. Então pode ser tanto o ato em si, mas, vamos dizer assim, as preliminares que a gente fala, de conversar e tal, sobre essas questões. Eu entendo assim [P-19].
> É difícil. Acho que concordo com ele, são essas coisas, comportamentos, preliminares[P-18].
>
> Então acho que a forma aqui é de uma pessoa como ela se comporta diante de ações relacionadas a sexo e sua responsabilidade[P-23].
>
> Eu acho que influencia o meio da pessoa e vai fazer com que cresça aquilo dentro dela, que ela deseje, que tenha aquela vontade de fazer algo específico sabe[P-24].
>
> Eu acho que isso envolve várias questões, tipo assim questões psicológicas, questões sociais, questões sabe de preferências mesmo [P-27]
>
> Eu acho que o comportamento sexual está muito ligado naquela parte que a gente falou da família sabe, por exemplo, se os pais falam sobre ou não, se a pessoa aprender em casa ou na rua. Por exemplo, na índia na África as mulheres casam e tem as crianças muito cedo. Pra gente não é normal, mas pra eles é [P-29].

Discutiram também sobre alguns comportamentos de risco adotados pelo público adolescente. Como o de não usar camisinha na relação sexual, porque é mais prazeroso, mas esse tipo de comportamento torna essa pessoa vulnerável ao risco de ser acometido por várias doenças e gravidez não planejada. Argumentaram que o jovem, atualmente, tem tido relacionamentos mais casuais, relaciona-se com pessoa sem conhecê-la, considerando mais importante o número de parceiros com quem terão relações sexuais; para eles o "famoso pente e rala".

> Uma coisa que eu penso é que esse comportamento sexual ele pode afetar até uma relação e até às vezes essa questão das doenças que a gente estava falando porque, por exemplo, igual a gente foi tocar no assunto de fazer sem camisinha porque é mais gostoso, às vezes a pessoa tem esse tipo de comportamento sexual e ela quer levar isso para a relação dela, olha como isso é um perigo, isso pode acarretar em gravidez indesejada, vários tipos de doença, então assim esse assunto tem que ser mais abordado mesmo do comportamento sexual. Pode ser também algo já cultural também. [P-27]
>
> E a gente tem muito também situação de que o jovem de hoje em dia ele não quer essa questão de relacionamento, ele quer muito a coisa casual. Mandou mensagem foi ...É, não sabe se a pessoa tem uma doença, não usa camisinha, é o famoso pente

> e rala É, acontece todo aquilo aí não sabe se contraiu alguma doença. Não sabe se ela se trata, acaba não usando camisinha, dá aqueles probleminhas, usa uma pílula, porque tem muito isso que a mulher não sabe os efeitos que tem fazer isso, porque estraga muito o organismo e acaba usando uma por semana, isso acaba com o organismo[P-25]
>
> Mas isso é questão de honra, se o cara chega e fala, nossa eu peguei cinco meninas, todo mundo fala, nossa você é muito foda. Mas deixa a mulher chegar e falar isso, nossa eu peguei cinco caras, já vai falar, que puta[P-26]
>
> E por essa falta de informação esse famoso pente e rala, às vezes o pessoal até se orgulha de fazer isso sabe, nossa não sei o quê, estou pegando geral, presta atenção, só esse mês eu já peguei cinco, mas tipo assim não sabe as vezes que a pessoa tem. Eu acho tipo os dois têm que repensar, eu conheço casos dos dois sexos que fazem isso,[P-25]

Muitos falaram de comportamentos de que viram em programas de televisão:

> Esse comportamento sexual mesmo, que nem o estupro, tipo tem homem que sente muito desejo em estuprar. Tem gente, estupro infantil principalmente. Têm bebês, eu já vi casos. Dá até nojo[P-26].
>
> Do que ele decidiu, tipo assim eles tinham um caso e ela sentia prazer, tinha algum cara que sentia prazer na mulher dormindo, só dormindo. A mulher tinha prazer no cara chorando, tipo assim a mulher estava no mercado e aí chegou um cara e ele ficou atrás dela e começou a assaltar ela, no meio o cara assaltando ela...
>
> No comportamento sexual, igual, por exemplo, a gente sabe que te sadomasoquismo, tem masoquismo, tem vários tipos de comportamentos sexuais que acham errado, diferente, mas isso se a pessoa define que dê para ela fazer, eu acho que influencia o meio da pessoa e vai fazer com que cresça aquilo dentro dela, que ela deseje, que tenha aquela vontade de fazer algo específico sabe[P-27].

Apesar da dificuldade apresentada pelos estudantes do IFMG-SJE em relação ao conceito de comportamento sexual, a informação apresentada por eles está de acordo com conceito apresentado pelo MS, de que o comportamento sexual depende da etapa de desenvolvimento de cada pessoa, e da interferência do contexto familiar e social. As transformações culturais contribuem para a incorporação de novos valores e atitudes em relação às questões da sexualidade, portando influenciam no comportamento dos adolescentes, ou seja o comportamento sexual do adolescente sofre influência de fatores econômicos, socioculturais, religiosos e psicológicos (BRASIL, 2008).

A dificuldade apresentada pelos estudantes do IFMG-SJE de que a maioria dos adolescentes não usa preservativo por possuírem a crença de que a prática sexual sem preservativo é mais prazerosa, foi evidenciada por Dias et al, (2010), Costa e Pacheco e Silva (2007), apresentados no Estudo I. Outro comportamento de risco citado foi a preferência de relacionamentos casuais adotado atualmente pelos adolescentes, esse tipo de comportamento também foi citado nos estudos de Freitas et al, (2010) apresentados no Estudo I.

Muitos comportamentos como voyeurismo, pedofilia, masoquismo, zoofilia, fetichismo entre outros citados pelos estudantes do IFMG-SJE, podem ser encontrados na publicação "Saúde sexual e saúde reprodutiva" do MS. Esses comportamentos são caracterizados como parafilias, que são fantasias ou práticas sexuais incomuns ou particulares, sendo difícil discernir o que pode ser considerado normal ou patológico em alguns tipos de parafilias (BRASIL, 2013).

6.3.7 Educação em sexualidade na Escola, entre Pares e na Família na visão dos Estudantes do IFMG-SJE

> "*Não é o ensino. É a vivência, a experiência mesmo. É a vivência com os colegas mesmo? Exato, porque a gente afasta dos pais, a gente afasta da cidade da gente."*
>
> *P19*

Em relação à educação em sexualidade no ambiente escolar, alguns estudantes do IFMG-SJE apresentaram sobre a dificuldade que as escolas encontram em incluir as discussões sobre sexualidade, porque para alguns pais abordar esse assunto seria uma tentativa de manipular os estudantes, favorecendo uma discordância com os valores passados por eles. Porém expressam que o papel da escola é simplesmente apresentação; ela deve apresentar as possibilidades a respeito do assunto, desmitificando mitos e paradigmas presentes na sociedade. Portanto essa apresentação não quer dizer que está impondo o que é certo ou errado, seria apenas uma exposição sobre o assunto, e que após uma reflexão individual, cada um escolhe o tipo de postura que irá adotar, sem que ocorra uma imposição dos pais ou professores como mostra a narrativa a seguir:

> Eu acredito que, atualmente, esse tipo de questão é atribuído como... Tem até um conceito, como é, militariação? Não é militariação, tipo, em tratar, o jeito que alguns veem esse tipo de educação na escola como uma tentativa de alienação, é uma tentativa de manipular os alunos a respeito, tipo assim, a se contrastar com os pais. Então muitos pais têm essa visão que pode levar a isso, de casa fica apresentando uma coisa, tipo manipulando, só porque eu estou apresentando o que é, o que deixa de ser, eu vou estar manipulando os filhos ou os alunos a seguirem a se adequarem nesse sentido. Só que tipo assim, educação é simplesmente apresentação, não tem a ver com esse medo de que isso é o certo. É tipo, eu apresento as vertentes e tal, aí a pessoa, individualmente, sem questão de pai, sem questão de professor escolhe o que ela vai seguir. É mais questão de apresentar o leque de possibilidades e apresentar a respeito de cada coisa, desmistificar a questão, quebrar mitos ou paradigmas, assim, enraizados na sociedade, numa coisa realmente verdadeira (P-19).

> [...] tem muitas pessoas o que é culturalmente ensinada para elas que aquilo é uma coisa que não é para estar falando assim e chega na aula lá só ouvir pessoas falando isso, a pessoa vai ficar constrangida é isso ela vai levar para casa e vai falar isso, vai causar um confronto entre pais, alunos e professores, é muito difícil tratar sobre esse assunto(P-28).

Outro estudante apontou sobre a visão que algumas pessoas possuem sobre a educação em sexualidade na escola. Para o estudante falar sobre esse assunto seria uma forma de diminuir a ocorrência de doenças, como é o caso das IST, que tem sido comum no país, justificando que se gasta muito mais com tratamento do que prevenção. Por isso para ele seria necessária uma mudança da percepção de algumas pessoas de que incluir assuntos como sexualidade no ambiente escolar seria fazer alusão à homossexualidade.

> Tipo assim e tem várias pessoas que julgam muito isso ter educação sexual na escola, poxa mais o problema com as doenças sexualmente transmissíveis é um problema até comum no país. Se você parar para pensar se gasta muito mais com saúde pública, então as pessoas tem que parar para pensar e serem mais racionais e parar de achar que livro na escola de educação sexual é coisa de gay (P-27).

Para alguns estudantes, a educação em sexualidade deve acontecer desde o ensino infantil com uma abordagem adequada para a idade. Ao trabalhar a sexualidade na escola, acaba sendo uma forma de prevenir a gravidez/aborto e violência sexual infantil, como

podemos perceber nas seguintes narrativas:

> Tem que ter uma cabeça, tem gente que acha que educação sexual na escola é falar de penetração como uma criança de 5 anos, não é isso. Não é isso. É na faixa etária adequada, se a criança tem cinco anos não adianta falar sobre isso com ele (P-22).
>
> Depende também, a pessoa é contra o aborto, a legalização do aborto, aí vamos ter Educação na escola para menina saber, vamos ensinar como é prevenir a gravidez? Não vamos. Vamos fazer o quê? Vamos excluir da sociedade, vamos apedrejar ela. Vão falar que é errado. Vamos falar errado, ninguém fala vamos procurar uma forma efetiva de ajudar, não vão, só sabem criticar. (P-25)
>
> Eu acho que isso serve principalmente para a educação sexual infantil, assim não ser tão explícito, mas já desde cedo. Desde cedo. Porque a gente já cresce sabendo (P-24).
>
> Eu estava conversando sobre um post que vi numa página quebrando o tabu, uma página que falava de uma menininha bem novinha que ela estava tendo uma aula de educação sexual, aí nisso ela perguntou para o professor, será certo o pai dela tocar nela. Aí nisto descobriram que o padrasto dela estava molestando ela. Entendeu, por isso que eu acho importante esse tipo de coisa. (P-26)

Na fala a seguir, um estudante relatou que poucas pessoas pedem por educação sexual. No entendimento do estudante, o professor, ao falar de assuntos relacionados à sexualidade, não deve apresentar a sua posição ética diante do assunto, que os assuntos abordados devem ser os relacionados à prevenção de doenças. Se alguém quiser aprofundar mais no assunto que tenha alguém para auxiliar essa pessoa.

> No caso aí sobre a questão do professor, posição ética em relação a sexualidade ai ai ai. Era pouca, era uma questão individual, a Sexualidade é muito individual e não é todo mundo que quer falar sobre isso. Ninguém pede por educação sexual, são poucas pessoas. Não tem uma demanda para falar sobre educação sexual, essas pessoas que quiserem ir atrás, e tiver alguém para ajudar seria legal. Só de prevenção sobre as doenças. E depois cada um decide o que vai fazer. .(P-07)

Apesar desse relato, os demais estudantes consideram necessária a abordagem da educação em sexualidade mais ampla. Para esses estudantes, esse tipo de abordagem deve acontecer dentro e fora da sala.

Em relação à metodologia usada para discussões sobre sexualidade no IFMG-SJE, os estudantes destacaram a realização de uma gincana que envolveu várias turmas como algo positivo, essa atividade conseguiu envolver muitos estudantes, eles manifestaram uma grande satisfação em participar, porque sentiram como protagonistas no desenvolvimentos das atividades. Porém acham que este tipo de metodologia poderia ser melhorada. Alguns sugeriram que talvez seria interessante proporcionar um momento para que cada grupo compartilhasse as atividades que foram feitas e um fechamento com todos os participantes abordando os temas trabalhados na gincana.

> Que nem essa coisa da gincana foi muito bom, mas só que no final não teve retorno sabe. Não teve continuidade. É não teve continuidade, não teve aquela coisa, a gente fez isso e mudou a visão das pessoas, a gente fez uma roda de conversa aconteceu isso, não teve esses momentos. (P-28)
>
> Na verdade o tema não foi explorado assim, era mais uma brincadeira.(P-07)
>
> Exclusivamente tipo assim do lado da competição também a gente passou nas alas da escola conscientizando com um "boletinho" falando sobre sobre DST's e a gente viu que é um tabu muito grande, muito grande mesmo. (P-07)
>
> E na minha família sempre a minha mãe, a minha tia sempre conversou isso comigo

> e com as minhas irmãs, só que sei lá não era muito legal, só que depois que a gente veio para cá teve a gincana no primeiro ano que foi uma gincana que teve um tema de sexualidade, então todo mundo estava juntos por essa causa, então campanha lá contra as DST's se fosse na minha outra escola não teria(P-28).
>
> Gente eu acho que uma conversa como essa, eu já tive muitas conversas tipo uma gincana que envolve um tema como esse, eu estava no ensino médio acho que amadurece muito, eu acho que desenvolve a gente, eu, a P-28 ...a gente foi numa rádio para falar sobre sexualidade, alunos tipo do ensino médio(P-27).
>
> Não, deixa eu falar dessa experiência, quando a gente foi, eu fui falar com os meus familiares que eu fui na rádio e tal falar sobre o assunto da gincana que era a Sexualidade, aí disseram, mas você falar, vai ter alguma pessoa com vocês lá? Não, vai ser a gente, os alunos fazendo essa campanha, aí quando eu falei aí todo mundo da família ligou o rádio na hora e foi escutando o que eu ia falar sobre o assunto [...] Tipo assim a gente chegou lá no programa assim e aí a gente começou a falar sobre o assunto com o apresentador. E aí no decorrer as pessoalmente iam ligando para a rádio perguntando coisas ou iam mandando mensagem para o pessoal da rádio e aí a gente ia respondendo. Eu gostei bastante dessa experiência. Nós fomos convidados para fazer que uma palestra na cidade depois disso(P-28).

Além dessa atividade, citaram também abordagem adotada pela professora de Biologia durante as aulas, que abria espaço para esse tipo de discussão, destacando o momento em que os estudantes tinham a possibilidade de expor suas dúvidas em uma folha em branco e entregar no final da aula, nas aulas seguintes esclarecia as dúvidas sem expor o estudante. Para os estudantes as aulas ministradas por essa professora foram esclarecedoras e se sentiam à vontade para falar.

> Principalmente no primeiro ano que a professora falava de uma forma muito clara para gente para não se envolver em caso de ninguém, e nada, ela mostrou que simplesmente são as doenças que mostrou alguns casos de pessoas famosas que contraíram essas doenças medo por medo e a partir desse medo a gente se previne porque ninguém quer passar por isso. (P-07)
>
> Igual, por exemplo, essa questão de largar a pergunta na mesa do professor, que foi uma didática que ela usou para trabalhar esse tema com a gente. Você ia deixando as perguntas e pelo menos uma vez por mês ela escolhia algumas perguntas para serem respondidas. (P-16).
>
> Aula de biologia quando a gente aprende corpo humano é muito básico, quando a gente aprende anatomia. Não tem muita coisa relacionada, a gente não tem um espaço para tirar dúvida dentro da sala de aula, a gente se sente constrangido dentro da própria sala, acho que é por isso que a gente não pergunta muito. E a gente ficava interessado no assunto, a gente percebia que a turma estava interessada e que a turma interagia bastante, mas justamente pelo fato de ela não deixar a gente fazer gracinha com a pergunta do outro. A gente consegue interagir mais com o professor quando ele dá essa liberdade pra gente de poder perguntar, sem ter vergonha, sem a turma caçoar da pergunta. A gente se sente mais a vontade de discutir sobre o assunto (P-17).

Em relação à forma de abordagem para trabalhar a sexualidade, alguns estudantes criticaram a adoção de uma postura heterosexista adotada por alguns professores como pode ser percebido nos relatos a seguir:

> Bom esse preconceito tipo assim em relação a LGBT ou alguma coisa do tipo? Esse preconceito sobre a questão LGBT eu acho que tipo assim como ele mesmo comentou, quando o professor vai a sala ele fala mais sobre homem e mulher, não trata do assunto sobre homem com homem, mulher com mulher. Um exemplo assim, quando está lá numa relação sexual a mulher e o homem, ele não fala sobre como é que deve fazer o homossexual e a mulher lésbica como casal, então assim eu acho

> que deve abordar mais esse tema, tipo agora todas as pessoas como desde o casal homem e mulher, o casal mulher com mulher e homem com homem que acaba se tornando preconceito, tipo assim como fala, que não está aceitando a pessoa, que você não quer estar falando sobre o assunto, aí parece que quando você não aborda todos os temas está excluindo algumas pessoas, eu acho que tem que tratar de todos. (P-22)
>
> Realmente a gente nunca teve uma aula que foi abordado um assunto como funciona o sexo entre pessoas do mesmo sexo e é realmente ruim porque já se contraem muitas doenças entre o casal hétero o que é o mais abordado, então imagina o que não é abordado (P-25)
>
> Eu acho que é isso, e sobre a questão da educação sexual de LGBT tipo eu acho que fica meio perdido, não sei porque tipo igual quando a gente teve uma aula de educação sexual é porque a gente abordou primeiro esse assunto, acho que foi até alguém. Foi nessa sala aqui? Foi nessa sala, inclusive alguém perguntou, não sei quem perguntou, e lésbica professora, como que se previne, então assim eu acho que é uma questão que tem que ser melhor trabalhada com os professores também até para eles não acabarem cometendo um tipo de preconceito. (P-27)

Para abordar a sexualidade dentro da sala de aula, houve apontamentos dos estudantes que preferem que esse tipo de discussão aconteça em grupos menores. Poderia acontecer também uma mobilização dos professores para abordar o assunto; para tal eles poderiam destinar um dia ou uma hora para trabalhar esse assunto em sala de aula. Sugeriram ainda que profissionais da saúde participassem dessas discussões. Essas discussões não deveriam acontecer de forma expositiva como de uma aula, e sim de forma dinâmica que permita um diálogo em que todos possam se posicionar sobre o assunto, como é apontado a seguir:

> Juntar todos os professores e marcar um momento no pátio, com todo mundo, pra responder essas perguntas. Se alguém quiser se pronunciar na hora também, acho que seria uma forma interessante, porque atenderia todos ao mesmo tempo. Não precisa ser aquela coisa formal. Você está muito acostumado naquele quadrado, tipo, eu estou escutando você e você está falando (P-16).
>
> Sim, é bom porque todo mundo participa da conversa, se tem uma pessoa só falando lá na frente ninguém presta atenção, se é uma palestra. Ninguém quer vir para a aula. Eu acho que tinha que envolver todo mundo (P-22).
>
> Eu acho que deveria mobilizar todos os professores, juntassem todo mundo, vamos tirar uma hora, um dia e vamos lá, vamos fazer uma roda de conversa, vamos debater com os alunos. Vamos fazer uma aula diferente. Agora tipo assim, por exemplo, na sala acho que seria mais efetivo na turma do quê todo aluno de nutrição, por exemplo, lá no anfiteatro (P-24).
>
> Por isso que eu prefiro tipo entre turma, porque todo mundo tem liberdade com todo mundo. Tipo na nossa sala quando tem um clima assim todo mundo faz pergunta, todo mundo participa. Todo mundo interage (P-26).
>
> Podia até trazer profissionais de outras áreas como da psicologia, da área da saúde em geral, não só da psicologia para vir na sala de aula, pô vem cá vamos participar de uma roda de conversa com os alunos. Poderia ser uma coisa mais calma, algo que fosse mais direto, dinâmico (P-27).

Quanto à frequência que essas discussões aconteceram no IFMG-SJE dentro da sala de aula, os estudantes informaram que aconteceram poucas vezes e foram mais na 1ª série e em poucas disciplinas como Biologia e Sociologia. Os assuntos mais discutidos dentro da sala de aula foram: sexo/sexualidade e IST/HIV; anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva, comportamento sexual, e preconceito e intolerância, conforme demostrado na figura 6.

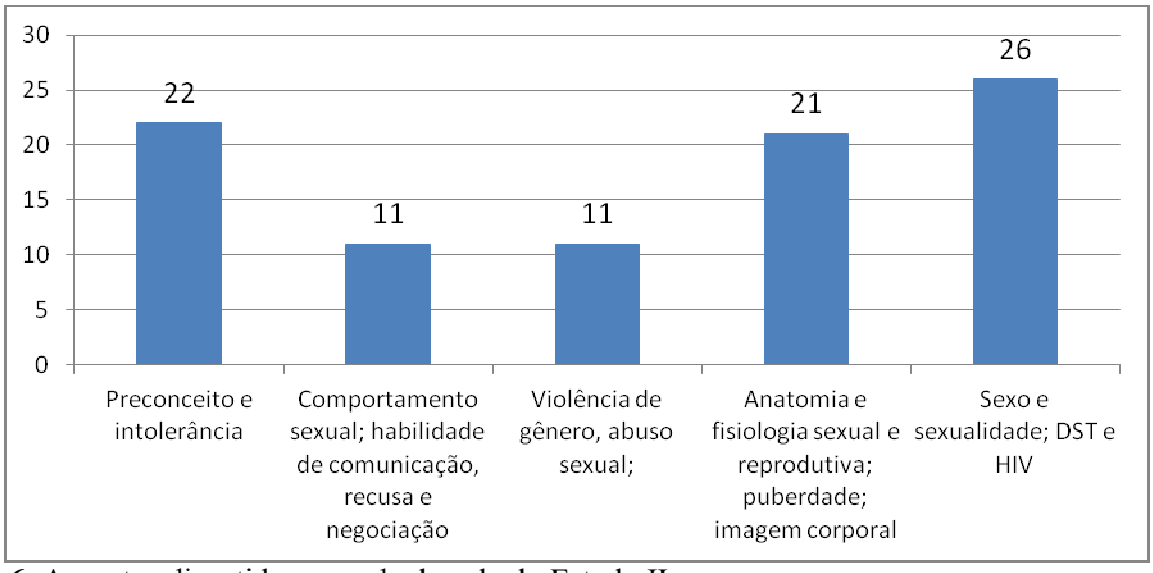

Figura 6: Assuntos discutidos em sala de aula do Estudo II
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes que participaram das rodas de conversa

Os assuntos que foram mais sugeridos para que fossem discutidos no ambiente escolar em relação à sexualidade foram: preconceito e intolerância, violência de gênero/abuso sexual; sexo/sexualidade e IST/HIV conforme é apresentado na figura 7.

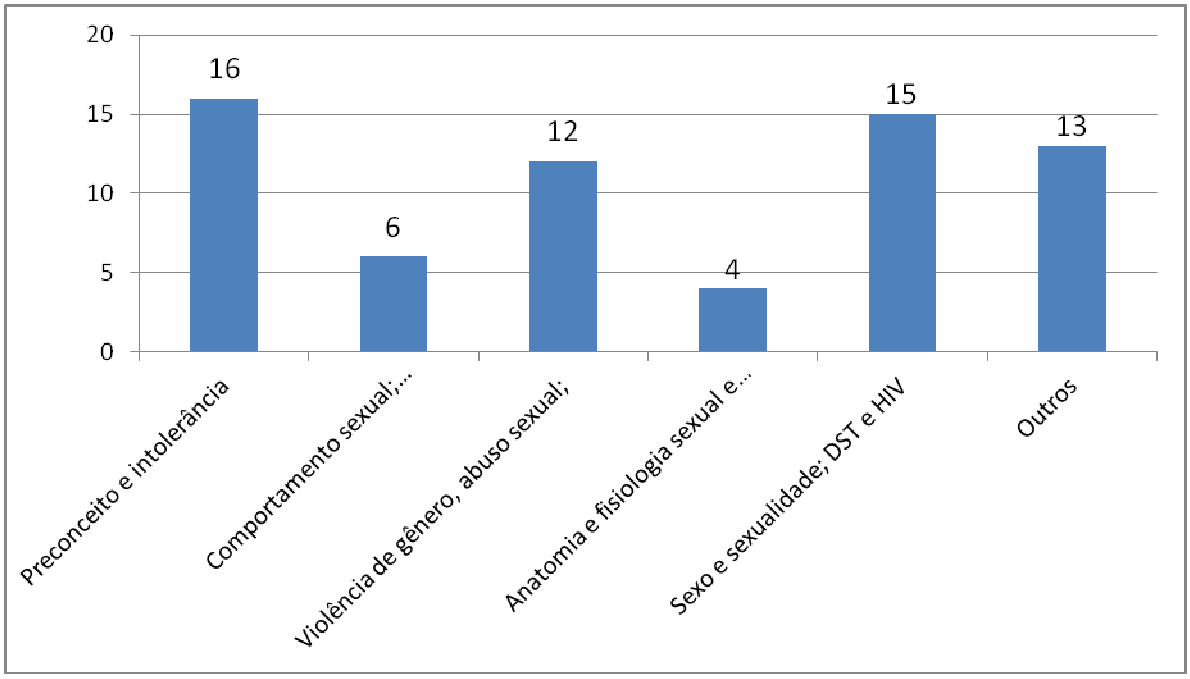

Figura 7: Sugestão de assuntos para trabalhar na escola do Estudo II
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes que participaram das rodas de conversa

Em relação à inclusão de discussões sobre gênero, citaram que ainda não foi incorporado esse tipo de discussão na instituição, que talvez a ausência dessa discussão seria por causa da polêmica que permeia esse assunto que faz com que não ocorram discussões desse assunto na escola.

> [...]A gente não vê isso. Apesar de alguns professores terem as pautas em relação à questão sexual, a questão de gênero ainda não é debatida. Esse tipo de coisa não é

> debatida, até por ser muito polêmico, por ser uma instituição pública, então é muito complicado para você trabalhar. Igual, por exemplo, vamos dizer assim...tem uma questão de lado, você tem que entender um lado para discutir essa coisa, acaba que a pessoa não quer fazer isso, porque é enfrentar uma turma(P-19).

Em relação à frequência com que ocorreram discussões relacionadas à sexualidade fora da sala de aula no IFMG-SJE, os estudantes citaram que essas atividades aconteceram com pouca frequência, geralmente aconteceram em palestras, porém poucos citaram que participaram dessas atividades. Os assuntos que foram mais discutidos foram: sexo/sexualidade e IST/HIV; violência de gênero/abuso sexual e preconceito e intolerância conforme demonstrado na figura 8.

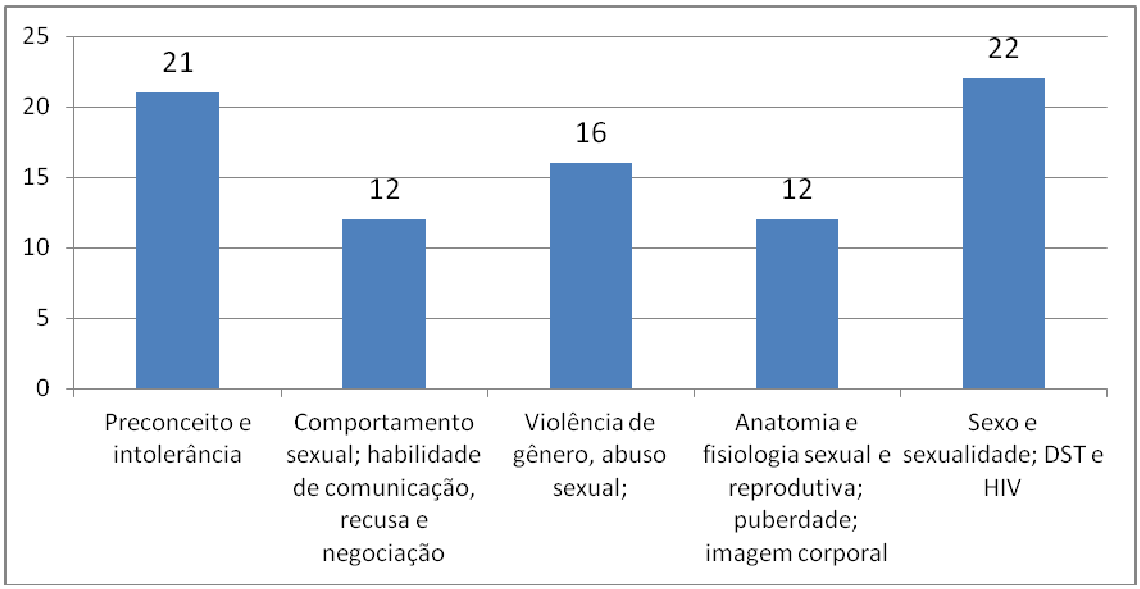

Figura 8: Assuntos discutidos fora da sala de aula do Estudo II
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes que participaram das rodas de conversa

Sugeriram que a frequência dessas discussões que acontecem fora da sala de aula fosse realizada com mais frequência. Para que abordagens como palestras conseguissem mais participantes, alguns consideraram que seria necessário exigir a presença dos estudantes pelos professores tendo em vista que muitos relatam que faltam à aula quando acontece essas atividades, como mostram as falas seguir:

> Sim, é bom porque todo mundo participa da conversa, se tem uma pessoa só falando lá na frente ninguém presta atenção, se é uma palestra. Ninguém quer vir para a aula. Eu acho que tinha que envolver todo mundo.
>
> É muito difícil porque o jovem agora vai muito por influência, vai muito porque quer ganhar alguma coisa. O jovem vai na palestra porque vai ganhar ponto .
>
> Na escola também poderia ser palestras mais obrigatórias com todos os alunos assim porque já que não é abordado em sala de aula, pode ser abordado. É porque tem recurso aqui para poder fazer palestras.

Para alguns estudantes, a palestra é uma forma de trabalhar o assunto, já para outros essa metodologia é considerada como uma forma chata e muito expositiva diminuindo o interesse dos participantes no assunto, portanto preferem uma metodologia mais dinâmica e recreativa:

> O ano passado eles fizeram uma palestra lá no teatro que teve negócio de droga, de álcool, e também teve de aborto, teve até com o conselho tutelar. Foi legal, foi muito

> bom sabe porque apresentar três temas diferentes, mas foi bastante legal, a gente aprendeu, foram mostrando as pessoas que acontece realmente e falando para as pessoas ajudar. É isso.
>
> Eu acho que poderia apelar pelo lado do recreativo, eu acho que isso de palestra é uma coisa muito chata
>
> [...]Mas se for numa palestra fica todo mundo no celular e ninguém presta atenção.

Apontaram também como metodologia para trabalhar o assunto: a dança e teatro:

> Eu acho que ali a escola tem uma diversidade cultural, é menos diversidade cultural, muitas regiões é algo complicado, mas tem pouco ciclo, e expressão de dança, teatro, são coisas também que impactam bastante.

Quanto à educação em sexualidade ofertada pelos pais, estudantes relataram que não conversavam com os pais sobre sexualidade, porém após o ingresso no IFMG-SJE, pela convivência proporcionada com os colegas e por presenciarem outras realidades, ao voltar para casa conseguiram transmitir outro olhar sobre vários assuntos em muitos posicionamentos dos pais, como por exemplo, em relação aos homossexuais e gênero. Após o diálogo com os pais, muitos estudantes perceberam mudança de pensamento dos pais em relação ao assunto abordado. Como podemos perceber nos relatos a seguir:

> Antes de vir pra cá eu tinha uma mente muito fechada em relação a muitas dessas coisas, mas eu fico feliz em saber que eu chego em casa e eu já ajudei os meus pais a abrir a mente, entendeu? Muitas das coisas que eu falo pra eles não é tão absurdo, porque eles tentam compreender o meu lado. Então da mesma forma, existem os dois lados da moeda, então eu fico feliz de saber que eu pude contribuir de alguma forma dentro de casa, talvez de um lugar que eu cresci e conheci essa construção machista, eu posso ajudar a desconstruir. Contribui, que nem eu falei é minoria? É, mas é bom você saber que você pode contribuir de alguma forma. (P-08)
>
> A minha mãe particularmente percebeu muito e eu consegui mudar conceitos que a minha mãe tinha na cabeça dela, de coisa antiga. Eu consegui mudar conceitos do meu pai, porque eles aprenderam de uma forma, na forma que os meus avós ensinaram, que tem que ser assim, que foi assim que Deus criou e é assim que tem que ser. E eu consegui mudar algumas coisas dos meus pais depois que aprendi as coisas aqui na escola. Questão de gênero mesmo, questão da mulher se igualar ao homem. Minha mãe tinha um pensamento de que ela tinha que ir pra cozinha, ela tem que lavar a louça e que meu padrasto tem que trabalhar. E eu convenci minha mãe de que não é assim que as coisas funcionam, que tanto ele quanto ela podiam ajudar em casa, que os dois podiam trabalhar da mesma forma. Minha mãe sempre trabalhou fora, mas depois que ela conheceu meu padrasto ela se dedicou mais a casa, ela esqueceu dela. Aí ela vivia pro meu padrasto, então com diálogo, com as coisas que eu aprendi aqui na escola eu consegui convencer minha mãe de que não tem que ser assim. Mudou muito. Meu pai tinha uma cabeça super fechada, superhomofóbico. Eu consegui mudar meu pai muito. Meu pai agora aceita muito assim, não aceita, mas agora ele respeita de uma forma que ele não respeitava antes. Ele consegue conversar com os homossexuais agora sem problema nenhuma, coisa que ele não conseguia fazer antes (P-17).
>
> É porque tipo eu acho assim, é igual a questão familiar, por exemplo, às vezes a pessoa tem uma família mais fechada que não vai falar sobre, ela vem para a escola e acaba na maioria das vezes, por exemplo, ela mora sozinha, mora numa república, ela vai conhecer mais esse mundo, então tipo assim ela vai meio que aprender sabe, eu acho uma forma mais difícil (P-16).
>
> Eu acho que todo mundo já falou, mas tipo assim a maioria dos colegas a gente vê que é um pouco intolerante assim que isso vem de casa mesmo sabe. Eu quando sai de casa não era muito intolerante não, mas a minha mãe mesmo, meu pai tipo eles não gostavam e nem falavam, tipo depois que eu vim para cá e voltei para casa e

> comecei a conversar com eles sabe, agora tipo ele tem opinião diferente, não é igual antes mais(P-30).

Alguns estudantes referem que, no ambiente familiar, a vivência do adolescente é limitada aos ensinamentos culturalmente aceitos para essa família. Quando os pais não expõem para os filhos a diversidade de culturas, raças e orientações sexuais presentes na sociedade, favorecem a ocorrência do preconceito e discriminação. Esse fato poderá acontecer porque quando esse filho (a) se depara com realidades distintas da que foi vivida nesse ambiente, poderá entender que o que é diferente é errado, é inadequado, assim como apontado a seguir:

> O principal caso do preconceito no meu ver é, quando você está em família é todo mundo igual, os seus pais fazem você ser igual a eles, quando você chega no ambiente escolar, o seu pai virou e falou assim: "Você é desse e desse jeito", aí você chega aqui há diferentes formas de pessoas com diferentes opiniões. Aí você vira e fala assim: "Mas, eu sou desse jeito, o outro não pode ser diferente de mim não". Aí já começa o preconceito, eu acho que as famílias, os pais tem que dizer isso, você tem que saber o que você, tipo, de qual grupo que você participa, mas você tem que saber do outro. (P-11)

> É aquela questão que o que é estranho dá medo, o que ele não conhece(P-12).

Alguns estudantes apontaram ainda que alguns pais têm a percepção de que a escola influencia na orientação sexual do filho:

> Já teve gente que teve que ir embora porque o pai descobriu... que a pessoa mudou a opção sexual dele, descobriu, a partir do momento que chegou aqui na escola. E o pai meio que condenou e tirou a pessoa daqui. Achou que o problema era ter vindo pra cá, as “Más influências”, né, como muitas vezes os pais dizem. E esse tipo de intolerância é muito comum e ridículo(P-16).

> Então muita gente veio pra cá e se descobriu aqui. Então pro pai associar a isso é muito difícil. Na maioria das vezes o pai acha que a culpa é realmente da escola, que foi a escola que influenciou. A gente teve até um caso aqui, no ano passado, eu trabalhei na reunião de pais e tinha um monte de cartazes sobre igualdade de gênero, sobre LGBTfobia, espalhados pela escola. Um pai chegou pro diretor e pediu o diretor para tirar todos os cartazes, porque os cartazes estavam influenciando a filha dele a virar uma homossexual. No meio da reunião, na frente de todos os pais, sem ligar com quem estava ali dentro ou não, discutiu com a gente que estava trabalhando, que não tinha culpa de nada, por causa dos cartazes. Como se a culpa fosse da escola de influenciar a filha dele a mudar a opção sexual dela. (P-17)

O que foi mais evidenciado durante as rodas de conversas foi a convivência com os colegas. Para os estudantes do IFMG-SJE, essa conivência foi capaz de proporcionar uma mudança na percepção de vários assuntos que tinham antes do seu ingresso no IFMG-SJE, principalmente em relação à orientação sexual. A maioria apontou como positiva a convivência com pessoas de culturas diferentes, etnias diferentes, orientações sexuais diversas, como algo enriquecedor. Durante a permanência no IFMG-SJE, essa convivência foi capaz de mudar a percepção sobre várias crenças adquiridas anteriormente, além de proporcionar uma convivência respeitosa em relação à pessoas que pensam diferente, agem diferente.

> Não é o ensino. É a vivência, a experiência mesmo. É a vivência com os colegas mesmo? Exato, porque a gente afasta dos pais, a gente afasta da cidade da gente.

> A gente começa a conhecer o lugar, quando a gente conhece o lugar a gente começa esquecer muita coisa, tipo assim, muita coisa própria da cidade. A gente começa a agir como a gente realmente é por vontade própria. A gente se encontra, vamos dizer assim. Nisso, as convivências, a gente vai começando a se colocar mais no lugar do

> outro, começar a questionar mais coisas, então essa experiência que contribui o ensino em si não. E se pensar uma coisa, também entra burro mesmo. [...] Mas alguns, por exemplo, a gente chegou aqui a gente teve uma mudança de comportamento. Meu comportamento no 1º ano foi diferente do 2º. No 2º ano eu já me adaptei no lugar, já conheci, eu já comecei a me portar com os colegas mesmo, eu não era mais aquela pessoa moldada, eu já estava passando a fazer o que eu queria mesmo, literalmente. E a mudança de pensamento, como é que o pessoal da turma amadureceu mesmo esse processo. Porque, antes, vamos dizer assim, a gente sabia um do outro e tal, a gente sabia identificar quem era o que e tal, a gente tinha esses conceitos um do outro, essa rotulação, no 2º ano a gente passou a se conhecer mesmo. Então um sabia do outro e já se colocava no lugar do outro. Então hoje em dia, esse tipo de questão, o gênero em si não é problema nas turmas. Na nossa turma, não é problema. Todos estão abertos a conhecer e se colocam no lugar do outro, então o respeito virou assim, é uma coisa corriqueira na nossa turma. A gente construiu. (P-19)
>
> Então é uma cidade, tipo assim, grande, mas relativamente pequena. Então ela é pequena, então pessoas mais rurais, não tão evoluídas como o pessoal daqui. Então é algo que pela vivência e todo mundo com aquele pensamento pequeno de que homossexual não é coisa de Deus e tal, eu ficava igual eles falam né, dentro do armário mesmo, com aquele pensamento, com medo de sair e acontecer algo. E quando eu vim pra cá eu deparei com pessoas diferentes, pessoas que fugiam do estilo, do padrão de se vestir, de comportamento, pessoas do mesmo sexo se beijando e, antes, pra mim, mesmo sendo homossexual pra mim, assim: "Meu Deus do céu! E se mãe ver isso". Aquele pensamento totalmente de coisa de outro mundo? Foi quebrando tabu. Mas depois quando comecei a conviver com pessoas que eram iguais a mim, conviver com pessoas que... Eu falei assim: "Olha, eu sou muito parecido com esse menino. Nossa, a gente gosta das mesmas coisas", isso me ajudou a me assumir. Então foi troca de experiência aqui no instituto Federal, talvez não em outras escolas, nos permite isso, pelo fato de conhecer pessoas de diferentes lugares que vêm pra estudar aqui e também a cidade oferece isso pra gente. E experiências, um ajuda o outro. (P-21)
>
> [...] Cada um vem de uma região diferente, às vezes, com cultura diferente, de um jeito de falar diferente, então a pessoa que chega aqui, e ela quer se trancar naquele mundinho que ela vivia lá, melhor voltar pra traz porque não tem como, aqui é sociável, aqui você aprende aceitar a diferença, você aprende a conversar, aprende a discutir, você aprende a viver, seja da forma boa ou ruim, você acaba aprendendo. (P-09)
>
> E o IF, é assim, mas justamente porque você saiu de casa, você está longe dos seus pais, você conhece pessoas novas, você conhece pensamentos novos, você se descobre com essas pessoas novas (P-15)
>
> Essa convivência na diversidade né. [...] são pessoas muito diferentes, são costumes diferentes, pessoas diferentes, cidades diferentes, então o jeito de falar é diferente de cada um, de cada lugar para o outro. Então você vivendo essa diversidade você meio que enxerga que não era só aquele mundinho que você tinha, não é só aquele tipo de pensamento. Você abre sua cabeça, amplia seu leque de conhecimento mesmo. (P-16)
>
> [.....]eu mesma tive muita oportunidade de ir em congresso fora da escola, pra gente poder aprender mais. E toda vez que sai um aluno, mesmo que não sai a escola toda, que sai aluno para ir no congresso, que aprende alguma coisa lá e traz isso pra escola, isso muda a cabeça de muita gente. Ano passado mesmo a gente teve o encontro na -FENET (Federação dos Estudantes Nacional do Ensino Técnico), discutiu muita coisa de LGBT, de violência sexual, de violência contra a mulher. E a gente trouxe pra escola, a gente discutiu isso muito aqui na escola e a gente percebeu mudança nos alunos (P-17).

Várias crenças foram apresentadas pelos estudantes em relação à ES no ambiente

escolar como: a de que alguns pais possuem a crença de que a abordagem desse assunto na escola favoreceria uma discordância com os valores passados por eles; muitas pessoas entendem que a escola ao abordar esse assunto poderia manipular os estudantes; ao falar sobre esse assunto seria um incentivo à homossexualidade; que o enfoque das discussões deve ser pautado na prevenção de doenças e que existe uma dificuldade em incluir discussões sobre gênero nesse ambiente.

Várias dessas crenças estão de acordo com várias discussões que vêm acontecendo atualmente em relação à inclusão da ES no ambiente escolar como discussão de gênero e diversidade sexual conforme apontado por Figueiró (2006,2014), Altman (2013); Silva, e Brancaleoni e Oliveira (2019); Furlani (2011), Freire (2018). Para esses autores, a ES deve contemplar discussões sobre gênero e diversidade sexual no ambiente escolar.

Em relação à crença de que alguns pais possuem de que a abordagem da ES no ambiente escolar poderá favorecer a uma discordância com os valores passados por eles, também foi apontado por Nogueira,2010.

Quanto à crença de que a abordagem da ES deve ser pautada em um enfoque preventivo, talvez seja oriunda da prevalência da abordagem de assuntos como o de prevenção de IST, gravidez e reprodução humana na escola, como apontada por Furlani (2011), Savegnago e Arpini (2014), Nofhat (2014), Vieira e Matsukura (2017), Brasil (1998).

Apesar dessas crenças, os estudantes do IFMG-SJE entendem a importância da ES no ambiente escolar e consideram necessária a inclusão de assuntos como diversidade sexual e gênero. Alguns demonstraram o entendimento de que o papel da escola é de informar e promover discussões sobre o assunto com intuito de desmitificar mitos e paradigmas presentes na sociedade, para que, após essas discussões, cada um faça uma reflexão individual sobre o assunto.

Esse entendimento sobre o papel da escola mencionado por esses estudantes foi mencionado por Cajaiba (2013), Baumfeld (2012), Unesco (2010,2014), Brasil (1998), Aquino (1997), Maia e Ribeiro (2011). Para esses autores, a escola exerce é importante para trabalhar esse assunto. O papel da escola vai muito além da transmissão de informações, ela possui também a capacidade de promover discussões sobre o assunto para que os estudantes sejam capazes de refletir sobre suas decisões.

Alguns estudantes perceberam um posicionamento ético de um professor em sala de aula durante algumas discussões e apontaram esse posicionamento como inadequado. Esse tipo de situação foi elucidado por Costa (2001). Para o autor, muitas vezes, essa situação pode acontecer por falta de conhecimento científico sobre o assunto e por um despreparo do educador em evitar passar os seus valores durante as discussões promovidas dentro da sala de aula. Para evitar esse tipo de situação, dentre outras, Altman (2013), Figueiró (2014) citam sobre a importância da formação de professores para trabalhar esse assunto.

Os estudantes sugeriram várias metodologias para abordar ES no ambiente escolar, como: realização de gincanas; palestras; teatros; dança; discussões em grupos menores que diferem de uma aula dentro e fora da sala. Em relação à forma para realizá-las sugerem que aconteça de uma forma menos expositiva e formal, para que possam participar das discussões. Essas sugestões dos estudantes do IFMG-SJE estão de acordo com sugestão dos estudantes estudados por Reis (2009). Os assuntos sugeridos para serem trabalhados dentro e fora da sala de aula estão de acordo com assuntos sugeridos por Unesco (2010,2014), Furlani (2011), Figueiró (2014) e Altman (2013).

A convivência com os colegas e com a diversidade sexual, cultural, étnica, foi indicada como a que exerceu maior influência na mudança de várias crenças e atitudes após o ingresso no IFMG-SJE. Na adolescência, a identidade encontra-se em desenvolvimento e a convivência social do adolescente com a família, amigos e escola influencia na construção dessa identidade, conforme apontado por Santrock (2003), Caridade (1997), Gonçalves

(2008). Percebe-se que o ambiente em que esses adolescentes estão inseridos no IFMG-SJE tem influenciado no desenvolvimento da identidade, destacando-se os amigos e colegas.

Vários depoimentos citados no Estudo I sinalizaram que muitos adolescentes preferem conversar com os amigos sobre sexualidade. Porém, essa referência pode favorecer a transmissão de informações incorretas e influenciar no comportamento desses estudantes. Portanto, o mais adequado é que as informações sejam passadas por alguém capacitado, conforme aponta Camargo e Ferrari (2009) no Estudo I.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscamos investigar as crenças dos estudantes das terceiras séries dos cursos técnicos integrados do IFMG-SJE em relação à ES que receberam durante o tempo de formação nessa instituição. Buscou-se avaliar o tipo de ES que receberam, assim como identificar os temas de preferência desses estudantes em relação à ES. Além dessas questões, pretendia-se também realizar uma Revisão Integrativa da Literatura para conhecer melhor o aprendizado de estudantes sobre ES.

Ao realizar a Revisão Integrativa (Estudo I), percebeu-se que esse assunto tem sido muito explorado. Há várias publicações em relação ao tema, houve também uma preferência dos pesquisadores pela metodologia qualitativa e oficinas educativas como técnica para coleta de dados. Sendo que além dos pesquisadores utilizarem essa técnica para esse fim, ela foi utilizada também com o foco interventivo. Entre os profissionais interessados em pesquisar sobre o assunto, identificamos os profissionais da saúde como os que mais realizaram pesquisas com estudantes adolescentes. Os profissionais que mais atuaram nessas pesquisas foram enfermeiros, psicólogos e médicos; os enfermeiros foram os que mais conduziram estudos com esse público, o que reforça a abordagem biológica do tema.

Os assuntos mais explorados com os estudantes do Estudo I foram sobre IST/HIV/AIDS, gravidez durante a adolescência, métodos contraceptivos. Percebemos a inclusão de outros assuntos como homossexualidade, comportamento de risco, violência sexual, erotismo, pornografia e prostituição, aborto e gênero. O tipo de abordagem que mais prevaleceu nesse estudo foi abordagem biológico-higienista. As questões específicas relacionadas ao gênero e sexualidade foram pesquisadas por poucos autores.

Apesar de se perceber que alguns estudos incluíram discussões relacionadas ao gênero e diversidade sexual, entende-se que esses assuntos merecem destaque em pesquisas futuras, pois as questões relacionadas ao gênero e diversidade sexual têm sido foco de muitos estudos, e têm sido recomendada por vários autores para que sejam incorporados à ES, por isso considerou-se relevante explorar esse assunto com o público adolescente.

De acordo com a revisão da literatura, percebeu-se que a maioria das escolas brasileiras ainda não realiza uma ES institucionalizada. Nas escolas em que ocorrem algum tipo de ação em relação à ES, o foco dessas ações é o da abordagem biológico-higienista. Dentre os assuntos comtemplados nessa abordagem, encontram-se as IST, gravidez e métodos contraceptivos.Esses assuntos também foram os mais discutidos com os adolescentes do Estudo I. Como o foco da ES nas escolas tem se pautado preferencialmente nesses assuntos, os estudantes do Estudo I deveriam apresentar maior conhecimento sobre eles. Porém os dados apresentaram que o conhecimento desses estudantes ainda é insuficiente sobre esses assuntos.

No Estudo I e no Estudo II os estudantes referenciam os amigos e colegas como fonte de informações sobre sexualidade. Apesar dos pais terem sido apontados no Estudo I e no Estudo II, as informações que são dadas pelos pais ainda são superficiais e permeadas por tabus e crenças.

Percebeu-se que a ES tem encontrado fatores dificultadores para a sua implementação no ambiente escolar. Vários motivos foram apontados para que essa dificuldade aconteça como: falta de preparo, falta de material, dificuldade de trabalhar o assunto transversalmente, centralidade nas aulas de Ciências e Biologia. Percebeu-se a presença de alguns desses fatores no IFMG-SJE como a dificuldade da abordagem do assunto por professores de diversas áreas do conhecimento, falta de preparo para trabalhar o tema e centralidade das abordagens na área de Biologia.

O governo brasileiro até o momento adotou algumas medidas para incluir a ES no ambiente escolar como a criação dos PCN, do programa Brasil sem homofobia, a Capacitação em Diversidade e Gênero e o PSE. Além dessas medidas, encontram-se diversas publicações do MS destinadas aos profissionais da saúde para orientá-los a trabalhar sexualidade com adolescentes. Apesar dessas medidas e dessas publicações, a implementação da ES no Brasil ainda não acontece de forma efetiva e com a abrangência necessária.

Percebemos que talvez as medidas propostas pelo governo brasileiro encontrem dificuldade de infiltração no ambiente escolar, porque ocorre uma descontextualização das políticas públicas na educação, o que favorece a fragilidades dessas políticas. O MS tem publicado manuais destinados a orientar os profissionais de saúde sobre esse assunto, porém esses documentos não têm conseguindo capacitar esses profissionais para atuarem com adolescentes, o que leva a entender que seria necessário uma capacitação para permitir um maior conhecimento dessas publicações e orientá-los melhor sobre as ações propostas.

Vários profissionais são apontados para trabalhar ES no ambiente escolar como professores e profissionais da saúde. Para que esses profissionais sejam capazes de abordar a ES considerando todos os aspectos relacionados à sexualidade, entendemos que para tal é preciso investir na formação desses profissionais, porque a sexualidade geralmente não é abordada na formação desses profissionais, favorecendo a relação da sexualidade com genitalidade e a transmissão de crenças e tabus em relação ao assunto.

Assim como os profissionais apresentam o entendimento da sexualidade como sinônimo de genialidade, vários estudantes do Estudo I e Estudo II também apresentaram esse entendimento. Portanto, para que possamos trabalhar todos os aspectos relacionados à sexualidade com estudantes, é necessário desmitificar esse assunto, primeiramente, com os profissionais que são destinados a falar sobre o tema. Além da formação desses profissionais, é necessário que as fragilidades existentes nas políticas públicas sejam sanadas.

No Estudo II, os estudantes do IFMG-SJE citaram vários assuntos relacionados à ES para serem trabalhados dentro e fora da sala de aula, sendo os mais citados preconceito e intolerância, violência de gênero/abuso sexual, sexo/sexualidade/IST/HIV; dados semelhantes foram encontrados no Estudo I.

Em relação aos assuntos discutidos no IFMG-SJE dentro e fora da sala de aula com os estudantes do Estudo II, foram apontados assuntos como preconceito e intolerância, violência de gênero/abuso sexual, sexo/sexualidade/IST/HIV, porém essas discussões aconteceram com pouca frequência e de uma forma desfragmentada. Em algumas situações, os estudantes citaram que alguns assuntos discutidos geraram mais conflitos do que esclarecimento sobre o assunto.

Por causa dessa situação, percebemos uma falta de preparo dos professores da instituição em lidar com situações relacionadas à sexualidade dos estudantes que surgem dentro da sala de aula. Percebemos que mesmo que a instituição não queira falar sobre esse assunto seja dentro ou fora da sala, ela está presente na instituição, e diante da falta de preparo para lidar com o assunto, corre-se o risco de transferências de crenças pessoais para os estudantes, o que pode levar a uma rejeição dos adolescentes em falar sobre o assunto, conforme citado por alguns estudantes do Estudo II. Além dessas questões, foi citado pelos estudantes desse estudo que acontecem situações preconceituosas e discriminatórias dentro da Instituição como a homofobia, diante dessas situações a instituição adotou medidas de caráter punitivo, sem promover uma conscientização sobre essas situações.

Portanto, entendemos que para uma ES conseguir alcançar seus objetivos no IFMG-SJE, ou em outras instituições de ensino, de saúde entre outras, faz-se necessária a capacitação dos profissionais envolvidos com ES com o intuito de desmitificar os preconceitos, tabus e crenças em relação à sexualidade, para que sejamos capazes de atuar de forma positiva e coerente com a manifestação da sexualidade dos estudantes. Ainda que o

ambiente escolar seja apontado como o local favorável, é necessário que entre as ações da ES os pais estejam incluídos nas discussões e capacitações.

Para os estudantes do Estudo II, a abordagem da ES deveria acontecer em grupos menores, apesar de considerarem necessário que aconteçam também ações mais expositivas como o de uma palestra ou de uma aula tradicional. Eles entendem que discussões em grupos menores e mais dinâmicas seriam mais adequadas, porque permitem que participem das discussões e favorecem uma reflexão sobre o assunto, despertando maior interesse.

Esse tipo de metodologia sugerida pelos estudantes do Estudo II foi apontada por vários autores do Estudo I como efetiva e adequada para trabalhar com adolescentes, porque permite uma maior interação entre eles e uma construção conjunta do assunto. Muitas oficinas com caráter interventivo do Estudo I citaram que os estudantes apresentaram um maior conhecimento sobre os assuntos abordados após essas oficinas, o que reforça a importância de ações que permitem a interação dos estudantes.

Entendemos que diante dos dados apresentados pelos estudantes do IFMG-SJE no Estudo II, e pela necessidade de promover uma discussão no ambiente escolar sobre uma abordagem da sexualidade de uma forma mais abrangente, abordagem sugerida por vários autores citados na revisão bibliográfica e no Estudo I, recomenda-se que o IFMG-SJE promova uma discussão na comunidade escolar afim de retomar a execução do PEAS ou criar outro programa voltado para a discussão dessa temática. Ao promover esse tipo de discussão a instituição, estaria exercendo o seu papel educacional perante a sociedade, que além da transmissão de informação, estaria auxiliando na formação dos estudantes. Dessa forma a instituição estaria auxiliando os estudantes a repensar e refletir sobre suas ações, contribuindo para minimizar vulnerabilidades futuras e presentes durante o período de formação dos estudantes na instituição. Sendo que a não superação das diversas vulnerabilidades que poderão estar presentes durante a adolescência, poderá impactar negativamente na vida desses adolescentes.

Consideramos que essa discussão aconteça com intuito de institucionalizar esse tipo ação, para que seja um programa da instituição e não apenas de uma gestão ou que dependa da sensibilidade pessoal de servidores para promoção dessa temática no IFMG-SJE. Além dessa discussão e implementação do programa, entendemos que é necessário que seja ofertado cursos ou minicursos para os profissionais que se dispuserem a trabalhar essa temática com intuito de ampliar a compreensão do assunto e desmitificar crenças, mitos e paradigmas.

Apesar da importância da ES, percebemos um retrocesso com a BNCC, com a orientação em trabalhar a ES apenas na área de Ciências e Biologia. Portanto, para que a ES seja efetiva e possa proporcionar aos adolescentes uma reflexão sobre suas ações e estimular o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais saudáveis e respeitosos, precisamos continuar discutindo e mostrando a importância da implementação da ES no ambiente escolar, para promover uma reflexão e incentivar a inserção desse assunto, assim como tantos outros, que foram introduzidos em políticas públicas por meio da mobilização da sociedade para que seus direitos fossem garantidos.

Os objetivos da pesquisa foram atingidos, permitindo a compreensão da importância da ES no ambiente escolar. Como não há pretensão de esgotar o assunto pesquisado e diante da complexidade que envolve o desenvolvimento do adolescente, a sexualidade e as práticas educativas, acredita-se que pesquisas em relação ao assunto continuem sendo desenvolvidas para contribuir para o desenvolvimento e compreensão biopsicossocial da sexualidade e mudanças de atitude dos adolescentes, profissionais da saúde e educação para que seja possível construir uma educação cidadã, transformadora e respeitosa.

8 REFERÊNCIAS

ALTMAN, H. **A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social.** Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 287-310. dez. 2007

ALTMAN, H. Sexualidad, Salud y Sociedad - **Revista Latino americana** ISSN 1984-6487 / n.13 - abr. 2013 - pp.69-82.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus,1997

AZEVEDO, L.S. **Compreendendo os sentimentos do adolescente em seu processo de iniciação sexual**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BALEEIRO, M. C., et al. **Sexualidade do Adolescente; fundamentos para uma ação educativa.** Belo Horizonte: Fundação Odebrecht, 1999.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARREIRO , A ; MARTINS,F.H. **Bases e fundamentos legais para a discussão de gênero e sexualidade em sala de aula.** Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.34, n.68, p.93-106, 2016.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi-Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMFELD, T.S. **Autonomia do Cuidado: Interlocução Afetivo- Sexual com Adolescentes no PET-Saúde.** Revista brasileira de educação médica. 71 – 80; 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino de quinta a oitava séries**. Disponível em:<de ftp://ftp.fnde.gov.br/web/pcn/05_08_orientacao.pdf > Acesso: Junho, 2019.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Marco teórico e referencial:** saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente:** competências e habilidade**.** Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação /Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP/ Fundação do Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e**

orientação sexual. São Paulo: maio de 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC C_20dez_site.pdf>. Acesso em: 17 de dezembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Dep. de Prevenção e Controle das IST. **Boletim Epidemiológico - HIV Aids Julho de 2017 a junho de 2018 .** V.49-Nº 53-2018.

BRASIL. Ministério Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, DCCI. **Boletim Epidemiológico Especial de Sífilis.** Ano V – nº 01 Número Especial | Out. 2019

BREUNER, C.C; MATSON**,** G. **Sexuality Education for Children and Adolescents.** Pediatrics Volume 138. August 2016.

BRÊTAS, J.R.S**. Vulnerabilidade e adolescência**. Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped. v.10, n.2, p.89-96 São Paulo, dezembro de 2010.

BRILHANTE, A.V. M; CATRIB, A.M.F. **Sexualidade na adolescência.** Rev**.** Feminina: vol. 39 nº 10, Outubro 2011.

CAJAIBA, R.L. **Percepção sobre sexualidade pelos adolescentes antes e após a participação em oficinas pedagógicas.** Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias Vol. 12, Nº 2, 234-242, 2013.

CAPELLINI, V. L. M. F., FONSECA, K.A. **O direito de aprender de todos e de cada um.** Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara, v.19, p.107-127, jan./jun. 2017.

CARIDADE, Amparo. **Sexualidade:** corpo e metáfora. São Paulo: Iglu, 1997.

CAVALCANTI, E.C.T; OLIVEIRA, R.C. **Políticas públicas de combate e enfrentamento à violência de gênero.** Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras, v. 2, 192-206, jun/dez. de 2017.

CONTINI, M.L. J; KOLLER, S.H; BARROS,M.N.S. Conselho Federal de Psicologia. **Adolescência e psicologia:** concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro, 2002.

COSTA, C.O.M. **Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção.** J Pediatr (Rio Janeiro) 2001.

COSTA, M.A. *et al*. **Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade**. Rev. Enferm. UFSM 4(1): 123-132 Jan/Mar, 2014.

COSTA, R.R.O. *et al* .**As rodas de conversa como espaço de cuidado e promoção da saúde mental**. Revista de Atenção à Saúde, v. 13, no 43, p.30-36, jan./mar. 2015.

CRESWELL, J.W. **Investigação e projeto de pesquisa:** escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Malmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso,2014.

DAVIM, R.M.B *et al.* . **Adolescente/adolescência:** revisão teórica sobre uma fase crítica da vida**.** Rev. Rene. Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 131-140, abr./jun.2009.

EISENSTEIN, E. **Adolescência:** definições, conceitos e critérios. Adolescência & Saúde, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 6-7, abr./jun. 2005.

EUROPEAN EXPERT GROUP ON SEXUALITY EDUCATION (2016).**Sexuality education –**what is it? Sex Education, 16:4, 427-431, set. 2015.

FEBRASGO;Comitê Brasileiro Especializado em Sexologia da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e SBRASH; Obstetrícia e Associação Brasileira de Estudos sobre Sexualidade Humana. **Sexuality Education in Schools**. Re. Bras. Ginecol. Obstet. 40:731,732, 2018.

FONSECA, F. F. et al . As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo , v. 31, n. 2, p. 258-264, June 2013.

FREIRE, A.K.S, *et al*. **Aspectos psicossociais da sexualidade na adolescência:** diálogos e aprendizagem na escola**.** Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina, v. 38, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 2017.

FREIRE, P. '**Ideologia de gênero' e a política de educação no Brasil:** exclusão e manipulação de um discurso heteronormativo. Ex aequo, Lisboa, n. 37, p. 33-46, jun. 2018.

FURLANI, J. **Educação Sexual — quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 26, n. 1, 283-317, jan./jun. 2008.

FURLANI, J. **Educação Sexual na Sala de Aula:**relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. 1 ed.; 1 reimp.-Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.98, 1996.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação sexual:** como ensinar no espaço da escola**.** Revista Linhas ISSN: 1984-7238. v.7,n.1 , 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais:** adiar não é mais possível. 2ed – Londrina, PR: Eduel: 2014.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora,2012.

GONÇALVES, M.A.S. **Escola, adolescência e construção de identidade.** In:,BAQUERO, Rute Vivian Ângelo (Org.). Agenda jovem:o jovem na agenda. Ijuí: Unijuí, 173-206. 2008.

HERCULANO, H.S. **O cérebro em transformação**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

IBGE. Banco de Tabelas Estatísticas. **Dados do Censo Demográfico de 2010**. Disponível em:<**https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1552**> Acesso em: 24/07/2019.

IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IBGE. **Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015 / IBGE**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA (IPEA**). Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar).** Brasília: Ipea, Nota Técnica n. 11, mar 2014.

KERR, L.M.D *et al.* **HIV prevalence among men who have sex with men in Brazil: results of the 2nd national survey using respondent-driven sampling.** Rev**.** Medicine. 97(1S):S9-S15, May 2018.

LIPP, M. E. N. **Educação afetiva:** Orientação para pais. In: Marilda Emmanuel Novaes Lipp. (Org.). O adolescente e seus dilemas: Orientação para pais e educadores. : Papirus, 2010, v. 1, p. 11-26.

MAIA, A.C.B. **Sexualidade e educação**. Acervo digital da UNESP: Julho de 2014. Disponível em:<https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155340?mode=full>Acesso em 24/08/19.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P.R.M. **Educação sexual: princípios para ação**. Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MARTINS, G.A. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAS GERAIS**. Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais.** Portal de Informações. Programa Afetivo-Sexual**.** Março de 2007. Disponível em:<http://www.saude.mg.gov.br/component/gmg/page/339-programa-afetivo-sexual-sesmg>. Acesso em: 25/08/19.

MIRANDA, J.R. **A educação sexual como disciplina no currículo da formação inicial de professores:** caminhos, conquistas e desafios**.** XXII Congresso de Educação 26 a 29 de out. de 2015.

MIRANDA, P.S.F et al. **Comportamentos sexuais:** estudo em jovens. Einstein, São Paulo. 16(3): 1-7. 2018.

MIRANDA, A.E.B. **Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis:** desafios no âmbito da saúde coletiva. In: ARAÚJO, M.A.L.A; GUANABARA,M.A.O; NUNES,A.S Fortaleza : Eduece, 2018.

MUYLAERT C.J, JÚNIOR V.S, GALLO P.R, NETO M.L.R, REIS A.O.A. **Entrevistas**

narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**.** Rev. Esc. Enferm. USP 48:193-199, 2014.

NATARELLI, T.R.P, *et al.* **O impacto da homofobia na saúde do adolescente.** Escola Anna Nery 19 Out-Dez, 2015.

NIEDERAUER, A.S. **As bases neuropsicológicas do comportamento adolescente e suas implicações no campo educacional.** Revista Acadêmica Licencia&acturas. Ivoti v. 2 n.1. p. 24-32. janeiro/junho, 2014.

NOGUEIRA, Daniela Macias. **Gênero e sexualidade na educação**. In: I SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1, 2010. Londrina, Universidade Estadual de Londrina. Anais... Londrina, 2010, 1 CD. Disponível em: < http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.DanielaNogueira.pdf> Acesso em: 18 dez. 2019.

NOTHAFT, S.C.S. *et al*. **Sexualidade do adolescente no discurso de educadores:** possibilidades para práticas educativas**.** Rev Min Enferm. 18: 284-289, abr/jun, 2014.

OLIVEIRA, A. B. S. **A importância do programa de educação afetivo-sexual para os estudantes do instituto federal de educação, ciência e tecnologia de minas gerais-campus são João evangelista** 2010.152f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Agronomia-Rio de Janeiro.

OPAS/BRASIL. **A cada dia, há 1 milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis curáveis.** Brasília, DF, Brasil**.** 6 de junho de 2019. Disponível em:<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5958:a-cada-dia-ha-1-milhao-de-novos-casos-de-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis&Itemid=812>Acesso em: 21 de out. de 2019.

QUEIRÓS, O.S. *et al.* **Concepções de pais de adolescentes escolares sobre a sexualidade de seus filhos**. Rev Rene. 17: 293-300, Mar-Apr, 2016.

RIBEIRO, P.C.S. **Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais**. Atenção à Saúde do Adolescente. Belo Horizonte, 2006.

REIS, E.F.A. **Escola e sexualidades:** diferentes concepções/muitos desafios**.** Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense; Niterói-RJ, 2009.

RUFINO, A.C.; MADEIRO, A.P.; GIRAO, M.J. B. C. **O Ensino da sexualidade nos cursos médicos: a percepção de estudantes do Piauí**. Rev. bras. educ. med**.**, Rio de Janeiro , v. 37, n. 2, p. 178-185, Jun 2013.

SAVEGNAGO, D.O.S.; ARPINI, D.M. **Diálogos sobre sexualidade na família:** reflexões a partir do discurso de meninas**.** Psicol. Argum. 32(76), 57-67, jan./mar, 2014.

SANTOS, S. H., ANDRADE, V.M., BUENO, O.F.A. (Orgs.) **Neuropsicologia hoje** (2ª edição). Porto Alegre: Artmed, 2015.

SANTOS, L. V. **Sexualidade humana: nível de conhecimento dos acadêmicos de Enfermagem.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 303-306, jun. 2007.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

SAWYER,S.M , AZZOPHARI, P.S , WICKREMARATHNE D , PATTON G.C . **The age of adolescente.** Lancet Child Adolesc Health. 2 (3): 223-228. doi: 10.1016 / S2352-4642 (18) 30022-1. Mar; 2018.

SCARATTI, M *et al***. Sexualidade e adolescência:** concepções de professores do ensino básico**.** Rev. Enferm UFSM 6(2): 164-174, Abr./Jun.; 2016.

SILVA, R. **Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs.** Educ. rev. n.57, p.221-238, 2015.

SILVA, T.C; MENDES, D.E. **A contemporaneidade acerca da adolescência e a sexualidade.** Psicologia e Saúde em Debate Volume 1, Número 1 , Abril, 2015.

SILVA, C. S. F.; BRANCALEONI,A. P. L ; OLIVEIRA,R. R.. **Base nacional comum curricular e diversidade sexual e de gênero: (**des)caracterizações. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1538-1555, jul. 2019.

SILVEIRA, C.S. **Pesquisa em enfermagem oncológica no Brasil:** uma revisão integrativa. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)-Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

SOUZA, C.M, ADESSE, L. **Violência sexual no Brasil:** perspectivas e desafios. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. 188p.

TAVARES, M.S. **Roda de conversa entre mulheres:** denúncias sobre a lei Maria da Penha e descrença na justiça. Estudos Feministas, Florianópolis, 2.3(2): 352 maio-agosto, 2015.

TEIXEIRA-FILHO, F.S; RONDINI, C.A; BESSA, J.C. **Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista**. Educ. Pesqui**.** São Paulo, v. 37, n. 4, p. 725-741, Dec. 2011.

UNESCO. Setor Educacional/Divisão de Coordenação das Prioridades da ONU em Educação Seção VIH e SID. **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade:** Uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Paris: UNESCO, Junho 2010.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro:** tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO, 2014. 53 p.

UNESCO. **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade:** Uma abordagem baseada em evidências. Edição revisada. Paris: UNESCO, 2018.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Situação mundial da infância 2011**. New York USA: Fevereiro de 2011.

VIANNA, C.; UNBEHAUM, S. **Gênero na educação básica: quem se importa?** Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil**.** Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006.

VIEIRA, P.M.V.; MATSUKURA, T.S. **Modelos de educação sexual na escola:** concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública**.** Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017.

VIEIRA, P. M; MATSUKURA, T.S; VIEIRA, C.M. **Políticas públicas e educação sexual: percepções de profissionais da saúde e da educação.** Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**,** Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 69-87, set. 2017.

WITTIZORECKI, E.S.*et al*. **Pesquisar exige interrogar-se:** A narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do (a) pesquisador (a). Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 09-33, maio/agosto de 2006.

XAVIER FILHA, C**. Educação para a(s) sexualidade(s):** carregar água na peneira1? Revista Diversidade e Educação, v. 5, n. 2, p. 16-39, Jul./Dez. 2017.

9 APÊNDICES

Apêndice A - Termo de assentimento

INFORMAÇÕES AOS PARTICIPANTES

1 – Título do protocolo do estudo:

Contribuições do ambulatório José Lucas dos Santos para uma abordagem da educação em sexualidade no IFMG-SJE

2 – Convite:

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa "Contribuições do ambulatório José Lucas dos Santos para uma abordagem da educação em sexualidade no IFMG-SJE.". Antes que decida sobre a sua participação, é importante que você entenda o objetivo do estudo. Leia, cuidadosamente, as informações a seguir e pergunte caso tenha dúvidas. Aguardo sua decisão sobre a participação no projeto. Não tenha pressa.

3 – Qual o objetivo do estudo?

Esse estudo tem por objetivo investigar a percepção dos estudantes das terceiras séries dos cursos técnicos integrados em relação à educação em sexualidade após o ingresso no IFMG-SJE.

4 – Por que você foi escolhido (a)?

Você foi escolhido a participar do estudo por fazer parte dos critérios de inclusão do mesmo.

5 – Eu tenho que participar?

Você é quem decide se gostaria de participar deste estudo. Caso decida participar do mesmo, receberá uma via dessa folha de informações para guardar e deverá assinar um destes termos de consentimento, que ficará conosco. Caso decida participar, você ainda terá a liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento e, sem dar justificativas, não havendo qualquer punição ou prejuízo.

6 – O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?

Se você autorizar sua participação nesta pesquisa, você irá preencher alguns questionários e instrumentos que têm por objetivo investigar a percepção dos estudantes dos cursos técnicos integrados em relação à educação em sexualidade após o ingresso no IFMG-SJE. A resposta aos instrumentos deve durar cerca de 15 minutos.

7 – O que é exigido de mim neste estudo além da prática de rotina?

Somente o desejo de participar, ter entre 14 e 19 anos, ser estudante dos cursos Técnicos Integrados do IFMG-SJE. Além disso, comparecer à reunião que será agendada com antecedência.

8 – Quais são os efeitos colaterais ou riscos ao participar do estudo?

As tarefas a serem realizadas oferecem pequenos riscos para os participantes. É possível que você se sinta cansado com o preenchimento dos questionários. Além disso, você pode se sentir ansioso por ter de lidar com seus próprios sentimentos e comportamentos no dia-a-dia. Caso você sinta algum desconforto ou descontentamento maior, salientamos novamente que você pode desistir do estudo, sem qualquer prejuízo.

9 – Quais são os possíveis benefícios de participar?

Os principais benefícios desta pesquisa dar-se-ão indiretamente, com o avanço do conhecimento. Caso você queira, podemos lhe deixar informado acerca dos resultados que esta pesquisa gerou. Basta que você nos informe, num e-mail, ao final do questionário, para que possamos lhe passar os resultados principais do estudo. É importante salientar que você não terá nenhum custo em participar desta pesquisa. Do mesmo modo, você não receberá nenhum retorno financeiro por sua participação.

10 – O que acontece quando o estudo termina?

A equipe de pesquisa fará uma devolutiva aos participantes interessados sobre os resultados obtidos. A pesquisa também gerará publicações científicas a serem publicadas em revistas especializadas.

11 – E se algo der errado?

Só trabalharemos com o consentimento dos envolvidos. Haverá um risco mínimo na participação desta pesquisa. Não há no projeto nada previsto para forçar nem expor os participantes a algum outro risco. Assim, caso você sinta qualquer desconforto, basta desistir da pesquisa, sem nenhum prejuízo maior.

12 – Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Sim. As informações coletadas serão mantidas em lugar seguro, codificadas e a identificação só poderá ser realizada pelo pessoal envolvido diretamente com o projeto. Os dados serão guardados em armários chaveados por, no mínimo, cinco anos. Caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, não serão utilizados nomes que possam vir a identificá-lo.

13 – Remunerações financeiras:

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está prevista pela sua participação nesta pesquisa. Você não terá nenhuma despesa ao participar da pesquisa, mas caso haja algum gasto comprovadamente referente à participação no estudo, o ressarcimento será garantido.

14 – Contato para informações adicionais:

Em qualquer momento do estudo, você poderá obter mais informações com o pesquisador Erika Euzébio Oliveira, pelo telefone (033) 98823-7550, que estará apto a solucionar suas dúvidas. Você poderá solicitar quaisquer informações acerca deste projeto. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – localizado no localizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro BR-465, Km 7 Seropédica-Rio de Janeiro CEP: 23.897-000.

Pesquisador Responsável: Erika Euzébio Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: "Contribuições do ambulatório José Lucas dos Santos para uma abordagem da educação em sexualidade no IFMG-SJE". Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas.

_____ _____

Assinatura do participante Assinatura do pesquisador responsável

1.Adaptado de Hirata, HP ,2018 "Terapia de aceitação e comprometimento e terapia metacognitiva: uma intervenção integrativa em pacientes com hipertensão e/ou diabetes com sintomas depressivos".

Apêndice B - termo de consentimento livre e esclarecido

INFORMAÇÕES AOS PAIS

1 – Título do protocolo do estudo:

Contribuições do ambulatório José Lucas dos Santos para uma abordagem da educação em sexualidade no IFMG-SJE.

2 – Convite:

Você está sendo convidado (a) a permitir que seu filho (a) participe da pesquisa "Contribuições do ambulatório José Lucas dos Santos para uma abordagem da educação em sexualidade no IFMG-SJE". Antes de permitir que seu filho(a) participe, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler, cuidadosamente, as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se permitirá que seu filho(a)participe ou não desta pesquisa.

3 – Qual o objetivo do estudo?

Este estudo tem por objetivo investigar a percepção dos estudantes das terceiras séries dos cursos técnicos integrados em relação à educação em sexualidade após o ingresso no IFMG-SJE.

4 – Por que seu filho (a) foi escolhido (a)?

Foi escolhido a participar do estudo porque faz parte dos critérios de inclusão do estudo.

5 – Ele tem que participar?

Ele decide se gostaria de participar ou não deste estudo. Se decidir participar do estudo, você receberá uma via desta folha de informações para guardar e deverá assinar um destes termos de assentimento, que ficará conosco. Mesmo se ele decidir participar, ele ainda terá a liberdade para desistir da pesquisa, a qualquer momento e, sem dar justificativas, não havendo qualquer punição ou prejuízo.

6 – O que acontecerá com ele se participar? O que ele tem que fazer?

Se você der sua autorização para seu filho (a) participar da pesquisa, ele irá participar de uma roda de conversa que acontecerá no IFMG-SJE, que tem por objetivo apercepção dos estudantes dos cursos técnicos integrados em relação à educação em sexualidade após o ingresso no IFMG-SJE. A resposta aos instrumentos deve durar cerca de 15 minutos.

7 – O que é exigido de mim neste estudo além da prática de rotina?

Somente o desejo de que seu filho participe deste estudo e preenchimento deste documento.

8 – Quais são os efeitos colaterais ou riscos que ele terá ao participar do estudo?

As tarefas a serem realizadas oferecem pequenos riscos para os participantes. É possível que ele se sinta cansado com a participação da roda de conversa e preenchimento dos questionários.

9 – Quais são os possíveis benefícios de participar?

Os principais benefícios desta pesquisa dar-se-ão indiretamente, com o avanço do conhecimento. Caso você queira, podemos lhe deixar informado acerca dos resultados que esta pesquisa gerou. Basta que você nos informe, ao final do questionário, um e-mail, para que possamos lhe passar os resultados principais do estudo. É importante salientar que você não terá nenhum custo em participar desta pesquisa. Do mesmo modo, você não receberá nenhum retorno financeiro por sua participação.

10 – O que acontece quando o estudo termina?

A equipe de pesquisa fará uma devolutiva aos participantes interessados sobre os resultados obtidos. A pesquisa também gerará publicações científicas a serem disseminadas em revistas especializadas.

11 – E se algo der errado?

Só trabalharemos com o consentimento dos envolvidos. Haverá um risco mínimo na participação desta pesquisa. Não há no projeto nada previsto para forçar nem expor os participantes a algum outro risco. Assim, caso você sinta qualquer desconforto, basta orientar seu(a)filho (a) a desistir da pesquisa, sem nenhum prejuízo maior.

12 – Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Sim. As informações coletadas serão mantidas em lugar seguro, codificadas e a identificação só poderá ser realizada pelo pessoal envolvido diretamente com o projeto. Os dados serão guardados em armários chaveados por, no mínimo, cinco anos. Caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, não serão utilizados nomes que possam vir a identificá-lo.

13 – Remunerações financeiras:

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está prevista pela sua participação nesta pesquisa. Você não terá nenhuma despesa ao participar da pesquisa, mas caso haja algum gasto comprovadamente referente à participação no estudo, o ressarcimento será garantido.

14 – Contato para informações adicionais:

Em qualquer momento do estudo, você poderá obter mais informações com o pesquisador Erika Euzébio Oliveira, pelo telefone (033) 98823-7550, que estará apto a solucionar suas dúvidas. Você poderá solicitar quaisquer informações acerca deste projeto. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – localizado no localizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro BR-465, Km 7 Seropédica-Rio de Janeiro CEP: 23.897-000.

Pesquisador Responsável: Erika Euzébio Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: "Percepção dos estudantes dos cursos técnicos integrados em relação à educação em sexualidade após o ingresso no IFMG-SJE". Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas.

_____ _____

Assinatura do responsável do participante Assinatura do pesquisador responsável

1. Adaptado de Hirata, HP,2018 "Terapia de aceitação e comprometimento e terapia metacognitiva: uma intervenção integrativa em pacientes com hipertensão e/ou diabetes com sintomas depressivos"

Apêndice C - Roteiro para conduzir as rodas de conversas

Tempo de duração: mínimo 1h-máximo 1h 30 min

Abertura do grupo: breve auto apresentação, explicação dos objetivos do encontro, informar novamente que as conversas serão gravadas.

Iniciar com jogo de perguntas e respostas com as seguintes questões:

1- Você considera importante falar sobre preconceito e intolerância na escola?
2- O que é comportamento sexual?
3- Que atitudes você considera efetiva para desenvolver a habilidade de comunicação recusa e negociação?
4- Como você vê a violência de gênero?
5- Em situações de violência sexual, existe algum comportamento que justifica esse tipo de violência?
6- Quais atitudes você considera necessárias para se prevenir de IST e HIV?

Perguntar: O que é sexualidade para você? Pedir que anotem o que acham sobre o assunto, depois de uns 2 minutos permitir que todos falem o que anotou.

Após todos falarem sobre o que acham sobre esse assunto, explicar o que é sexualidade.

Entregar questionário para preenchimento.

Apêndice D - Questionário

SEXO: **IDADE:** **RELIGIÃO:**
CURSO: **SÉRIE:**
TIPO DE MORADIA:
CIDADE DE ORIGEM:

1-Assuntos relacionados à sexualidade foram abordados e discutidos em sala de aula após seu ingresso no IFMG-SJE?

2-Em caso de positivo, quais destes assuntos foram abordados?

( ) Preconceito e intolerância;
( ) Comportamento sexual; habilidade de comunicação recusa e negociação;
( ) Violência de gênero, abuso sexual;
( ) Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva; puberdade; imagem corporal;
( ) Sexo e sexualidade; IST e HIV.

Com que frequência essas discussões ocorrem?

3-Assuntos relacionados à sexualidade são abordados e discutidos fora da sala de aula após seu ingresso no IFMG-SJE?

Em caso de positivo, quais destes assuntos foram abordados?

( ) Preconceito e intolerância;
( ) Comportamento sexual; habilidade de comunicação recusa e negociação;
( ) Violência de gênero, abuso sexual;
( ) Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva; puberdade; imagem corporal;
( ) Sexo e sexualidade; IST e HIV.

4-Com que frequência essas discussões ocorrem?

5-Quais assuntos relacionados à sexualidade você gostaria que fosse trabalhado no IFMG-SJE?

6-Conte-me sobre o que você aprendeu/achou sobre as discussões em sala de aula!

7-Conte-me sobre o que aprendeu/achou sobre as discussões fora da sala de aula!

Apêndice E - Termo de anuência da instituição[1]

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais *Campus* São João Evangelista está ciente e autoriza a Pesquisadora Erika Euzébio Oliveira a realizar o projeto de pesquisa "Percepção dos estudantes dos cursos técnicos integrados em agropecuária em relação à educação em sexualidade após o ingresso no IFMG-SJE", sob orientação de Ana Cláudia de Azevedo Peixoto.

Declaro que fui devidamente informado(a) ou e esclarecido(o) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da mesma.

Local e data

Assinatura com carimbo da Instituição

[1]Adaptado CNPQ 2009

10 ANEXOS

Anexo A - Parecer comitê de ética da UFRRJ

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMISSÃO DE ÉTICA NA PESQUISA DA UFRRJ / CEP

Protocolo N° 1.265/18

PARECER

O Projeto de Pesquisa intitulado "Contribuições do Ambulatório José Lucas dos Santos para uma abordagem da educação em sexualidade no IFMG-SJE" sob a coordenação da Professora Drª. Ana Cláudia de Azevedo Peixoto, do Instituto de Agronomia/Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, processo 23083.031856/2018-97, atende os princípios éticos e está de acordo com a Resolução 466/12 que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

UFRRJ, 14/12/18.

Prof.ª Dra. Lúcia Helena Cunha dos Anjos
Pró-Reitora Adjunta de Pesquisa e Pós-Graduação

Anexo B - Termo de anuência da instituição assinado

APÊNDIC E

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais *Campus* São João Evangelista está ciente e autoriza a Pesquisadora Erika Euzébio Oliveira a realizar o projeto de pesquisa "Contribuições do ambulatório José Lucas dos Santos para uma abordagem da educação em sexualidade no IFMG-SJE", sob orientação Ana Claudia de Azevedo Peixoto.

Declaro que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da mesma.

São João Evangelista, 18 de fevereiro 2019.

José Roberto de Paula
Diretor Geral

José Roberto de Paula
Diretor Geral
Port. IFMG: 1329/2015

Adaptado CNPQ 2009